

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ LUIZ LEME

**A ESTRATÉGIA POLÍTICA NO PRINCIPADO ROMANO DO
SÉCULO II D.C.: A COMPARAÇÃO ENTRE ALEXANDRE, O
GRANDE, E ADRIANO SEGUNDO A ANÁBASE DE
ARRIANO DE NICOMÉDIA**

CURITIBA

2011

ANDRÉ LUIZ LEME

**A ESTRATÉGIA POLÍTICA NO PRINCIPADO ROMANO DO
SÉCULO II D.C.: A COMPARAÇÃO ENTRE ALEXANDRE, O
GRANDE, E ADRIANO SEGUNDO A ANÁBASE DE
ARRIANO DE NICOMÉDIA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Professor Doutor
Renan Frighetto

CURITIBA

2011

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Leme, André Luiz

A estratégia política no principado romano do século II d.C.:
a comparação entre Alexandre, O Grande, e Adriano segundo a
Anábase de Arriano de Nicomédia / André Luiz Leme. – Curitiba,
2011.

133 f.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto
Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Nicomédia, Arriano de, 86-175. Anábase de Alexandre
Magno. 2. Roma – Historiografia – Séc.IId.C. 3. Alexandre, o
Grande, 356-326 a.C. 4. Nicomédia, Arriano de, 86-175 – crítica
e interpretação. I. Título.

CDD 945.01



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716. fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de André Luiz Leme, intitulada: **A estratégia política no principado romano do século II d.C.: a comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábase de Arriano de Nicomédia**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, primeiro de março de dois mil e onze.

Prof. Dr. Renan Frighetto (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr.ª Arminda Lozano (UCM/Universidad Complutense de Madrid)
1º Examinador

Prof. Dr.ª Fátima Regina Fernandes Frighetto (UFPR)
2º Examinador

À toda minha família, motivo de orgulho e muita felicidade
À minha querida mãe, Aldeci, e pai, Luiz (*in memoriam*)
À minha sempre amada, Elaine

AGRADECIMENTOS

Como homem de poucas palavras no dia-dia, tenho nesse momento a oportunidade de agradecer adequadamente à todos aqueles que, mesmo indiretamente, contribuíram de forma decisiva para meu desenvolvimento enquanto ser humano e profissional. O presente estudo tornar-se-ia inviável sem a colaboração deles.

Agradeço ao apoio recebido de minha família. O carinho de minhas irmãs, Cinthia e Viviane, e à minha mãe, Aldeci, uma fonte de apoio constante e inesgotável no meu cotidiano. Devo lembrar de meu pai, o qual sempre motivou minha trajetória de estudos e que hoje, do céu, certamente guia meus passos e oferece sua proteção. Agradeço ao pequeno Arthur, pois é na vontade de fazê-lo se orgulhar do padrinho que várias vezes busquei minhas forças. Um agradecimento especial para minha companheira, querida e amada Elaine, principalmente pelo amor incondicional oferecido a todos os momentos, pela paciência a cada dificuldade e ajuda fundamental na concretização desse estudo.

Na minha trajetória acadêmica, um especial agradecimento ao professor Doutor Renan Frighetto. Seu apoio, confiança e valorização de meu trabalho tornaram possível minha ascensão no campo dos estudos históricos, ao mesmo tempo em que sua alegria e amizade eternizaram uma memória de muita felicidade em vários momentos de minha vida. Agradeço também à professora Doutora Fátima Regina Fernandes, referencial de profissionalismo e força, e à professora Doutora Aline Dias da Silveira, ambas pelas valiosas contribuições em minha banca de qualificação.

Por último, agradeço à Deus, pois tenho consciência de que todas as nossas realizações são frutos de uma grande inspiração que transcende ao mundo que vivemos hoje.

RESUMO

O presente estudo tem por base uma análise da obra *Anábase de Alexandre Magno*, escrita pelo grego Arriano de Nicomédia (cerca de 90 – após 145/6 d.C.) na primeira metade do século II d.C. Enquanto proposta historiográfica, o escrito de Arriano resgatava a memória da expedição de Alexandre, o Grande, rumo à conquista do reino persa, tornando o rei macedônio um exemplo de liderança política e militar em plena época do Império Romano. De fato, na obra, o rei macedônio é caracterizado sob perspectivas muito positivas, as quais apontam para um conjunto de virtudes pessoais que ressaltam sua singularidade enquanto modelo ideal de governante. Assim, da inevitável comparação passado/presente que a obra oferece, vemos um autor que busca na história elementos para construir perspectivas teóricas válidas e pertinentes frente ao seu tempo, ou seja, dignas de reflexão e consentimento por parte daqueles envolvidos e influentes no ambiente de poder. Dessa forma, encaminhamos uma reflexão no sentido de problematizar o ímpeto e forma desse resgate da memória em torno da expedição de Alexandre, buscando na análise da relação autor-obra-contexto uma via de inteligibilidade para tal composição em pleno Império Romano de inícios do século II d.C.

Palavras-chave: Arriano de Nicomédia; Império Romano; Alexandre, o Grande;

RESUMO

Este estudio se basa en un análisis de la obra *Anábasis de Alejandro Magno*, escrita por el griego Arriano de Nicomedia (ca. 90 - después de 145 / 6 d.C.) en la primera mitad del siglo II d. C. Mientras una propuesta historiográfica, el escrito de Arriano rescataba la memoria de la expedición de Alejandro Magno hacia la conquista del reino Persa, convirtiendo el rey macedonio en un ejemplo de liderazgo político y militar en la época del Imperio Romano. De hecho, el rey macedonio es caracterizado sobre perspectivas muy favorables, las cuales apuntan para un conjunto de virtudes personales que ponen de relieve su singularidad como modelo ideal de gobernante. Así, de la inevitable comparación pasado/presente que el trabajo ofrece, vemos a un autor que busca en la historia elementos para construir perspectivas teóricas válidas y pertinentes para su tiempo, o sea, dignas de consideración y consentimiento por parte de los envueltos y influyentes hombres del ambiente de poder. Por lo tanto, encaminamos una reflexión tiendo por objetivo problematizar la forma e motivo de este rescate de la memoria sobre la expedición de Alejandro, buscando en la análisis de la relación autor-obra-contexto un camino de inteligibilidad para tal composición en el Imperio Romano del siglo II d.C.

Palabras clave: Arriano de Nicomedia, Imperio Romano, Alejandro Magno;

ABSTRACT

This study is based on an analysis of the work *Anabasis of Alexander*, written by the Greek Arrian of Nicomedia (ca. 90 - after 145/6 AD) in the first half of the second century AD. While a historiographical proposal, Arrian's written rescues the memory of Alexander's expedition towards the conquest of the Persian kingdom, becoming the Macedonian king an example of political and military leadership at the time of the Roman Empire. In fact, the Macedonian king is characterized under very favorable perspectives, demonstrating personal virtues which highlight his singularity as a model of ideal ruler. Thus, through the inevitable comparison past/present that the work offers, we see an author who seeks elements in story to build valid and relevant theoretical perspectives to his time, that is, worthy of consideration and consent for those influential and involved men related to the power. Therefore, this work addresses a discussion in order to problematize the reasons for this rescue of Alexander's expedition history, seeking in the relation author-work-context a way of intelligibility for this work in the Roman Empire from the early second century AD.

Keywords: Arrian of Nicomedia; Roman Empire, Alexander the Great;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 02
CAPÍTULO I: Arriano de Nicomédia.....	p. 08
CAPÍTULO II: A proposta historiográfica de Arriano de Nicomédia na <i>Anábase de Alexandre Magno</i>	p. 16
CAPÍTULO III: A escrita da história a serviço do poder.....	p. 36
3.1 - A instituição Principado.....	p. 37
3.2 - <i>Pax Romana</i>	p. 42
3.3 - Os sucessores de Augusto.....	p. 44
3.4 - Problemas e questões emergentes na sucessão imperial.....	p. 49
3.5 - O estoicismo como valor moral.....	p. 52
3.6 - A prática da adoção.....	p. 55
3.7 - Nerva e Trajano.....	p. 56
3.8 - O Imperador Adriano.....	p. 59
3.9 - Adriano, o Alexandre de seu tempo.....	p. 66
CAPÍTULO IV: A construção teórica do digno e legítimo governante na <i>Anábase de Alexandre Magno</i>	p. 70
4.1 - Obstáculos naturais: compreender para vencer.....	p. 71
4.1.1 - A batalha do monte Hemo.....	p. 72
4.1.2 - A travessia do rio Istro.....	p. 74
4.1.3 - A Rocha Sogdiana.....	p. 76
4.1.4 - A “nascente” do Rio Nilo.....	p. 79
4.2 - Os diálogos de Alexandre e Parmênio.....	p. 81
4.3 - Entre discursos e debates: para ser rei, é preciso ser o melhor.....	p. 91
4.3.1 - Discurso antes da batalha do rio Isso.....	p. 92
4.3.2 - Na costa fenícia, um grande desafio.....	p. 96
4.3.3 - O discurso de Calístenes.....	p. 98
4.3.4 - Alexandre é o melhor dos homens.....	p. 101
CONCLUSÃO - Adriano, o melhor homem por sua formação.....	p. 103
REFERÊNCIAS.....	p. 114
ANEXO I.....	p. 119
ANEXO II.....	p. 120
ANEXO III.....	p. 121

INTRODUÇÃO

Já anoitecera em Roma. Sob o luar, homens de grande importância e prestígio naquela sociedade encaminhavam-se para o palácio do Imperador romano. Tratava-se de uma situação especial: um banquete, momento para o qual Adriano prometera uma surpresa que deveria certamente agradar ao gosto de todos.

Aos poucos os convidados chegavam. Tão logo no lugar, aconchegavam-se, aproveitando todos da fartura de bebida e comida do lugar. Na entrada do Imperador, a saudação! Não tardou para que o mesmo se fizesse escutar por todos, através de palavras que ecoavam e faziam sentir bem a força e espírito que carregava dentro de si: “Neste momento, meus caros, é com grande satisfação que passo a palavra para um dos nossos, meu amigo há muitos anos e companheiro de longos debates”. Dentre todos, levantara-se Arriano de Nicomédia. Este trazia em suas mãos o resultado de anos de trabalho, uma obra escrita cujo tema traria, aos seus contemporâneos, a memória de um homem singular e de um acontecimento excepcional. Como seria em suas próprias palavras: “Algo que todos nós herdamos como passado, digno de nossa constante lembrança, alvo de reflexões e que agora, devido à esse meu árduo e excepcional trabalho, contemplamos à luz de nossos tempos”.

Ainda que a narrativa anterior, uma abstração, seja fruto de uma reflexão que levou em consideração perspectivas históricas sobre a possibilidade desse evento, ela cumpre aqui seu objetivo primordial ao reviver e demonstrar, aos nossos olhos e sentimentos contemporâneos, o clima de grande expectativa em torno de um acontecimento memorável pertencente à história antiga romana: a escrita da *Anábise de Alexandre Magno* pelo grego Arriano de Nicomédia (cerca de 90 d.C. – após 145/46 d.C.).

Composta na primeira metade do século II d.C., esta obra conta a história da expedição militar de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), rumo à conquista do reino persa. Possui imenso valor para os estudiosos do rei macedônio, pois é rica em detalhes, especialmente militares, da sua campanha. Adiantamos, porém, que esse não será nosso objeto de estudo aqui. Acreditamos que uma fonte histórica, seja relatando fatos de um passado recente ou distante, deve sempre ser analisada sob o prisma do seu próprio tempo de composição. Levando em consideração tal perspectiva, nosso olhar investigativo sobre a *Anábise de Alexandre Magno* não recai numa discussão e análise histórica dos feitos de Alexandre, o Grande, mas sim contempla os motivos que levaram Arriano de Nicomédia, em seu tempo, a resgatar a memória desse personagem através de certa composição narrativa.

Estabelecemos, desde esse primeiro momento, nossa proposta em torno de um trabalho historiográfico, ou seja, de pesquisa e escrita da história. Um estudo como esse segue parâmetros e procedimentos próprios que tornam seu resultado válido de um ponto de vista

lógico e racional. Em outras palavras, acreditamos na produção de um conhecimento que se quer cientificamente elaborado – perspectiva que vem de acordo com o que apontou Júlio Aróstegui em sua obra *A Pesquisa Histórica*, conforme demonstramos:

A historiografia não seria uma ciência mas sim estudo *cientificamente elaborado*. Como isso é possível? Primeiramente, porque o trabalho profissional do historiador não é um conjunto de atividades arbitrárias, meramente empíricas, subjetivas e ficcionais, mas diz respeito, principalmente, a atividades que tendem a estabelecer conjeturas sujeitas a regras ou princípios reguladores, a um *método*. Quer dizer, é visível que o trabalho do historiador adquire o rigor metodológico dos procedimentos da ciência. E, em segundo lugar, porque o historiador trata de buscar, para os processos históricos de qualquer nível, *explicações* demonstráveis, intersubjetivas, contextualizáveis, como as da ciência, e que, conseqüentemente, pretende chegar a elas mediante procedimentos lógicos conhecidos, explícitos e comprovados¹.

Portanto, enquanto historiadores, devemos trabalhar no sentido de que nossas contribuições não se tornem inteligíveis apenas dentro de uma subjetividade específica, mas que ganhem dimensão ao apresentarem coerência frente à compreensão de todos. Dessa forma, demonstraremos o vigor e importância de nossas considerações acerca dos fenômenos inerentes ao passado, os quais devem sempre resultar, ao final de nosso trabalho, numa construção narrativa reflexiva, compreensiva e explicativa sobre a história.

De fato, ao estudar os fenômenos do passado e, conseqüentemente, buscar uma aproximação à realidade histórica, o historiador tem por base a análise de vestígios², através dos quais constrói perspectivas acerca dessa realidade. Nosso trabalho, no entanto, não deve se restringir apenas à caracterização e descrição de certa perspectiva; é também preciso desvendá-la dentro de seu próprio tempo, criticá-la em seu teor e intencionalidade.³ É justamente nesse sentido que compreendemos o presente estudo: uma análise que desenvolva um questionamento constante acerca dos interesses que motivaram Arriano de Nicomédia a escrever uma determinada narrativa acerca de um personagem, Alexandre, o Grande, e seu principal feito, a expedição militar que realizou visando a conquista do reino persa.

¹ AROSTÉGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Trad. de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2000. p. 79.

² São na verdade o conjunto das fontes utilizadas pelo historiador em seu trabalho investigativo; podem ser classificadas em narrativas, materiais, inscrições, pictóricas, entre outras possibilidades. Nesse momento, lembramos das seguintes palavras de Marc Bloch: “Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos [portanto] pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de [seus] vestígios, conseguimos todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer”. In: BLOCH, M. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 78.

³ Segundo Antoine Prost, “em determinado sentido, a crítica é a própria história e ela se afina à medida que a história se aprofunda e amplia”. PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 57.

No que se refere à historiografia sobre Arriano de Nicomédia e seu trabalho na *Anábise de Alexandre Magno*, verificamos posições um tanto quanto acríicas acerca de seus interesses na construção desta obra. Citemos aqui dois estudos de grande importância para o nosso trabalho: *Arrian of Nicomedia* (1980), de Philip A. Stadter⁴, e *From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation* (1988), de A. B. Bosworth⁵. Como podemos notar, foram obras escritas a mais de 20 anos, mas que se tornam importantes na medida em que abordam especificamente a vida e a obra de Arriano. Stadter afirmou que, essencialmente, foi uma admiração especial por Alexandre que motivou o grego de Nicomédia a escrever uma obra sobre o rei macedônio.⁶ Bosworth, no mesmo sentido, relatou que Arriano seguiu suas próprias predileções na escrita de tal obra, desejando tornar evidente, através dela, sua primazia como grande escritor em seu tempo.⁷

Sem dúvidas, Arriano demonstrava interesse pelos acontecimentos da expedição de Alexandre, o Grande, da mesma forma que também sabia o quanto tal trabalho contribuiria na projeção de sua imagem, enquanto grande pensador, em seu próprio tempo. Mas, em grande parte, isso é o que o próprio autor comenta em sua narrativa – como bem veremos adiante em nossa análise. De fato, se compreendermos nosso trabalho investigativo como uma mera reprodução daquilo que o autor falou em sua obra estaríamos “condenados” a entender a mesma pergunta através sempre da mesma resposta. Por isso, reafirmamos o caráter historiográfico de nosso trabalho ao justamente questionar e problematizar, através de uma análise mais profunda do personagem, da obra e de seu contexto, os possíveis interesses que o levaram a compor sua obra.

Estudar um personagem é compreendê-lo dentro de seu mundo – não como sujeito à ele, mas sim enquanto personagem ativo, consciente e que o transforma constantemente. Por isso, um olhar tanto quanto mais global acerca da vida e do contexto do personagem estudado seria, certamente, o mais ideal. No entanto, um estudo global torna-se uma tarefa dificultosa,

⁴ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980.

⁵ BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander**: Studies in Historical Interpretation. Oxford, 1988.

⁶ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980, p. 66. Caracterizando a obra, Stadter ainda afirmou que “The Anabasis is fundamentally an attempt to tell the history of Alexander in such a way that his true greatness will be apparent, to celebrate Alexander as Homer had Achilles”. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.89.

⁷ BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander**: Studies in Historical Interpretation. Oxford, 1988, pp. 34-35. Vemos, portanto, que o argumento de Bosworth seguiu o de Stadter: “The relationship between him and Alexander will be comparable to that between Homer and Achilles. This claim is based on his established literary renown. His works have made him a household name and mean everything to him. On that score he considers himself the literary counterpart of Alexander, competent to do for him what nobody has done before” In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander**: Studies in Historical Interpretation. *op. cit.*, pp. 34-35.

seja pela demanda de tempo e estudos que ocasiona como pelos problemas de ordem metodológica e teórica que ainda persistem sobre o assunto.⁸ Naquela que é nossa proposta de trabalho para a presente dissertação, não perdemos de vista tal perspectiva de um estudo que deseje sim contemplar o maior número de facetas de uma dada realidade espaço-temporal, mas tivemos de selecionar em nosso recorte cronológico, a primeira metade do século II d.C., aspectos mais específicos e de maior interesse para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Nosso percurso de análise envolve, antes de tudo, um estudo sobre o homem Arriano de Nicomédia: onde nasceu e viveu, sua formação educacional, sua carreira na vida pública, com quem mantinha relações a nível político, como foi sua produção intelectual, entre outros aspectos. Nesse sentido, as já citadas obras de Stadter e Bosworth são valiosas fontes de informação, às quais acrescento também a sintética e interessante introdução histórica escrita por Antonio Bravo García na edição espanhola de 1982, lançada pela editorial Gredos, da *Anábase de Alexandre Magno*⁹.

O passo seguinte é direcionar nossos olhos para uma análise dos aspectos formais e estruturais da *Anábase de Alexandre Magno*: como a obra foi dividida, quais seriam as características do modelo discursivo sobre o passado que a obra apresenta, quais influências de gênero ou estilo teve o autor na sua composição, de que modo o discurso da obra ganhava inteligibilidade em seu tempo, entre outros aspectos. Para esse estudo, nosso apoio teórico vem de trabalhos que contemplam um debate em torno dos modelos de escrita na Antiguidade Greco-Romana, entre as quais destacamos as obras: *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*, de autoria conjunta de François Cadiou, Clarisse Coulomb, Anne Lemonde e Yves Santamaría¹⁰; *As raízes clássicas da historiografia moderna*, de Arnaldo Momigliano¹¹; *A pesquisa histórica: teoria e método*, de Júlio Aróstegui¹²; *Historia de la*

⁸ Segundo Júlio Aróstegui, “[...] a história de uma sociedade reúne em si todas as atividades que os homens realizam e que estão entrelaçadas de forma indissolúvel. A história de todas as sociedades do mundo, por sua vez, se encontra também entrelaçada, ou tende a estar. Dessa forma, a História é sempre global. O problema do método histórico reside aqui em como dar conta ou como representar essa história global, o que continua sendo um problema não resolvido, por mais que a idéia de uma história total tenha sido proposta muitas vezes. Na prática historiográfica concreta, o que ocorre com maior frequência é o contrário: a fragmentação da história em setores, em especialidades, que ameaçam com fraturas a unidade da disciplina, mas que são inevitáveis na prática científica de hoje”. AROSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. *op. cit.*, p. 96.

⁹ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982. Esta edição da obra de Arriano, inclusive, foi a utilizada no presente estudo.

¹⁰ CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Trad. de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

¹¹ MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

¹² AROSTÉGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Trad. de Andréa Doré. Bauru: EDUSC, 2000.

literatura clásica, de autoria conjunta de P. Easterling e B. Knox¹³; *História da Literatura Grega*, de Albin Lesky¹⁴; e o artigo de Antonio López Eire, *La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardia*¹⁵.

Torna-se necessário igualmente um olhar atento sobre o contexto no qual viveu o autor, levando em consideração suas principais características no que se refere ao âmbito político-institucional – tendo em vista nosso conhecimento de que Arriano era partícipe da vida pública no ambiente de poder do Império Romano. Devemos compreender os mecanismos funcionais da esfera institucional daquela sociedade, ou seja, o modelo e os suportes básicos, inclusive no campo ideológico, de caráter legitimador para o poder. Nesse sentido, utilizamos as obras: *Orbe Romano e Império Global*, de Alejandro Bancalari Molina¹⁶; *História de Roma*, de Michael Ivanovich Rostovtzeff¹⁷; e o artigo *Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)*, de Renan Frighetto¹⁸. Para nosso conhecimento acerca do processo histórico propriamente dito, no qual se incluem as vicissitudes da época de Arriano que, de uma forma ou outra, podem repercutir no pensamento do personagem, buscamos apoio nos seguintes trabalhos: *O Império Romano*, de autoria conjunta de Engel e Palanque¹⁹; *Historia del mundo antiguo: una introducción crítica*, de Gonzalo Bravo²⁰; *Historia de Roma*, de autoria conjunta de José Manuel Roldán, Jose Maria Blázquez e Arcadio del Castillo²¹; *History of Rome*, de M. Grant²²; *O Império Romano*, de Pierre Grimal²³; *El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes*, de Fergus Millar²⁴; *The Life and Principate of the Emperor Hadrian*, de B. Henderson²⁵; a

¹³ EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **Historia de la literatura clásica**. Trad. Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Gredos, 1989-1990.

¹⁴ LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. Tradução de Manuel Rosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

¹⁵ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardia. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008, pp.1-32.

¹⁶ BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2008.

¹⁷ ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

¹⁸ FRIGHETTO, Renan. *Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)*. In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, v. 1, pp. 147-162, 2008.

¹⁹ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. São Paulo: Atlas, 1978.

²⁰ BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

²¹ MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. Tomo II - El Imperio Romano. Madrid: Cátedra, 1989.

²² GRANT, M. **History of Rome**. Nova York: History Club Book: 1997.

²³ GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.

²⁴ MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. Madrid: Siglo veintiuno, 1973.

²⁵ HENDERSON, B. **The Life and Principate of the Emperor Hadrian, A.D. 76-138**. London: Methuen, 1923.

obra *El intelectual, la realeza y el poder político*²⁶ e o artigo *Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano*²⁷, ambos de autoria de María José Hidalgo de la Vega; o livro *Adriano*²⁸ e o tópico três, *Hadrian to the Antonines*, da primeira parte da obra *The Cambridge Ancient History*, ambos de autoria de Anthony. R. Birley.²⁹

Como fica indicado, nosso trabalho desenvolve uma linha de raciocínio em torno de três categorias básicas de análise: o autor, a obra e o seu tempo. É na relação que devemos estabelecer entre esses três aspectos que se torna possível compreender os interesses do autor na composição de sua obra, pois seu ato de escrita somente ganha inteligibilidade quando entendida como uma forma de interação do indivíduo para com a sociedade de seu tempo – demonstrando aquele que seria o seu grau de consciência dentro dela. Dessa forma, o surgimento de uma hipótese, bem como a posterior comprovação desta, torna-se viável apenas quando partimos de um conjunto de pressupostos seguros e que venham de acordo com as nossas exigências atuais em torno da pesquisa e escrita da história.

²⁶ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.

²⁷ HIDALGO DE LA VEGA, María José. *Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano*”. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1, pp. 271-285.

²⁸ BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997

²⁹ BIRLEY, A. *Hadrian to the Antonines*. In: **The Cambridge Ancient History**: The High Empire, A.D. 70–192. London: Cambridge University Press, 2008.

CAPITULO I

Arriano de Nicomédia

Arriano de Nicomédia, cujo nome completo foi Lucius Flavius Arrianus Xenophon³⁰, nasceu em Nicomédia³¹, na província romana da Bitínia-Ponto.³² Como não possuímos informação exata sobre a data de seu nascimento, nos resta deduzi-la a partir de algumas considerações: *homens novos* como Arriano, cuja família nunca havia tido um cônsul antes, geralmente chegavam a essa posição por volta dos 40 anos.³³ Tendo em vista que Arriano chegou ao consulado em torno de 129 d.C., ele teria nascido, portanto, por volta de 90 d.C.

Segundo o historiador Philip Stadter, Arriano poderia ser considerado, desde seu nascimento, como um cidadão romano; o fato dele também ter alcançado o consulado posteriormente indicaria que seus pais, ou membros ainda mais antigos de sua família, também já fossem cidadãos romanos – na verdade, uma honra comum para aqueles que compunham o grupo de maior projeção social nas cidades gregas da Ásia Menor.³⁴

O fato de Arriano pertencer a esse grupo de maior projeção social em Nicomédia possibilitou a ele exercer, quando ainda jovem, o sacerdócio da deusa Deméter e Core, a quem sua cidade era dedicada; tratava-se de um privilégio, certamente, para poucos. A prática de um esporte como a caça, realizada desde sua infância e para a qual, inclusive, dedicou-se a escrever um tratado quando mais velho, era algo que também apenas os mais nobres e ricos possuíam condições de realizar.³⁵

³⁰ Segundo P. Stadter, o sobrenome “Xenofonte” seria parte integral do nome de Arriano, e não apenas um apelido adotado posteriormente; para o autor, “Greeks regularly kept a Greek name alongside the Roman names their families had acquired with Roman citizenship and were known by one or both depending upon circumstances and their own choice” In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980, p.2. Bosworth, por sua vez, apresenta uma idéia diferente, destacando que “The adoption of the name was a fairly late development and it may originally have been conferred upon him as a title of honour” In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. Oxford, 1988, pp. 25-26.

³¹ Fundada em 274 a.C. pelo rei da Bitínia, Nicomedes I, a cidade de Nicomédia (hoje, Izmit) continuou, em tempos romanos, a ser o centro administrativo da região (matinha a residência do governador e a assembléia provincial), e local onde fora edificado o templo de Roma e Augusto. Foi uma cidade próspera, cuja riqueza advinha da economia vinculada às férteis terras ao seu redor e pela sua estratégica posição de rota comercial e militar entre Ocidente e Oriente. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.3.

³² Verificar Anexo II, posição no mapa de número 27.

³³ SYME, R. The Career of Arrian. In: **Harvard Studies in Classical Philology**. Vol. 86, 1982, p. 183.

³⁴ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.2.

³⁵ Trata-se da obra *Cynegeticus*, para a qual não possuímos data específica de composição. Segundo Bosworth, Arriano demonstrou no escrito “a most endearing picture of his love of the chase and his even greater love of his dogs”. In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. *op. cit.*, p.24.

Ao que essas poucas mas importantes informações apontam, podemos pensar que Arriano, desde criança, gozou de boas condições de vida. De acordo com Stadter, mesmo depois, quando Arriano “entered the Roman senate, he would by law have to meet a property qualification which would have placed him among the richest men in the Roman Empire”.³⁶ Portanto, podemos consentir que o personagem em questão teve plenas condições, devido à sua projeção econômica e social, para se dedicar com afinco aos seus próprios gostos e interesses, entre os quais destacamos o estudo.

Após certamente ter iniciado seus estudos em Nicomédia, Arriano viajou para Nicópolis, noroeste da Grécia, para estudar filosofia com o estóico Epicteto.³⁷ Segundo Stadter, a cidade de Nicópolis poderia ser considerada como um centro de grande importância naquela época, tendo em vista que ela “had become a major port for traffic between Rome and the East. The harbor and the Actian games, which Octavian had made equal to those of Olympia, insured that there would be a constant flow of visitors to the city”.³⁸

Desse modo, podemos pensar que a estadia de Arriano nessa cidade, a qual teria durado por volta de dois ou três anos, teve grandes efeitos no sentido de colocá-lo em contato não apenas com homens de grande conhecimento, como fora com Epicteto, mas inclusive com personagens que faziam parte do ambiente político de Roma; tratava-se, portanto, de um ambiente de forte integração. De fato, Arriano soube aproveitar bem esse tempo de aprendizagem, sendo prova de sua motivação e gosto pelos estudos a escrita da obra *Dissertationes*³⁹, na qual legou à posteridade o pensamento de seu mestre, Epicteto.

³⁶ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.4.

³⁷ Apontamos aqui de modo breve o relato de Marilena Chaui sobre Epicteto: “nasceu em Hierápolis, na Frígia (Ásia Menor), por volta de 55 e, ainda menino, foi adquirido como escravo [...] Não sabemos exatamente quando foi para Roma. O pouco que se conhece de sua vida vem de algumas referências que ele próprio faz nas *Conversações* e de relatos de seu discípulo Flávio Arrio, do médico Celso e de Orígenes, um dos primeiros Padres da Igreja. Assim, as circunstâncias de sua educação são desconhecidas, exceto o fato de que foi aluno de Musônio Rufo, na época senador romano como Sêneca. Certamente, sendo escravo, não sofreu as agruras sofridas pelos dois filósofos-senadores sob Nero [...] Em data desconhecida tornou-se liberto, abriu uma escola, mas foi forçado a abandonar a cidade em 89, pelo édito de Domiciano, que banuiu todos os filósofos da península italiana, por considerá-los perturbadores da ordem e inimigos do Estado. Dirigiu-se para Nicópolis, importante centro cultural na costa do Adriático, e ali abriu uma escola, onde ensinou até sua morte, em 135 d.C. [...] Orígenes afirma que, em sua época, Epicteto foi mais famoso do que Platão na sua e Aulo Gélio, considerado o maior dos filósofos estóicos”. In: CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 310.

³⁸ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.4. Como assinalou Ronald Syme, “going eastward or returning, many Romans put in at Nicopolis, from veneration of the sage long established there, or from curiosity”. SYME, R. The Career of Arrian. In: **Harvard Studies in Classical Philology**. Vol. 86, 1982, p. 185.

³⁹ Segundo Stadter, o período exato de permanência de Arriano em Nicópolis é incerto, mas provavelmente teria começado por volta dos seus 18 anos (107 d.C.), perdurando por volta de dois ou três anos. A obra

No que se refere à vida pública de Arriano, não possuímos informações (provenientes dele próprio ou de qualquer outro autor) acerca de como ela teve seu início. Sabemos, no entanto, que Arriano, pelo menos nos estágios finais de sua carreira, seguiu normalmente o *cursus honorum* senatorial, pois assumiu as funções de proconsul, cônsul e legado imperial na Capadócia (província romana na fronteira leste do Império).⁴⁰ Independente de qualquer especulação sobre o assunto, Arriano conseguiu avançar com grande mérito na sua carreira política, tornando-se um dos primeiros homens, oriundos do leste, a se integrarem e assumirem posições de grande poder no sistema político romano.⁴¹ Ao que, exatamente, devemos tamanho sucesso de sua pessoa? Poderíamos pensar essa questão tendo por base dois pontos referenciais: 1º) suas relações, aspecto que abrange um estudo em torno de suas amizades e patronos; 2º) suas capacidades, sejam elas abordadas de um ponto de vista intelectual, militar ou político.

Do ponto de vista de suas relações, sabemos que Arriano manteve contato com um dos mais proeminentes senadores da época de Trajano, C. Avidius Nigrinus. Cônsul em 110 d.C. e posteriormente governador da Dácia, Nigrinus nutria, como o resto de sua família, grande interesse nos assuntos gregos, especialmente pela filosofia – aspecto que, por si só, já constituiria um importante elo de interesse para com Arriano. Pouco depois de seu consulado, Nigrinus foi enviado para a Grécia como *corrector* imperial, provável momento de

Dissertationes não possui data específica para sua composição, mas não distaria muito do período final de seus estudos, por volta de 113 d.C. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.5.

⁴⁰ Verificar anexo II, posição no mapa de número 31.

⁴¹ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p. 8. Trabalhando com a temática da “Romanização”, o historiador Alejandro Bancalari Molina afirma que “la promoción de los provinciales era una realidad concreta que llegaba hasta su integración en la aristocracia imperial. De este modo, se establecían una serie de redes de relaciones personales entre Roma y la mayor parte de los habitantes de las provincias, donde estos últimos ingresaban al orden ecuestre y senatorial, lográndose una integración imperial basada en una participación en el gobierno y en una igualdad de intereses y oportunidades”. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2007, p.100. O historiador Anthony Birley comenta acerca de um processo paulatino que levou membros do ambiente grego a se integrarem às esferas de poder romano, inclusive citando Arriano como exemplo: “Another aspect of Hadrian’s senatorial policy deserving mention is his treatment of Greeks or easterners might seem in some respects to have shown more favors to the eastern magnates, and more Greeks seem to have held the ordinary consulship under Pius than under Hadrian. Still, Hadrian was evidently able to persuade Greeks of old Greece to enter the Roman Senate for the first time: Claudius Atticus of Athens was adlected and became suffect consul c. 131 and his son Herodes entered the Senate as quaestor. It was probably Hadrian too who gave senatorial rank to the leading figure at Sparta, Eurycles Herculanus. C. Iulius Severus of Ancyra, descendant of the Attalids and of Galatian tetrarchs, was also adlected to the Senate by Hadrian and held several important posts. Furthermore, Greeks are found for the first time holding posts in the western provinces: L. Flavius Arrianus of Nicomedia (the historian Arrian) was proconsul of Baetica and Eurycles was proconsular legate in the same province; and Sex. Iulius Maior of Nysa commanded III Augusta in Numidia”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70–192**. London: Cambridge University Press, 2008, p.141.

aproximação com Arriano. Foi assassinado em 118 d.C., juntamente com outros ex-cônsules, acusado de conspirar contra o *princeps* Adriano, o qual havia acabado de ascender ao poder.⁴²

Outro personagem de destaque com quem Arriano teria se relacionado foi o futuro Imperador Adriano (76-138 d.C.). Este, inclusive, teria estudado com Epicteto também – fato que, se não contribuiu para uma oportunidade de encontro naquele momento no Épiro, ao menos demonstrou o interesse compartilhado por ambos pela filosofia.⁴³ No entanto, não era apenas o gosto pela filosofia que poderia aproximar ambos, mas também a prática da caça, tendo em vista a devoção de Adriano por tal atividade.⁴⁴ Bosworth comenta que a amizade entre os dois provavelmente teve seu início por volta dos anos 112/113 d.C., quando Adriano esteve na condição de *Arconte epônimo* em Atenas e Arriano poderia mesmo tê-lo acompanhado nessa viagem.⁴⁵ Conjecturas à parte, sabemos que um elo de contato e amizade, ao menos posteriormente, realmente existiu, devido principalmente ao envio de um relatório por Arriano para Adriano, em forma de carta, contando, de modo aparentemente informal, sobre suas expedições de inspeção ao longo do Mar Negro, já na época de seu legado imperial na Capadócia.⁴⁶

Em suma, devemos compreender que a manutenção de uma amizade com membros de destaque no cenário político, como foram Nigrinus e Adriano, poderia realmente ter contribuído para a inserção, promoção e continuidade de Arriano no cenário político romano.⁴⁷ Segundo Bosworth, a patronagem que Arriano manteve com Adriano teria mesmo

⁴² STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p. 7.

⁴³ BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. *op. cit.*, p. 17.

⁴⁴ Segundo Stadter, Adriano teria, inclusive, batizado uma cidade com o nome de *Hadrianothrae*, “as caçadas de Adriano”. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.9.

⁴⁵ BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. *op. cit.*, p. 19.

⁴⁶ Esta última versão sobreviveu ao tempo, recebendo o nome de *Periplus Ponti Euxini* (Circunavegação do Mar Negro). Segundo Stadter, o relato dessa expedição foi enviado para Adriano num relatório em latim (o qual foi perdido) e em grego (escrito na forma de carta e com uma linguagem mais informal), por volta de 131/32 d.C.. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.12. Bosworth, por sua vez, comenta que Arriano, na *Periplus Ponti Euxini*, se dirige à Adriano em “surprisingly intimate terms”. In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. *op. cit.*, p. 20. Anthony Birley reforça tal perspectiva da amizade entre Arriano e Adriano ressaltando o fator “dedicatória” presente em algumas obras: “Arriano trabó amistad con Adriano, y algunas de sus obras – la *Circunnavegación (Periplus)* del Mar Negro y los *Tactica*, así como el fragmento de una tercera obra del mismo periodo, cuando Arriano era gobernador de Capadocia: el ‘Orden de batalla (*Éktaxis*) contra los alanos’ – estuvieron dedicadas al emperador”. In: BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997, p. 19.

⁴⁷ Segundo a historiadora Renata Venturini, “no modelo político romano, as candidaturas e a busca de apoio político se faziam por meio da recomendação de um indivíduo à carreira pública. Tratava-se de uma relação de caráter pessoal que dependia de um ‘patrono-amigo’.” In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial*. **Acta Scientiarum**. Maringá, 2001, p. 215.

eclipsado aquela de Arriano para com Nigrinus, pois nem mesmo a morte deste último teria afetado a continuidade da ascensão política do grego de Nicomédia.⁴⁸

No entanto, seria ingênuo da nossa parte acreditar que Arriano teria se apoiado exclusivamente em suas amizades e, conseqüente, troca de favores, para conseguir sucesso em sua carreira pública. Por isso, do ponto de vista de suas capacidades, devemos salientar que o grego de Nicomédia teve necessariamente de provar suas qualidades, enquanto grande pensador, político e militar, para continuar avançando no *cursus honorum* – seja durante o período do principado de Trajano (de 98 até 117 d.C.) ou de Adriano (de 117 até 138 d.C.)

De fato, nosso conhecimento acerca da vida pública de Arriano tem seu início apenas por volta do ano 117 d.C., possível momento no qual ocorreu sua entrada para o Senado. Segundo Antônio Bravo Garcia, teria sido, provavelmente, o próprio Adriano quem teria concedido pessoalmente à Arriano esse privilégio⁴⁹, tendo em vista sua entrada para essa instituição coincidir exatamente com o ano da ascensão de Adriano ao principado.

Stadter levanta a hipótese de que Arriano, antes de chegar ao consulado, teria sido também proconsul na província da *Hispania Baetica* – um fato que teria sua comprovação baseada numa inscrição encontrada na região, a qual revelaria um poema grego, supostamente assinado por Arriano, dedicado à deusa Ártemis.⁵⁰ Seja ou não verídica tal referência, o comando de uma província senatorial não deixaria de ser considerado mesmo como parte de uma trajetória de provação, na qual o grego de Nicomédia tivera uma boa oportunidade para demonstrar suas qualidades e se destacar no cenário político.

Arriano tornou-se cônsul *suffectus*⁵¹ por volta dos anos 129 e 130 d.C. e, logo em seguida, desde pelo menos 131/32 d.C., assumiu o posto de *legatus Augusti pro praetore*

⁴⁸ O autor, partindo do pressuposto da relação muito próxima de Adriano com Arriano, comenta que a “promotion was the direct result of the friendship, and we may assume with some confidence a fairly deep acquaintance before Hadrian’s accession [...] Hadrian’s accession brought quick promotion, as Arrian attests.” In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation.** *op. cit.*, p.20.

⁴⁹ BRAVO GARCIA, Antonio. In: ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno: libros I-III.** Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p.12. Bosworth também é adepto da mesma opinião, pois considera que tal ato teria sido “one of Hadrian’s early actions on reaching the purple. His friend from Nicomedia became a Roman senator of some seniority and proceeded up the ladder of promotion”. In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation.** *op. cit.*, p.21.

⁵⁰ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia.** *op. cit.*, p.10. Para maiores esclarecimentos sobre a questão, conferir o seguinte artigo: DOMINGO PLÁCIDO, S. *Intelectuales orgánicos y cultos locales (a propósito del epigrama de Córdoba dedicado a Ártemis por el cónsul Arriano, con un hipótesis de lectura).* **Habis**, Sevilla, v.27, pp. 117-122, 1996.

⁵¹ Segundo Fergus Millar, “los cónsules iban escoltados por 12 asistentes, los lectores, portando los fasces, presidían el Senado y las elecciones, administraban justicia en ciertos casos y ofrecían juegos importantes (hecho

Cappadociae.⁵² Ainda que uma posição como esta fosse mantida, comumente, por cerca de três ou quatro anos, Arriano manteve-se nela por pelo menos seis anos, até aproximadamente a data de 136/37 d.C.⁵³

A principal responsabilidade que Arriano assumiu na província da Capadócia foi manter segura sua região de fronteira. Para isso, teve ao seu comando duas legiões: a XV *Apollinaris* e a XII *Fulminata*. Arriano chegou, inclusive, a realizar uma inspeção de segurança nas fronteiras – prática que o próprio imperador, Adriano, tornou comum para si durante seu governo. O grego de Nicomédia tinha em mãos uma tarefa problemática no sentido de que a província por ele governada estava constantemente ameaçada por forças externas: ao norte do Cáucaso situavam-se os Alanos, uma tribo sármata que, por duas vezes, já havia excursionado e atacado territórios romanos; ao sul e leste estavam os Partos, representando ainda uma forte ameaça ao Império.⁵⁴ Portanto, vemos que a região da Capadócia estava longe de ser tranqüila.

No ano de 135 d.C. a tribo bárbara dos Alanos avançou em direção à Capadócia e ao reino Parto. Através de uma ação conjunta de Arriano e Vologases II, rei dos partos, a invasão conseguiu ser repelida.⁵⁵ Reflexo desse momento de glória militar, Arriano compôs a obra *Ectaxis contra Alanos*, na qual procurou detalhar a ordem de marcha e batalha do exército que liderou contra os invasores. Do mesmo período são as obras *Ars tactica*, novamente de cunho militar e dedicada ao Imperador Adriano, e *Alanica*, a qual versava sobre os bárbaros Alanos.

que garantizó la supervivencia del cargo hasta el año 541). En la República ostentaban el cargo dos cónsules al año; ahora, los dos cónsules que entraban en funciones el primero de enero eran conocidos como *ordinarii* y daban sus nombres al año, pero dos o tres meses después los seguía un número variable de otras parejas de cónsules (*suffecti*). El número fluctuaba, pero en un año normal podía haber unos 10 ó 12 cónsules”. In: MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. Madrid: Siglo veintiuno, 1973, pp. 27-28.

⁵² Fergus Millar resume da seguinte forma os deveres do governador: “la primera obligación de un gobernador era el mantenimiento del orden, y la forma básica de su actividad consistía en recorrer la provincia según un itinerario fijo y en organizar sesiones judiciales en cierto número de ciudades previamente fijado”. In: MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. *op. cit.*, p.60.

⁵³ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.11. Segundo Anthony Birley, “the retention of Arrian for six years as governor of Cappadocia, from 131–7, twice the standard term of the office, may indicate Hadrian’s concern that Rome’s eastern frontier should be in experienced hands”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D. 70–192**. London: Cambridge University Press, 2008, p. 146.

⁵⁴ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.12.

⁵⁵ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p. 13. Acerca de tal acontecimento no período, o historiador Cassio Dio, em sua obra *História de Roma*, nos transmite a seguinte passagem: “A second war was begun by the Alani (they are Massagetae) at the instigation of Pharasmanes. It caused dire injury to the Albanian territory and Media, and then involved Armenia and Cappadocia; after which, as the Alani were not only persuaded by gifts from Vologaesius but also stood in dread of Flavius Arrianus, the governor of Cappadocia, it came to a stop”. In: DIO CASSIUS. **Roman History**. v. VIII. London: Loeb Classic Library, 1914, pp.451-453.

Segundo Stadter, Arriano provavelmente deixou seu posto entre o final de 137 e início de 138 d.C., pois seu imediato sucessor no cargo de legado imperial na Capadócia, o ex-consul Lucius Burbuleius Optatus, teria assumido tal posição ainda sob o principado de Adriano (este morreria apenas em julho de 138 d.C.).⁵⁶

Não há dúvida de que Arriano assumiu uma grande responsabilidade ao governar a província da Capadócia, região fronteiriça e sob risco de ataques externos. Tamanha responsabilidade não seria concedida a alguém que já não tivesse demonstrado suficientemente uma boa técnica de comando militar. Por isso, Arriano fez valer as oportunidades que teve ao longo de sua vida (incluindo aquelas que, infelizmente, hoje não temos conhecimento), ganhando confiança e alçando posições de grande destaque a nível político e militar. Concomitante a isso tudo foi seu trabalho intelectual, o qual certamente veio a fortalecer sua imagem e, quiçá, alimentar relações, como assinala Stadter: “No doubt his *Discourses of Epictetus*, as well as other works which he may have written in his twenties and thirties, influenced both Nigrinus and Hadrian in favoring the young Nicomedian”.⁵⁷ Desse modo, podemos pensar que Arriano, ao desenvolver suas habilidades (políticas, intelectuais e militares) e buscando amigos e possíveis patronos para cada momento (Nigrinus e Adriano) encontrou a fórmula correta que o permitiu ascender em sua vida pública, adentrando o ambiente de poder do Império Romano.

Após seu governo na Capadócia não há mais evidências concretas acerca da carreira militar de Arriano. Interessante é perceber que sua possível saída da vida pública praticamente coincide com a morte de seu amigo, o Imperador Adriano. O que de fato sabemos é que, após oito anos de seu governo na Capadócia, o encontramos, por volta de 145/46 d.C., vivendo em Atenas. Acerca desse momento, Stadter comenta que:

While living at Athens, Arrian participated in the ordinary life of the city, frequenting the gymnasium and discussing political affairs. He not only became an Athenian citizen, as he says in the *Cynegeticus*, but held the city's most prestigious office, that of eponymous archon.⁵⁸

⁵⁶ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.13.

⁵⁷ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, pp.12-13. Da mesma opinião é Ronald Syme, para o qual certamente “Arrian's writings interlock with his official career. They ought to stand in some relation, so it is presumed. Apart from recourse to internal evidence, sundry experiences might be invoked, or the impact of notable transactions”. SYME, R. The Career of Arrian. In: **Harvard Studies in Classical Philology**. Vol. 86, 1982, p. 182.

⁵⁸ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p. 16. A relação de Arriano com a Grécia e, em especial, Atenas, era antiga, pois como aponta Stadter, “already as a student of Epictetus, Arrian made friends with the eminent Corinthian family of the Gellii: his letter to a Lucius Gellius explaining the format of the discourses precedes our texts of that work. While Arrian was legate in Cappadocia, L. Gellius Menander and his brother L.

Esta é a última informação segura que possuímos acerca de Arriano, não sendo possível também estabelecer uma data correta para sua morte. Mas e quanto à obra *Anábase de Alexandre Magno*, objeto aqui de nosso estudo, ela teria sido escrita em qual momento da vida de Arriano? Fora ela composta antes, durante ou depois de sua atividade na política? Enfim, o que teria motivado o autor a escrevê-la? Todas essas questões não possuem uma resposta direta e fácil, fornecidas pelo próprio autor; pelo contrário, tornam-se problemáticas e sugerem dúvidas: portanto, inerentes ao trabalho do historiador, como demonstraremos no seguimento de nosso estudo.

Gellius Iustusfilius erected an honorary statue of their friend, praising him as a philosopher and benefactor. At an indeterminate time after his consulship, Arrian was honored by a statue in Athens as well: its recently discovered inscription reads 'Lucius Flavius Arrianus, consular, philosopher'. Arrian must have felt that he had friends in Greece, and in Athens in particular". In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.14.

CAPÍTULO II

A proposta historiográfica de Arriano de Nicomédia na Anábase de Alexandre Magno

No que se refere ao período de escrita da *Anábase de Alexandre Magno*, não dispomos de qualquer referência específica para a data dessa composição. No entanto, esse não é um problema particular apenas desta obra do autor, mas também de outras que compôs: a *Parthica* (uma história das relações conflituosas entre Roma e o reino Parto durante o principado de Trajano), a *Indica* (um relato detalhado sobre a expedição de Alexandre por parte da região da Índia), *Historia successorum Alexandri* (uma narrativa dos eventos que sucederam a morte de Alexandre, o Grande) e a *Bithyniaca* (uma história sobre a região da Bitínia, até o momento de sua anexação por Roma).⁵⁹

Ainda que diversos autores apresentem hipóteses sobre o período de composição da *Anábase de Alexandre Magno*, não há, em definitivo, uma opinião prevalecente.⁶⁰ Diante desse quadro inicial de incerteza, ressaltamos como ponto de apoio um pressuposto que não poderia se afastar ao nosso estudo e que certamente pode nos auxiliar na busca de uma solução para tal problema: compreender que a *Anábase de Alexandre Magno*, ainda que possua importantes informações sobre determinados acontecimentos de um passado distante (nesse caso, o relato da expedição militar empreendida por Alexandre, o Grande), seria

⁵⁹ Infelizmente, obras como a *Bithynica*, *Parthica*, *Historia successorum Alexandri*, *Alanica*, *Dion*, *Timoleon*, *Tillorobus* (essas três últimas, provavelmente, trabalhos biográficos), encontram-se hoje perdidas ou demasiadamente fragmentadas, aspecto que dificulta decisivamente seu posicionamento cronológico. Graças à obra *Biblioteca*, composta por Photios I de Constantinopla (810-893 d.C.), na qual o autor resumiu as obras que leu em sua vida, temos conhecimento da composição da *Parthica*, *Historia successorum Alexandri* e *Bithynica*.

⁶⁰ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.17. As discussões realizadas sobre esse problema são vastas, sem que possamos, no entanto, chegar a qualquer conclusão definitiva sobre uma data precisa para a composição da *Anábase de Alexandre Magno*. Por exemplo, Bosworth argumenta que essa obra fora composta por Arriano antes de sua entrada para o Senado Romano, em 117 d.C., tendo em vista o fato dele não ter feito qualquer alusão à essa posição que ele teria (e que lhe garantiria grande respeito) no prefácio da *Anábase de Alexandre Magno*; além disso, Arriano teria demonstrado na obra pouco conhecimento geográfico acerca da região da Capadócia – local por onde, depois de 131/32 d.C, viajou e descreveu. In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. *op. cit.*, pp. 29-37. Stadter, por sua vez, argumenta que Arriano teria escrito seu trabalho apenas após seu consulado, em 129/30 d.C., seja na Capadócia ou em Atenas, tendo em vista que o autor, na *Anábase de Alexandre Magno*, enfatiza ser um escritor já muito conhecido e de vários trabalhos publicados na época desta composição – ou seja, de idade avançada. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, pp.1980-184. Em suma, podemos perceber que esses autores realizam interpretações díspares, baseando-se em argumentos frágeis e pouco convincentes. Para maiores informações acerca do debate historiográfico sobre o tema, sugerimos a obra aqui referenciada de Stadter, com mais atenção para as páginas 179 à 185, onde são apresentados os diversos argumentos da questão e os diferentes pontos de vista. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980.

invariavelmente filha e reflexo do tempo no qual foi composta. Desse modo, sua análise poderia também nos relevar muito acerca do seu contexto de produção.⁶¹

Tendo em vista tal perspectiva, poderíamos iniciar uma reflexão exatamente no seguinte sentido: o pensamento de Arriano, em determinado momento de sua vida, o direcionou para o estudo de um personagem em específico (Alexandre, o Grande), contemplando um momento especial de sua trajetória (a expedição militar que realizou). De um modo básico, cabe a nós pensarmos no ambiente de possíveis interesses do autor para com o seu trabalho em um dado momento em que viveu. Por isso, impõe-se ao presente estudo uma atenta observação à seguinte problemática: quais seriam as possíveis motivações do autor, Arriano de Nicomédia, para escrever sobre um personagem e um acontecimento específicos em determinada época de sua vida?

Para que possamos discorrer sobre essa questão e apontar possíveis hipóteses para ela, devemos antes caracterizar e debater o modelo narrativo escolhido por Arriano para contar sobre esse passado que ele escolheu resgatar. Partimos, portanto, do pressuposto de que o seu interesse na obra e o objetivo que almejava com ela estariam intimamente relacionados ao modelo narrativo nela intencionalmente empregado. Dessa forma, façamos então uma análise sobre as características do discurso adotadas pelo autor em sua composição, as quais certamente teriam influência direta na inteligibilidade do texto frente aos seus contemporâneos.

Uma análise do prefácio da obra é nosso primeiro passo nessa discussão, pois se trata do momento no qual o autor dispõe ao leitor, de modo mais direto, seus objetivos mais básicos com aquele seu escrito.⁶² No trecho a seguir, podemos perceber um Arriano de Nicomédia preocupado com a observância, por parte do leitor, de alguns dos aspectos inerentes ao trabalho que compôs:

⁶¹ O presente pensamento caminha no sentido de uma reflexão teórica acerca das possibilidades que nós, historiadores, temos para alcançar o conhecimento histórico, na linha do que apresentou Julio Aróstegui da seguinte forma: “[...] o esforço teórico do historiador deve basear-se na, e dirigir à, análise suficiente da natureza da História, do histórico. E o tratamento desse tema deve integrar-se inevitavelmente ao de qual conhecimento da História é possível”. In: AROSTÉGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução de Andréa Dore. Bauru: EDUSC, 2000, p. 44.

⁶² Segundo Stadter, “The preface or proem as a formal element of a history was a well-defined feature of ancient historiography [...] it is found from the earliest historians down to Byzantine times [...] The content was represented by a set of standart features (*topoi*) which included the name of the author, his method, an indication of the importance of the work or of its subject, and a justification for publication”. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.60.

Considero y transcribo yo como verdaderos todos aquellos relatos en que coinciden Tolomeo, hijo de Lago, y Aristóbulo, hijo de Aristóbulo, historiadores ambos de Alejandro, hijo de Filipo; pero de aquellos en que divergen, he seleccionado los que me parecían, al tiempo, más fidedignos y más interesantes para ser narrados. Ya otros han escrito sobre Alejandro (no hay, en efecto, nadie sobre quien lo haya hecho mayor número de historiadores, o de manera más discordante entre sí), pero Tolomeo y Aristóbulo, a mi parecer, son los más dignos de crédito; Aristóbulo, por haber participado en la expedición junto el rey Alejandro; Tolomeo, además de por eso mismo, porque falsificar los hechos habría sido para él, por ser rey, más vergonzoso que para ningún otro. Por otra parte, dado que Alejandro ya había muerto cuando uno y otro escribieron, ambos estaban por igual al margen de hacerlo de modo distinto a como los hechos ocurrieron, por no estar cohibidos ni esperar de él recompensa alguna. Sobre Alejandro hay también una infinidad de relatos, compilados por otros historiadores, que, por parecerme dignos de narrarse y no del todo increíbles, voy a transcribir sólo con valor de tradición⁶³.

Como podemos inferir do texto, Arriano realizou uma seleção de suas fontes para a escrita de sua obra. Esta seleção teve por base alguns critérios, os quais viabilizariam um objetivo inerente ao seu texto: contar a verdade.⁶⁴ Essa busca pela verdade talvez seja a principal característica que nos permite afirmar, desde esse momento, que Arriano pretendeu construir um discurso histórico em sua obra, tendo em vista que:

A regra na qual repousava o modelo historiográfico estabelecido com Heródoto e Tucídides, era atribuir ao historiador o dever de dizer a verdade sobre os acontecimentos que julgava digno relatar. A veracidade do discurso era considerada, portanto, como um elemento constituinte da história⁶⁵.

Essa preocupação com a confiabilidade das informações, ou seja, de suas fontes, demonstra a dimensão crítica que Arriano desejava atribuir à sua pesquisa (ou seja, *história*⁶⁶), tendo em vista que aspirava e propunha encontrar a verdade. Tornava-se

⁶³ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p.117.

⁶⁴ Questões inerentes a esse aspecto foram trabalhadas na seguinte publicação: LEME, André Luiz. Aspectos teóricos de uma proposta historiográfica: verdade e dignidade na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. In: **4º Seminário Nacional de História da Historiografia**, 2010, Mariana/MG. 4º SNHH. Mariana/MG : UFOP, 2010. v. 4. p. 1-9.

⁶⁵ CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história**: historiografia, método e pesquisa. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 19.

⁶⁶ Para Arnaldo Momigliano: “todos os historiadores gregos lidam com um número restrito de temas que consideram importantes e todos estão preocupados com a confiabilidade dos dados que deverão usar [...] e nunca acreditam que poderão fazer seus relatos sem *história*, sem pesquisa”. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 37. Segundo Julio Aróstegui, “o termo *istorie*, empregado pelo grego Heródoto como título da mítica obra que todos conhecemos, significava justamente *pesquisa*. Etimologicamente, portanto, uma *História* é uma *pesquisa*”. In: AROSTÉGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. *op. cit.*, p. 28.

necessário, portanto, passar ao leitor ou ouvinte um sentimento de segurança em relação às informações contadas, justamente para convencê-los da veracidade do relato ali prestado. Era sua integridade intelectual que Arriano desejava demonstrar, pois também é necessário lembrar que a autenticidade do relato do historiador repousava essencialmente:

[...] na sua capacidade de realizar uma seleção judiciosa do material reunido (oral ou escrito) a fim de fundamentar sua narrativa no que lhe parecesse verossímil. Era a integridade intelectual do historiador transparente em seu texto (verossimilhança, coerência, não contradição) que garantia a veracidade dos fatos relatados.⁶⁷

Arriano apoiou-se, nomeadamente, em dois historiadores para realizar sua narrativa, fato que, por si só, já estabeleceu um vínculo para com o trabalho deles no seu ato de escrita naquele momento. Arriano acreditava que Ptolomeu⁶⁸ e Aristóbulo⁶⁹ seriam personagens cujos relatos históricos, bem como suas interpretações, sobre Alexandre tornavam-se mais confiáveis. No que diz respeito ao uso de outras narrativas em sua obra, Arriano, como observamos em seu texto, fez menção ao trabalho de outros tantos historiadores de Alexandre, os quais considerava dignos e de relatos não totalmente incríveis, ou seja, não demasiadamente fantasiosos; no entanto, sugere a utilização dos mesmos na *Anábase de Alexandre Magno* muito mais pelo valor de tradição (*legomena*) que possuem – postura que

⁶⁷ CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história**: historiografia, método e pesquisa. *op. cit.*, p. 24

⁶⁸ Ptolomeu Sóter (367-283 a.C.), nobre macedônio, foi ativo participante da expedição de Alexandre, o Grande. Após a morte deste, Ptolomeu, enquanto general e possível herdeiro das conquistas de Alexandre, estabeleceu no Egito uma dinastia de governo, os Ptolomeus (também chamados de Lágidas). Compôs, em Alexandria, a obra *História de Alexandre*, da qual temos conhecimento apenas indiretamente, através da obra de Arriano, já que a mesma não sobreviveu ao longo do tempo. A narrativa de Ptolomeu teve um tom acentuadamente militar e, segundo Claude Mossé, apresentara um Alexandre “realista” e “moderado”. In: MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004, p. 179. López Eire, por sua vez, afirma que Ptolomeu converteu Alexandre em um modelo de “filantropia, humanidade e piedade”. In: LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008, p. 17. Além disso, poderíamos pensar que esse modelo de construção histórica adotado por Ptolomeu em sua narrativa, sobretudo de valorização em relação à Alexandre, viria de encontro com um de seus pretensos objetivos na elaboração da obra: vincular a sua imagem àquela de Alexandre. Ptolomeu, nesse mesmo sentido, também já havia se apoderado dos restos mortais de Alexandre, o qual mandou enterrar em Alexandria. Claude Mossé relata que “apenas os Lágidas, especialmente os dois primeiros, fizeram questão de colocar-se sob sua proteção (de Alexandre). Mais tarde, no famoso Sema de Alexandria, o túmulo real, os Ptolomeus foram colocados ao lado dos despojos de Alexandre”. In: MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. *op.cit.*, p.178.

⁶⁹ Nosso conhecimento sobre Aristóbulo de Cassandrea é escasso, no entanto sabemos que também acompanhou Alexandre ao longo de sua expedição provavelmente enquanto parte de sua equipe técnica. Temos informação de sua obra também apenas de forma indireta, por meio das citações de Arriano. Segundo Antonio López Eire, Aristóbulo apresenta Alexandre como “un soberano piedoso, moderado en la bebida, protegido de los dioses, y en absoluto despótico o degenerado en los placeres”. LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008, p.18.

demonstra, acima de tudo, consciência do legado que tais obras deixaram, além do desejo de completar possíveis lacunas de informação deixadas por suas fontes principais⁷⁰.

O aspecto que talvez possamos ressaltar como fundamental à crença de Arriano em suas fontes principais seria o da proximidade de Ptolomeu e Aristóbulo para com Alexandre em sua expedição. Esse fator “proximidade”, para o trabalho do historiador, teria grande importância, pois:

Apesar do desenvolvimento da escrita ao longo dos séculos (notadamente durante o Império Romano), um meio de conhecimento histórico valorizado pelos antigos historiadores correspondia ao que Tucídides havia defendido: a observação direta pela visão (*opsis*) e pelo ouvido (*akoê*). Foi o ideal privilegiado desde a época helenística (Políbio, Posidônio) até o Baixo Império (Amiano Marcelino, Eunápio, Procópio de Cesaréia)⁷¹.

Como Arriano não viveu aquela época de Alexandre – aspecto que, certamente, lhe dificultava conhecê-la com a exatidão histórica convencional – o modo de resgatá-la, preservando essa mesma autenticidade histórica em sua obra, seria através de testemunhos que presenciaram de maneira segura e direta, seja pela visão ou audição, os feitos de Alexandre. Esse aspecto, portanto, foi uma das justificativas dadas por Arriano para seu uso da obra de Aristóbulo e Ptolomeu, bem como da maior confiabilidade deles.

⁷⁰ No que se refere à autores como Ptolomeu, Aristóbulo, Nearco (esse citado por Arriano no último livro da *Anábase*, *Indikê*) e vários outros – não necessariamente e nomeadamente utilizados por Arriano, mas que também compuseram obras acerca de Alexandre – como Calístenes de Olinto, Cares de Mitilene, Onesícrito, Clitarco e Anaxímenes de Lampsaco, a autora Arminda Lozano Velilla ressalta que na obra deles “la figura de Alejandro aparece, en general, con tintes muy positivos, lo cual es de gran importancia si se considera que constituyen la base primordial de la tradición sobre el rey macedonio”. In: LOZANO VELILLA, A. **El mundo helenístico**. Madrid: Editorial Síntesis, 1992, p. 24. No entanto, ao preferir as obras de Ptolomeu e Aristóbulo, Arriano talvez pretendesse também distanciar-se da tradição chamada “Vulgata de Alexandre”, a qual, segundo Arminda Lozano Velilla, teria sido criada por Clitarco e, posteriormente, influenciado a obra de autores como Diodoro, Q. Curcio Rufo e Justino (tal como Arriano, a maioria escrevendo já na época do principado romano), principalmente no que tange ao caráter demasiadamente “novelesco” destas narrativas. In: LOZANO VELILLA, A. **El mundo helenístico**. *op. cit.*, p.23. Arriano, ao que consideramos, deseja preservar a tradição, mas também aponta para uma perspectiva crítica acerca dela em seu trabalho, pois o que ele se propõe a fazer é buscar a verdade através da crítica e do uso de relatos que o encaminhassem com maior probabilidade para tal. Sob essa posição assumida por Arriano, devemos recordar da seguinte afirmação de Arnaldo Momigliano sobre o caráter da historiografia grega: “o que me parece ser tipicamente grego é a atitude crítica com relação ao registro de acontecimentos, isto é, o desenvolvimento de métodos críticos que nos permitem distinguir entre fatos e fantasias”. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. *op. cit.*, p. 55.

⁷¹ CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. *op. cit.*, p. 23.

No que se refere ainda a Ptolomeu, Arriano acrescentou que o fato dele ter sido rei não condizia com a prática de se contar mentiras – atitude que, se consumada, lhe causaria grande vergonha. Finalmente, para o grego de Nicomédia, como nem Aristóbulo ou Ptolomeu estariam sendo coibidos ou esperariam qualquer recompensa a partir de seus escritos (um olhar pragmático de Arriano, mas também acrítico), tendo em vista que Alexandre já estava morto, eles poderiam muito bem, conscientemente, apresentar relatos díspares – atitude que supostamente eles não teriam feito em grande parte de suas narrativas. Por isso e visando essas conexões de similaridade, a metodologia de Arriano abrange uma análise comparativa: seriam decididamente verdadeiros os relatos nos quais os dois historiadores, Aristóbulo e Ptolomeu, escrevessem de modo igual – fator que aumentaria a probabilidade do alcance da verdade.⁷² No entanto, quando houvesse contrariedade e discordância, Arriano assumiria a responsabilidade de buscar as informações aparentemente verdadeiras e interessantes. Dessa forma vemos que, na perspectiva do autor, o recurso às fontes escritas, desde que devidamente escolhidas e analisadas, possibilitaria sim o tom e a consistência histórica, em torno da verdade, dentro de um trabalho historiográfico.

Arriano, finalizando esta primeira parte de sua introdução (mais adiante, durante a narrativa, ele a continua), mantém o tom afirmativo em torno de seu trabalho, realizando uma defesa exponencial de seu escrito:

Como habrá alguien que se extrañe de por qué, después de que lo hayan hecho tantos escritores, se me haya ocurrido a mí narrar la *Anábasis* de Alejandro, quisiera yo que ése mostrara su extrañeza después de haber reexaminado los testimonios de aquéllos y haberlos confrontado con los míos.⁷³

⁷² Quanto à esse aspecto metodológico, lembremos da seguinte afirmação do historiador grego Políbio (203-120 a.C.) em sua obra *Histórias*: “[...] la ciencia histórica ofrece indudablemente tres modalidades. La primera consiste en el examen cuidadoso de las fuentes documentales y en la yuxtaposición de los datos que suministran. La segunda, en la inspección de las ciudades y de los parajes por donde discurren los ríos, y los puertos. En general, se deben observar las peculiaridades y las distancias que hay por tierra y por mar. El tercer tipo lo da el conocimiento de la actividad política.” In: Políbio. **Historias : livros V-XV**. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid : Gredos, 1981, p. 506. A análise comparativa que Arriano empreende no manejo de suas fontes vem de encontro com a perspectiva de Políbio sobre o trabalho de pesquisa que é a História. Arriano, podemos adiantar, igualmente demonstra-se um grande conhecedor dos aspectos geográficos que envolvem a expedição de Alexandre e, também, é um cidadão diretamente envolvido na política. Portanto, sob as três bases apontadas por Políbio, Arriano encontra-se no sentido correto para a construção de uma obra histórica.

⁷³ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. *op. cit.*, p.118.

Novamente, percebemos a preocupação que o autor possuía em salientar aos seus leitores o caráter verossímil daquilo que ele iria contar. Em outras palavras, seria como afirmar que o seu relato, pelas qualidades que possuía e pelo modo como foi construído, seria o mais verdadeiro e, por isso, digno da confiança de todos. De fato, o que presenciamos aqui foi uma postura afirmativa de Arriano, iniciando e terminando essa primeira parte de sua introdução com ênfase no aspecto da verdade.

Portanto, o relato de Arriano, enquanto declaradamente verdade, se aproximaria de um discurso histórico. Mas no que, exatamente, isso incorreria para o entendimento da obra em seu tempo? O que o discurso histórico possuía que o diferenciava, qualitativamente em sua função, de outros possíveis relatos sobre o passado?

Desde Tucídides o discurso histórico sobre o passado ganhava uma espécie de função social: servia de amparo aos homens que, no presente ou no futuro, deveriam lidar com situações semelhantes ou iguais às aquelas já ocorridas no passado.⁷⁴ Políbio também ressaltou a importância do paralelo passado/presente quando se avaliava as circunstâncias do momento, ressaltando a idéia de uma “utilidade” do discurso histórico:

Si de unas circunstancias similares pasamos a considerar las nuestras, obtendremos indicios y previsiones con vistas a averiguar el futuro; esto nos capacita, unas veces, para preservarnos y, otras, para manejarlos con más confianza ante las dificultades que se presenten, siempre que establezcamos un paralelo con los hechos pretéritos.⁷⁵

Nesse sentido, vemos que a historiografia grega desenvolveu uma inteligibilidade especial para o discurso histórico, um ideal que poderíamos resumir através das seguintes palavras de Arnaldo Momigliano:

O historiador grego quase sempre acredita que os acontecimentos passados têm uma relevância para o futuro. Na verdade, eles não seriam importantes se não ensinasse alguma coisa para aqueles que lêem a seu respeito. A história relatada tem sempre que prover um exemplo, constituir uma lição, servir de referência para os desenvolvimentos futuros dos negócios humanos.⁷⁶

⁷⁴ TUCIDIDES. **Historia de la guerra del Peloponeso**: libros I – II. Trad. Juan José Torres Esbarranch. Madrid : Gredos, 1990, pp. 164-166.

⁷⁵ POLÍBIO. **Historias : livros V-XV**. Trad. y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 1981, p.503.

⁷⁶ MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. *op. cit.*, p. 38.

Trata-se, na prática, do discurso histórico cumprir um determinado papel pedagógico: os homens, por meio dele, seriam instruídos – com base nos exemplos de grandes personagens, acontecimentos e ações – sobre qual seria o comportamento mais adequado, com base no referencial ético predominante, para se adotar em certas circunstâncias.⁷⁷

Podemos encontrar essa concepção em torno da construção de uma história de fundo pedagógico como sendo influenciada e inerente aos princípios do modelo educacional proposto no estudo da retórica. Antônio López Eire, em artigo intitulado *La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía*⁷⁸, realça o modo como a retórica, entendida como um modelo disciplinar de cunho moral e educador, exerceu a partir de Isócrates uma influência crescente na educação dos homens, atingindo e abrangendo o âmbito de ensino da poesia, literatura e historiografia. López Eire esclarece as características e os objetivos da retórica da seguinte forma:

Los temas que, bajo la tutela de Isócrates y luego ya en la Escuela de Retórica Helenística, tiene que tratar la nueva Retórica aspiran a facilitar una *enkyklios paidéia*, moral o ético-política, o sea, una formación, educación permanente o *paidéia* moral de los alumnos basada sobre todo en la filantropía (*philanthropía*) o “amor al ser humano”. El fundador de esta nueva Retórica, Isócrates, se convirtió, así, en el educador por antonomasia de la Grecia del siglo IV a. J. C. y luego del mundo helenístico y del mundo romano. Y esta Retórica educativa, escolar, moral, filantrópica, indiferente a la oralidad o la escritura, y dominadora de la Literatura entera, se perpetuará en la época del Imperio Romano y en la Antigüedad Tardía como signo de identidad cultural, como signo de pertenencia a la cultura griega.⁷⁹

O que podemos observar é que esse modelo educacional tinha uma proposta clara: através da assimilação da *paidéia*⁸⁰, formar bons cidadãos e magníficos políticos,

⁷⁷ Ressaltamos que também no mundo romano, de modo geral, “a história apresentava-se literalmente como um *monumentum* (o que serve para lembrar). Uma obra desse gênero tinha uma função prática e moral: a história ensinava os homens, ela era *magistra vitae* (Cícero), rica em exemplos a serem seguidos”. In: CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história:** historiografia, método e pesquisa. *op. cit.*, p.30.

⁷⁸ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008.

⁷⁹ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p.2.

⁸⁰ Na introdução de sua obra *Paidéia: A formação do homem grego*, Werner Jaeger realiza o seguinte pensamento acerca da expressão título de seu livro: “Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os Gregos entendiam por *paidéia*. Cada um dos termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez”. In: JAEGER, W. **Paidéia:** a formação do homem grego. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.1.

estabelecendo os princípios básicos para o exercício de uma política ética.⁸¹ Ao mesmo tempo, servindo como ponto de apoio para esse ensino da *paidéia*, temos a busca e estabelecimento de um ideal estético, seja no âmbito oral ou escrito, preocupado fundamentalmente com a forma, ou seja, o modelo utilizado pelo homem para expressar os conhecimentos que adquiriu.

Nesse sentido, o modelo de ensino da retórica passou a compreender uma série de exercícios, denominados *progymnasmata* e *declamationes*, responsáveis por fazer o estudante “lograr el necesario dominio y la requerida soltura en el uso del idioma y en el aprovechamiento de su expresividad”.⁸² Enquanto as *declamationes* estavam voltadas para os exercícios declamatórios, os *progymnasmata* abrangiam as chamadas *narrationes*, as quais, segundo López Eire:

[...] podían versar, según el autor de la *Retórica a Herennio*, sobre hechos legendarios, históricos o reales, distingo que realmente importaba poco cuando se trataba de exponer los hechos. La narración de los primeros, es decir, de hechos ni reales ni probables, es la leyenda (*fabula*), el argumento (*mythos* lo llama Aristóteles en su Poética) que contemplamos en las tragedias; la de los segundos, o sea, la narración de hechos realmente acontecidos, es la historia (*historia*); y la de los hechos reales, es decir, la narración de hechos imaginarios pero que podrían acontecer, se llama *argumentum* (en griego, *plásma*).⁸³

Como podemos observar, a composição da história era parte constituinte do âmbito educacional da retórica. A historiografia, ou seja, o ato de escrita da história – como vimos, constantemente praticado como exercício nestas escolas – sofreu grande influência não apenas quanto aos aspectos estéticos que a retórica propunha, mas também no que se refere ao ideal assumido em torno de uma função educacional ética daqueles que lêem ou ouvem esse discurso histórico, visando especialmente aqueles que iriam desempenhar funções públicas, para que o fizessem sem fugir ao referencial moral da sociedade. Seguindo esse pensamento, o discurso histórico deteve uma importância muito maior do que outros possíveis discursos relacionados ao passado, pois era nele que encontraríamos os exemplos, em seus variados aspectos, a serem seguidos e praticados constantemente pelos bons cidadãos, homens

⁸¹ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p.2.

⁸² LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p.10.

⁸³ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p.11.

partícipes da vida pública. Por isso, ao propor a composição de uma obra que se valesse do discurso histórico, o escritor deveria avaliar muito bem o seu tema de escrita, para que as pessoas (leitores ou ouvintes) consentissem da importância, a nível social e político, do seu trabalho. Arriano, naquilo que seria a continuação de sua introdução, fez justamente isso:

Al subir Alejandro a Ilión, Meneceo su timonel impuso sobre sus sienes una corona de oro; otro tanto hizo luego el ateniense Cares, que había venido con algunos hombres desde Sigeo, de los cuales unos eran griegos y otros indígenas *** [lacuna no texto original] Dicen unos que Alejandro impuso una corona sobre la tumba de Aquiles, y según otros también Hefestión hizo lo propio sobre la tumba de Pátroclo. Según se cuenta, Alejandro felicitó a Aquiles por haber tenido en Homero un heraldo que perpetuara eternamente su recuerdo, y por ello Aquiles podía considerarse en opinión de Alejandro el más afortunado de los hombres. En cambio a él le había quedado en su vida el vacío de que sus hazañas no iban a ser relatadas ante los hombres de una manera suficientemente digna (el vacío se refería exclusivamente a esto, y no al resto de su fortuna), pues nadie, ni en prosa ni en verso, le hizo composición digna; es más, ni siquiera se había compuesto en su honor ningún canto coral como los que tuvieron Hierón, Gelón, Terón y muchos otros, hombres que en nada habían sido comparables con Alejandro. De todo ello se derivaba que las hazañas de Alejandro eran mucho menos conocidas que las más insignificantes que le precedieron.⁸⁴

Segundo o grego de Nicomédia, o próprio Alexandre já demonstrava certa preocupação (de certa forma, precoce) em relação ao modo como a memória de seus feitos seria resguardada: teria de ser, antes de tudo, uma composição digna. Aquiles, um dos heróis da Guerra de Tróia, teria sido para o rei macedônio o mais afortunado dos homens, pois teve em Homero um arauto para perpetuar eternamente sua memória. Da mesma forma Hierón, Gelón e Terón, dentre outros homens, também teriam sido honrados com a realização de cantos em homenagem a eles – enquanto Alexandre ainda não recebera nada. Em suma, o que Arriano desejou foi chamar a atenção para o fato de que, em relação ao rei macedônio, não existia um relato à altura dos fatos narrados, e isso estava prejudicando a memória dos feitos de Alexandre – tornando-os menos conhecidos que outros acontecimentos, muito mais insignificantes na perspectiva do autor. Para fortalecer ainda mais seu argumento, Arriano estabeleceu uma comparação qualitativa entre a expedição que ele estava narrando e outra do mesmo tipo, militar, ocorrida no século IV a.C.:

⁸⁴ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p.151.

Cuando tuvo lugar la *Anábasis* de los diez mil que marcharon con Ciro contra el rey Artajerjes; los sufrimientos de Clearco y de sus compañeros al ser capturados; y el regreso al mar de aquellos mismos conducidos por Jenofonte; todos éstos fueron hechos que alcanzaron entre los hombres mayor importancia debido al relato de Jenofonte, que la que habían obtenido Alejandro y sus hazañas. Y eso que Alejandro no había organizado su expedición acompañando a nadie, ni domeñó sólo a quienes se opusieron a su marcha hacia el mar porque él huyera del rey persa; nada de eso. Es más, no ha habido hombre alguno, ni griego ni bárbaro, que haya realizado tantas ni tan grandes hazañas, ni por su número ni por su magnitud.⁸⁵

Etimologicamente, o termo grego “anábase” significa uma expedição que se realiza a partir do litoral (da costa) em direção ao continente. Foi o título da obra composta pelo ateniense Xenofonte (431-350 a.C.) no século IV a.C., onde este narrou a trajetória de uma expedição militar composta de mercenários gregos (os chamados “Dez Mil”) que partiu da Grécia em direção à Pérsia para apoiar Ciro, o Jovem, contra seu irmão e na época rei persa, Artaxerxes II. Ao final, após a morte de Ciro, o Jovem, o exército mercenário realizou uma penosa e difícil, mas bem sucedida, retirada do reino persa, sendo o próprio Xenofonte eleito um dos líderes para empreender tal retorno.

Arriano, nesse momento de sua obra, resgatou a memória dessa expedição citando dois momentos importantes e dramáticos a ela: o sofrimento de Clearco, junto aos seus companheiros, após serem capturados; e o regresso desses homens ao mar, conduzidos por Xenofonte. Para o grego de Nicomédia, tais feitos teriam alcançado entre os homens importância maior do que havia obtido Alexandre com suas realizações. Diante disso, Arriano desqualificou, ironicamente, a possível comparação dos feitos da expedição de Xenofonte com a de Alexandre, ressaltando a importância singular deste último pela grandeza incomparável daquilo que ele fez – seja em termos quantitativos ou pela magnitude qualitativa que suas ações alcançaram. Mas se Alexandre teria feito tudo isso, em maior escala e importância, por que não lhe era dado o devido valor? Para Arriano, a importância que assumiu a expedição de Xenofonte fora devido ao fato dela ter sido devidamente relatada, nesse caso pelo próprio Xenofonte. O autor, praticamente, expressou uma incoerência que necessitaria ser “corrigida”, ou seja, os feitos de Alexandre precisavam ser narrados, mas de modo digno, como ele mesmo afirmou logo em seguida:

⁸⁵ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p.152.

Confieso que es esto por lo que yo me he embarcado en esta narración, bien que no me reconozca capaz de exponer ante los hombres de modo claro las hazañas de Alejandro. Quienquiera que yo sea, debo anotar esto a mi favor: no necesito poner en cabeza mi nombre, por no ser del todo desconocido entre los hombres; tampoco mi patria, ni mi familia, ni si desempeñe en mi patria alguna magistratura; pero sí voy a escribir esto: que mi patria, mi familia, mis magistraturas no son sino estas narraciones mías, y que lo fueron ya desde mi juventud. Y por ello no en vano puedo reclamar para mí mismo la primacía entre los escritores en lengua griega, toda vez que realmente Alejandro la tuvo entre los que practicaron el ejercicio de las armas.⁸⁶

Arriano, portanto, assumiu a responsabilidade de narrar as façanhas de Alexandre. O autor, ao alegar sua pretensa “incapacidade” para realizar tal feito, demonstrava ao público muito mais o grau de dificuldade do que iria fazer e o respeito que se deveria nutrir por tal tarefa – tratava-se, nessa perspectiva, de uma grande realização.⁸⁷ Por isso, logo em seguida, fez um discurso enfático acerca de si próprio, no qual assegurou seu prestígio, valor e capacidade para esse feito, ressaltando que sua qualidade enquanto escritor seria a mesma que teve Alexandre como militar.⁸⁸

Desse modo, Arriano assinalou claramente aos leitores e ouvintes que ele era um homem de grande *paidéia* – aspecto que seria demonstrado não apenas pela construção de uma obra de caráter histórico, mas também pelo tema por ele escolhido para realizar tal tarefa.

⁸⁶ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. *op. cit.*, p. 152.

⁸⁷ Segundo Arnaldo Momigliano, “cada historiador grego está preocupado com a importância qualitativa daquilo que vai dizer. Sua tarefa é preservar a memória de fatos importantes e apresentá-los de uma maneira confiável e atrativa”. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. *op. cit.*, p.38. Interessante é a seguinte passagem “premonitória” da obra de Arriano, na qual o autor apresenta um acontecimento imediatamente anterior ao início da expedição de Alexandre: “Se divulgó por entonces el rumor de que la estatua de Orfeo hijo de Eagro el tracio, que estaba em Pieria, sudaba ininterrumpidamente. De este fenómeno cada adivino daba su propia interpretación; entre éstos, Aristandro, adivino de Telmisso, aconsejó Alejandro tener confianza, porque aquello significaba claramente que para los poetas, tanto épicos como líricos, y cuantos componen odas, iba a ser una penosa tarea hacer composiciones y celebrar las hazañas de Alejandro”. In: ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. *op. cit.*, p.147.

⁸⁸ Um aspecto interessante, levantado em discussão por Stadter, se refere à inversão do *topos* “Identificação do autor” realizada aqui por Arriano. Segundo Stadter, a prática de identificação do autor no prefácio era algo que já existia antes mesmo de Heródoto e Tucídides, tornando-se uma constante ao longo dos tempos – especialmente quando o autor procurava, de antemão, conferir autoridade e dignidade ao seu trabalho. Para ele, essa “renúncia” de Arriano teria duas possíveis explicações: a primeira aborda o âmbito filosófico da questão, vindo de encontro com os ensinamentos de Epicteto. Trata-se, em suma, do desejo de não ostentar glória em algo que, propriamente, não viesse ou dependesse de uma ação propriamente pessoal dele (como seria seu nome, sua família, sua cidade natal, magistraturas, etc.). Por sua vez, tudo aquilo que ele realmente realizou e se responsabilizou sozinho, como seus escritos, seria algo realmente digno para ele se glorificar. A segunda fonte de explicação diz respeito ao âmbito literário da questão, tendo em vista que ela indicaria a busca pelo autor de um ideal artístico excepcional para seu trabalho – o qual viria, em conseqüência, enaltecê-lo. Em suma, Arriano gostaria de ser lembrado (tendo seu nome evocado) justamente pela qualidade excepcional de seu trabalho e pelo personagem que estudou, Alexandre, com o qual desejava estabelecer uma forte conexão histórica, numa clara alusão ao reconhecimento que, antes dele, obtiveram Homero, Pindaro e Xenofonte com seus trabalhos e os personagens por eles abordados. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, pp. 64-65.

Conseqüentemente, esse discurso servia como instrumento de projeção social para ele mesmo, tendo em vista que o autor desejava colocar-se num patamar elevado de reconhecimento histórico, tal como se estivesse requisitando o epíteto “Magno” para si, mas no que se referia ao mundo dos escritores em língua grega.⁸⁹

Basicamente, o que nos parece elementar para a perspectiva histórica de Arriano é o seu elemento qualitativo, ou seja, algo importante teria necessariamente de ser relatado. Ao mesmo tempo, algo que também se demonstrasse universal e inteligível aos contemporâneos da obra, tendo em vista sua opinião de que não haveria “pueblo, ni ciudad actual, ni un solo hombre a quien no haya alcanzado la fama de Alejandro”.⁹⁰ Enquanto algo importante e universal, narrado dignamente, o fazer histórico de Arriano ganhava seu preceito de utilidade, como ressaltou o autor ao final de seu trabalho:

Ésta es mi historia de Alejandro, en la que he reprobado algunas de sus acciones, aunque no me avergüenzo de confesar mi admiración por él, ya que si afeé algunas acciones suyas fue en honor a mi verdad y por servir de alguna utilidad a la humanidad. Fue por ello por lo que yo mismo me decidí a escribir esta historia, no sin el concurso de la divinidad.⁹¹

Foi justamente quando honrou a verdade, a despeito de sua admiração por Alexandre, que Arriano conferiu à sua narrativa o principal elemento constituinte do discurso histórico. Por sua vez, enquanto narrativa historiográfica, ela certamente deveria servir com alguma utilidade à humanidade; tal utilidade vinculava-se à pertinência do tema da obra, bem como os exemplos que ela apresentava, frente as circunstância vividas pelo autor no seu tempo.

Vemos, portanto, que a *Anábase de Alexandre Magno*, enquanto discurso histórico, desempenhava essa pretensa função de utilidade na sociedade de seu tempo. No entanto, ainda que esse estatuto de inteligibilidade permaneça inalterável, verificamos que a narrativa construída e desenvolvida por Arriano ao longo de sua obra apresentou outras importantes peculiaridades que ora a aproximavam, ora a afastavam do modelo considerado mais “tradicional” de escrita da história. Vejamos uma simples comparação, a título de exemplo,

⁸⁹ Novamente ressaltamos a afirmativa de Bosworth, para o qual “The relationship between him [Arriano] and Alexander will be comparable to that between Homer and Achilles. This claim is based on his established literary renown. His works have made him a household name and mean everything to him. On that score he considers himself the literary counterpart of Alexander, competent to do for him what nobody has done before”. In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. *op. cit.*, p.34.

⁹⁰ ARRIANO. **Anábase de Alejandro Magno: libros IV-VIII**. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 255.

⁹¹ ARRIANO. **Anábase de Alejandro Magno: libros IV-VIII**. *op. cit.*, p. 255.

com a obra *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides – autor que permaneceu como modelo de historiador verídico⁹², influenciando várias gerações de historiadores na Antiguidade. Nesta obra do século V a.C., o autor centralizou sua análise e narrativa em torno das causas e conseqüências⁹³ dos acontecimentos, de âmbito político e militar⁹⁴, relacionados ao conflito entre as diferentes unidades políticas da Grécia na Guerra do Peloponeso. Centrado e escrevendo de modo crítico especialmente sobre o seu presente⁹⁵, Tucídides empenhou-se na busca pela verdade ao longo de sua escrita.

Arriano, por sua vez, manteve várias dessas características em seu escrito, como também já constatamos anteriormente: a busca expressa pela verdade, uma posição e método críticos, a organização lógica dos fatos em sua narrativa e a temática político-militar. Salientamos, também, que Arriano buscou seus testemunhos históricos, Ptolomeu e Aristóbulo, com base no critério da proximidade deles para com Alexandre – seriam, portanto, de maior confiança por terem visto e ouvido os fatos pessoalmente. Mas o que é interessante e que devemos salientar nesse momento é o fato de que Arriano orientou sua escrita para os acontecimentos que envolviam, no plano principal, um único homem: Alexandre, o Grande. Para isso, desenvolveu uma narrativa simples, mais lenta e com foco detalhado nos variados aspectos que cercaram o cotidiano desse personagem, enfatizando o período no qual empreendeu sua expedição militar.

Nesse sentido, podemos perceber um afastamento por parte da *Anábese de Alexandre Magno* em relação ao modelo tradicional de história tucidideana, tendo em vista que “ao

⁹² MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. *op. cit.*, p.73.

⁹³ No que se refere às características do discurso histórico, podemos dizer que, “além do critério de verdade, sua dimensão crítica limitava-se a organizar o encadeamento dos fatos relatados, compondo uma narrativa (*syngraphéin*). Os historiadores antigos procuravam estabelecer relações entre os fatos, colocando em evidência as causas e as conseqüências [...]; a história ficou associada à idéia de uma narrativa lógica, apresentando um encadeamento racional dos fatos”. In: CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. *op. cit.*, p. 26.

⁹⁴ Devemos lembrar que, “visto o prestígio de Tucídides, foi a história política e militar que dominou o campo da história. É curioso ressaltar que todos os autores considerados desde a Antiguidade como grandes historiadores preocuparam-se em analisar as mudanças que ocorriam entre os Estados, nas constituições e na natureza do poder político”. In: CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. *op. cit.*, pp. 28-29. Para Arnaldo Momigliano, “a história política – história ‘tucidideana’ – continuou sendo a história por excelência para a maioria dos antigos”. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. *op. cit.*, p.75.

⁹⁵ A respeito desse aspecto, o qual já comentamos de modo breve anteriormente, acrescentamos a seguinte afirmação de Arnaldo Momigliano sobre o trabalho de Tucídides: “[...] o presente era o único período a respeito do qual era possível obter informação confiável e, portanto, a pesquisa histórica deveria começar com o presente e poderia penetrar no passado apenas na medida em que a documentação assim o permitisse. É tão forte a convicção de Tucídides a respeito da centralidade do presente na pesquisa histórica, que não lhe parece necessário examinar em profundidade a proposição complementar de que o presente é o único tempo para o qual informação confiável está disponível”. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. *op. cit.*, p. 68.

privilegiar os acontecimentos políticos e militares através da análise do papel e da evolução da organização social, a história não poderia abarcar assuntos alheios ao Estado”.⁹⁶ A obra de Arriano apresentou um olhar mais apurado e específico acerca de um homem (da sua personalidade e ações) e de um acontecimento relacionado a ele (a expedição militar que empreendeu), provavelmente porque foi justamente intenção do autor valorizar esses aspectos como de grande importância, dignos de serem relatados em sua época.

Desse modo, tendo um único personagem como foco principal de sua narrativa, poderíamos mesmo dizer que Arriano, em sua obra, estaria apresentando características próximas àquelas do gênero biográfico.⁹⁷ De modo geral, acerca dessa forma de escrita sobre o passado, podemos dizer que:

A concepção de biografia que se impôs como referência durante o período helenístico e romano foi desenvolvida no século III a.C., à margem da escola aristotélica. Sem pertencer propriamente ao gênero, os famosos *Caractères* (Caracteres) de Teofrasto revelariam, contudo, a nova orientação da biografia: destacar um caráter exemplar, um modelo humano. A vida de um indivíduo interessava pelo ideal do general, do poeta, do orador ou do filósofo que encarnava.⁹⁸

Aparentemente não havia contradição, na perspectiva de Arriano, na construção de uma obra histórica baseada em termos do estudo sobre um único personagem. Além disso, contar a história desse único homem já seria, por si só, contar a história do “Estado”, tendo em vista que este era governado e orientado por Alexandre – aspecto que seria válido, inclusive, para o próprio tempo de Arriano, tendo em vista o estabelecimento da instituição do Principado desde Otávio Augusto, em 27 a.C. (um paralelo, sem dúvidas, que poderia ser muito coerente na perspectiva do grego de Nicomédia). Sobre a presente discussão, devemos ainda levar em consideração a seguinte reflexão de Stadter:

⁹⁶ CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história:** historiografia, método e pesquisa. *op. cit.*, p.190.

⁹⁷ A biografia, enquanto gênero, teria surgido por volta do século IV a.C.. Nesse período Isócrates escreveu a obra *Evágoras*, onde retratou a personalidade do rei de Salamina em Chipre, e Xenofonte escreveu a obra *Memoráveis*, onde retratou a personalidade de Sócrates. O fundamento de ambas as narrativas foi destacar os personagens biografados como grandes exemplos. Desse modo, podemos entender que o gênero biográfico apropria-se justamente de um tema negligenciado pela história tradicional tucidideana, os indivíduos (agora, em primeiro plano). Na época de Arriano, temos um dos momentos de maior popularidade do gênero biográfico, tendo em vista a publicação das obras *Vidas Paralelas*, de Plutarco, e *A Vida dos Doze Césares*, de Suetônio. Além disso, devemos lembrar que Arriano estava familiarizado com o gênero, pois vai escrever as biografias de Dion de Siracusa e Timoleon de Corinto.

⁹⁸ CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história:** historiografia, método e pesquisa. *op. cit.*, p.189.

Despite its many debts to Herodotus, the *Anabasis* was not intended to be a history of a war between East and West (or Macedonia and Persia), and still less a history of the world during the reign of Alexander. The single-minded focus in the *Anabasis* on Alexander and his deeds is the source of many of the complaints addressed against it by modern historians. Its silence on affairs in Greece, on Persian strategy, on the problems of administration – in short, on almost anything that did not involve Alexander directly – is a natural consequence of Arrian’s conception of his work. Combined with the idea of praise, this restriction of subject gives a strong biographical color to the whole. The *Anabasis* is not the study of a war, or of a movement of peoples, but of a man.⁹⁹

Para Stadter, a obra de Arriano se enquadraria dentro de um estudo específico do personagem Alexandre – o que de fato afirmamos. Porém, pensamos que a delimitação de seu objeto contempla também o acontecimento e sua importância. Segundo Pedro Paulo Abreu Funari, a biografia “busca ser quase o inverso da historiografia, já que as vidas aparecem na História como elemento para a compreensão dos acontecimentos históricos, enquanto na Biografia são os eventos a ilustrar o caráter, ou *éthos*, de um personagem”.¹⁰⁰ Nesse sentido, presenciamos na *Anábase de Alexandre Magno* um entrelaçamento constante entre ambas as perspectivas: o acontecimento, a expedição militar dos macedônios contra os persas, fora explicado em termos da ação de Alexandre; por sua vez, esse mesmo acontecimento revelou os traços singulares da personalidade do rei macedônio, capaz de torná-lo possível.

De fato, Arriano não se deteve, na *Anábase de Alexandre Magno*, em contar detalhadamente sobre todos os períodos e acontecimentos em torno da vida de Alexandre – como, por exemplo, a época de sua infância. Provavelmente, não interessava ao grego de Nicomédia uma análise tão abrangente e pormenorizada. Tendo em vista aquilo que ele efetivamente realizou em seu trabalho, podemos dizer que ele foi bem mais direto em sua abordagem: focalizou e contou detalhadamente os eventos em torno da expedição militar de Alexandre e o comportamento deste, enquanto líder, dentro dela. Ou seja, foi uma construção narrativa que visava contemplar um acontecimento de excepcional importância, o qual já plenamente evidenciava a grandeza característica de um personagem: Alexandre, o Grande.

⁹⁹ STADTER, P. A. *Arrian of Nicomedia. op. cit.*, p. 63.

¹⁰⁰ FUNARI, P. P. A. Júlio César, poder, instituições e jurisdições na construção biográfica de Plutarco. In: Marcella Lopes Guimarães; Renan Frighetto (Org.). **Instituições, poderes e jurisdições**. Curitiba: Juruá, 2007, p.178.

Portanto, podemos dizer que há por detrás da obra de Arriano certa concepção biográfica, mas não somente: encontramos ainda outras referências que poderiam ter influenciado a construção de seu trabalho. Uma dessas influências já pode ser deduzida a partir do título da obra, “*Anábase*” – uma correspondência direta àquela composta no século IV a.C. por Xenofonte. Arriano, como já verificamos no prefácio da *Anábase de Alexandre Magno*, fez menção direta à essa expedição militar que Xenofonte narrou em sua obra. No entanto, Arriano apresentou um tom crítico e irônico ao falar dela, ou seja, não estava fundamentalmente preocupado em enaltecê-la ou projetá-la ao fazer tal referência. No entanto, devemos consentir, no mesmo sentido que aponta Albin Lesky, que o título da obra de Arriano, sem dúvidas, “contém uma homenagem a Xenofonte, como também a divisão em sete livros”.¹⁰¹

Nesse sentido, pensamos que essa pretensa “filiação” da *Anábase de Alexandre Magno* em relação à *Anábase* de Xenofonte poderia ser importante tendo por base dois aspectos: primeiro, o modelo de expedição militar que Xenofonte criou seria interessante aos olhos de Arriano não apenas quanto ao aspecto descritivo, no qual poderia se apoiar como base, mas também no que se refere ao elemento ideológico que tal narrativa trazia consigo – a possibilidade de um homem, virtuoso e bem preparado, empreender uma trajetória de incríveis conquistas, liderando uma expedição militar rumo ao sucesso, vencendo com maestria os diversos obstáculos que se colocavam no caminho. De fato, tal perspectiva se aproximava do teor heróico que envolvia uma narrativa épica, portanto, singular em sua essência. Segundo aspecto, Arriano talvez consentisse da necessidade, em sua época, de vincular sua obra à outra já de grande prestígio, colocando-a, no mínimo, no mesmo patamar de legitimidade. Quanto à esse último aspecto, talvez possamos compreendê-lo melhor voltando nossos olhos ao que seria o contexto intelectual (ou seja, as tendências predominantes que influenciavam a escrita da história) da época de Arriano.

Ao retomar um modelo da Antiguidade Clássica como apoio e ponto de partida para sua escrita, Arriano apresentou uma das principais características do movimento intelectual denominado (em relação à chamada “Primeira Sofística”¹⁰²) de “Segunda Sofística”.¹⁰³ Este

¹⁰¹ LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. Tradução de Manuel Rosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p.885.

¹⁰² Segundo Easterling e Knox, os chamados sofistas, ou homens sábios, surgiram após as Guerras Médicas (século V a.C.), e demonstravam uma posição intelectual que privilegiava a idéia da capacidade do homem e de seu pensamento racional em intervir no mundo à sua volta. O título de sofista era aceito por professores de erística, retórica e cívica que viajavam entre as diversas cidades da Grécia para demonstrar sua inteligência mental e verbal. Estes personagens tiveram, inclusive, grande influência na filosofia, literatura, retórica e

movimento teve seu auge por volta do século II d.C., fazendo parte dele autores como Díon de Prusa (40-120 d.C.), Tibério Cláudio Ático Herodes (101-177 d.C.), Élio Aristides (129-189 d.C.), Filóstrato (170-250 d.C.), dentre outros.¹⁰⁴

A Segunda Sofística teve como uma de suas propostas, no que lhe concerne ao estilo apregoadado, a cópia ou imitação (*mimesis*) de modelos clássicos da tradição escrita grega. O filólogo Antônio Lopez Eire denominou esse movimento também de Retórica Classicista, compreendendo-o como uma variedade da Retórica Helenística, ou seja, em termos do modelo educacional proposto e predominante na época.¹⁰⁵ Portanto, podemos pensar que existia uma perspectiva, a qual estava presente nas escolas de retórica, que incentivava e direcionava os educandos, futuros escritores, à cópia de modelos gregos (certamente, enaltecidos) dentro dos exercícios que eram propostos nela, os já mencionados *progymnastas*. Ademais, lembremos da seguinte afirmação de Albin Leski, para o qual “a exposição do

filologia: desenvolveram conceitos e categorias das partes do discurso, modelos, gêneros e dicção; aumentaram as qualidades artísticas da prosa literária; elaboraram paradoxos e lugares comuns úteis para os dramaturgos e outros escritores; aperfeiçoaram o raciocínio lógico, estabelecendo as bases para a crítica literária. A Sofística, nesse sentido, demonstrou-se permanentemente atrativa para os gregos, dando provas contínuas de existência ao longo da Antiguidade. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **Historia de la literatura clásica**. Version española de Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Gredos, 1989-1990, pp. 513-514.

¹⁰³ Segundo Albin Leski, “a expressão ‘Segunda Sofística’ é empregada por Filóstrato (170-250 d.C.) nas suas *Biografias de Sofistas*. No fundo, induz a confusão, dado que, por um lado, separa demasiado nitidamente este período da Sofística antiga e, por outro lado, não se trata do começo de algo de novo, mas sim de uma evolução que, desde Górgias e através de Isócrates, do Perípatos e do helenismo, conduz, com alternâncias de ação e reação, à Época Imperial”. In: LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. *op. cit.*, p. 870. Para Easterling e Knox, “lo que hace distintos a los sofistas del siglo II y principios del III no es que representen nada verdaderamente nuevo en ellos mismo sino más bien que consiguieran un éxito mundano tan inmenso. Muchos adquirieron grandes riquezas y amigos muy influyentes. Varios fueron consejeros y confidentes de emperadores. Sus representaciones reunían a muchedumbres de admiradores, y sus escuelas estaban llenas de la élite intelectual del mundo griego”. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **Historia de la literatura clásica**. *op. cit.*, p.704. Para Armando Plebe, “as origens da Segunda Sofística ligam-se ao próprio ambiente no qual Quintiliano surgiu, isto é, à simpatia que os Flávios mostraram pelos estudos retóricos: Vespasiano, inclusive, chegou a ponto de instituir em Roma professores de retórica, assalariados pelo Estado. Em consequência disso, sobretudo no ambiente grego, a partir de fins do século I d.C., começaram a reaparecer figuras de retóricos filósofos de profissão que, a exemplo dos famosos retóricos filósofos do século V a.C., queriam chamar-se sofistas e deram por isso origem à denominada Segunda Sofística. Contudo, este foi um movimento de idéias muito menos vital do que o da Primeira Sofística, da qual repetiu, amiúde sem o mesmo brilho, argumentos e motivos”. In: PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978, 80. Segundo Pierre Grimal, “no Oriente, os ‘sofistas’ gozam de um grande prestígio na sua cidade, onde lhes são muitas vezes confiados os assuntos públicos [...] Em Roma, são recebidos com honra e integram-se facilmente na mais elevada aristocracia. Alguns deles fazem carreira como advogados, ou exercendo magistraturas”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 108.

¹⁰⁴ Para maiores informações sobre o movimento da Segunda Sofística, incluindo os autores e seus referenciais teóricos, conferir: LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. *op. cit.*, p.866-894.

¹⁰⁵ Para o autor, a Retórica Classicista seria “una variedad de la Helenística Retórica escolar que nosotros llamamos ‘Retórica de Hermes’ y, em efecto, va a ser la que predomine a lo largo de la Época Imperial Romana y de la Antigüedad Tardía”. In: LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p.21.

aticismo era um pressuposto indispensável para o exame da retórica da época imperial”.¹⁰⁶ Por isso, a realização e prática constante da *mimesis* era considerada legítima, pois os modelos clássicos seriam, na concepção da retórica, aqueles nos quais os bons autores deveriam se espelhar para construir suas obras.¹⁰⁷ Nesse sentido Arriano não foi exceção: foram diversos os autores que influenciaram seu estilo de escrita.

No que se refere especificamente à *Anábase de Alexandre Magno*, Antônio Lopez Eire afirma que esta obra “se vale de los estilos de los tres grandes historiadores, Heródoto [...], Tucídides y Jenofonte”.¹⁰⁸ De modo geral, podemos delinear aqui alguns aspectos da influencia desses autores sobre a obra de Arriano. No que se refere à Xenofonte, além das características já mencionadas anteriormente, ressaltamos o estilo de escrita simples, evitando excessos e renunciando às figuras ornamentais. Quanto à influência de Heródoto, Antônio Lopez Eire afirma que Arriano combina na “*Anábasis* las observaciones etnográficas y genealógicas con los mitos al estilo herodoteo”.¹⁰⁹ Acerca da influência de Tucídides, além dos aspectos já mencionados anteriormente, novamente levamos em consideração a opinião de Antônio Lopez Eire, o qual afirma a constante presença do estilo de Tucídides em diversos momentos da *Anábase de Alexandre Magno*: “el discurso, por ejemplo, que, convertido en narración por Arriano, presumiblemente pronunciara Alejandro antes de la batalla de Gaugamela es de reconocible e innegable cuño tucidídeo”.¹¹⁰

Portanto, da nossa análise sobre as características da obra de Arriano, podemos agora resumir nossas principais considerações. Desde o início da obra, notamos uma clara intencionalidade do autor na construção de um discurso histórico sobre o passado. No entanto, este não foi apresentado na obra em seu formato mais tradicional, mas sim construído a partir de um modelo sincrético e flexível, no qual percebemos a influência da biografia, do relato

¹⁰⁶ LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. *op. cit.*, p.870.

¹⁰⁷ Segundo Albin Leski, “devemos entender o aticismo antes de mais como reação contra o empolamento asiático, mas constitui um sinal de debilidade e enrijecimento o facto de não lhe poder opor senão uma forma lingüística e estilística que, em séculos anteriores, tinha servido para exprimir conteúdos importantes, mas que agora já não podia ter a mesma função. Nesta época não começa um processo em que as antigas formas eram colocadas ao serviço duma nova vida: agora considerava-se essencial o cuidado do estilo como peça de museu. O aticismo encontrou a sua expressão extrema na elaboração lexical do material lingüístico consagrado”. In: LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. *op. cit.*, p.869.

¹⁰⁸ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p.23. Sobre o tópico em questão, Stadter aponta que Arriano “used the classical writers, especially Xenophon, Herodotus, and Tucídides, as models of style and clarity of expresión, but not of the substance of his thought” STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.166.

¹⁰⁹ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. *op. cit.*, p. 23.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*.

épico e da *Anábase* de Xenofonte – compondo sua base principal e diferencial. Dentro desta base surgem as influências estilísticas do autor, provenientes de sua formação advinda da retórica, especialmente relacionada ao movimento da Segunda Sofística – o qual realçava como modelos narrativos “exemplares” as obras de autores clássicos, dentre eles Heródoto, Tucídides e Xenofonte. Por tudo isso, consideramos a *Anábase de Alexandre Magno* como uma *proposta historiográfica* singular e inovadora para o seu tempo. Conservando a inteligibilidade do discurso histórico, sua obra ganhava uma dimensão especial: ressaltava aos contemporâneos do autor a importância de um acontecimento passado e o caráter *exemplar* do personagem que o tornou possível. Seria, portanto, uma narrativa repleta de *orientações*, tornando-se *útil*, num sentido educativo, aos homens que tomassem Alexandre, o Grande, como exemplo de governante a ser seguido.

Diante do que afirmamos até o momento, novamente direcionamos nossa problemática: no que, exatamente, poderia ser pertinente tal abordagem feita por Arriano? Na busca pelas motivações que teve o autor para escrever sua obra, podemos agora dar um passo adiante e sugerir um novo ponto de reflexão para estudo em nosso próximo capítulo: a possibilidade da escrita da história, em virtude do seu caráter e função naquela sociedade, estar estreitamente relacionada aos interesses de Arriano, em um determinado momento de sua vida, com relação à política e, conseqüentemente, ao poder.

CAPITULO III

A escrita da história a serviço do poder

Arriano, ao salientar a verdade como aspecto inerente ao seu escrito, caracterizou sua narrativa com um dos principais elementos constituintes do discurso histórico. Ao resgatar e construir a imagem de um determinado personagem ou fato do passado, tornando-o exemplo, a escrita da história tornava-se praticamente um instrumento de poder: ela revelava, com base na tradição, quais eram os bons e maus modelos a serem ou não seguidos no presente. Em outras palavras, ela legitimava ações, comportamentos e personagens, especialmente no âmbito de que mais tratava: os acontecimentos e personagens da vida política.

De certo modo, o ato de escolha por determinados exemplos realizada pelos autores antigos, seja para enaltecê-los ou criticá-los, atendia aos seus interesses e idéias sobre a política e o próprio poder na época em que viveram e escreveram. Justamente por isso, podemos pensar que Arriano, ao compor a *Anábase de Alexandre Magno*, tornou relevante o exemplo de Alexandre para sua época; e parte desse esforço do autor compreende apresentar, seja implícita ou explicitamente, concepções teóricas válidas acerca da política e do poder apoiando-se na imagem que construiu do passado. Tais concepções abordadas pelo autor viriam a corresponder favoravelmente aos seus anseios e propostas frente aos problemas e questões de importância, a nível político-institucional, no presente – tendo em vista um determinado momento da vida do autor.

Portanto, podemos desenvolver um estudo sobre a obra de Arriano do ponto de vista de seu forte potencial teórico, buscando delinear de que modo as concepções nela apresentadas são características do pensamento de determinado grupo social no ambiente de poder do Império Romano do século II d.C. Nesse sentido, torna-se necessário destacar o elemento da participação política de Arriano, tendo em vista que seus vínculos e relações para com o poder poderiam muito bem ter motivado o autor à escrita de sua obra histórica.

Seguindo toda essa reflexão, podemos então sugerir que Arriano provavelmente teria se empenhado muito mais na escrita e construção de sua obra durante o período no qual esteve diretamente vinculado aos núcleos de poder do ambiente político, ou seja, enquanto esteve imerso e ativo nos interesses e preocupações da vida pública, e no qual sua obra teria

impacto positivo para ele, seu possível destinatário e todos envolta que compreendessem e aceitassem o teor de suas idéias.

Dessa forma, buscando um referencial cronológico principal para realizarmos nosso estudo da relação contexto/obra, delineamos um momento a ser observado com maior atenção: do ano de 117 a 138 d.C., ou seja, referente a entrada de Arriano no Senado até o fim de seu governo na província da Capadócia – período correspondente também ao governo do *princeps* Adriano, seu principal patrono. No entanto, se desejamos analisar concepções teóricas e modelares ao poder tendo por base o exemplo de Alexandre, devemos recuar no tempo e voltar nossa compreensão ao mecanismo institucional que caracterizou a política romana desde o século I a.C., o Principado, tendo fundamentalmente em vista os pressupostos elementares da legitimação do governante no mesmo.

3.1 - A instituição Principado

Nosso estudo versa sobre um dos períodos históricos de maior importância para a civilização Ocidental, momento no qual se constituiu, a partir de uma única cidade, Roma, um dos maiores domínios que o mundo já presenciou. A seguinte afirmação de Alejandro Bancalari Molina expressa a singularidade e importância desse momento histórico e de seu principal fenômeno:

El *imperium Romanum* es, sin duda, la más deslumbrante, completa y compleja civilización que el mundo mediterráneo haya conocido y de los imperios de la antigüedad, el mayor por extensión y duración. A lo largo de los siglos ha representado constantemente un conjunto de referencias ideológicas, modelos estéticos, un sistema socio-político, axiomas, ejemplos, ideas y mitos, todos transversales y que han perneado la cultura europea y occidental hasta nuestros días.¹¹¹

No presente trabalho utilizamos a designação “Império Romano” para nos referirmos ao acontecimento político que teve seu início demarcado no ano de 27 a.C., momento no qual Otávio Augusto teve seu poder pessoal fortalecido. Ao mesmo tempo, quando fazemos uso dessa expressão “Império Romano”, partimos do pressuposto, inerente ao trabalho do

¹¹¹ BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2008, p. 48.

historiador, de compreender o passado e os elementos nele estudados (tal como a sociedade, a política, as instituições ou o pensamento) em sua especificidade, evitando assim qualquer pensamento anacrônico em torno dos conceitos utilizados.¹¹² Desde já, ressaltamos que a expressão “Império” foi empregada para demarcar, tendo em vista o processo histórico da Roma antiga, o surgimento de uma nova e importante instituição no panorama político daquela sociedade: O Principado.

Resultado das constantes lutas internas (guerras civis) que marcaram o período final da República Romana, o Principado surgiu como um sistema político híbrido: refletia uma tendência ao poder pessoal¹¹³ – cuja proposta central vinha no sentido de garantir e fortalecer a unidade política do *orbis romanorum* para mantê-lo em ordem e pacificado –, ao mesmo tempo em que resguardava a tradição ancestral republicana¹¹⁴ e preservava os interesses e privilégios dos cidadãos romanos frente aos habitantes provinciais.¹¹⁵ Otávio Augusto, no ano de 27 a.C., foi o primeiro desses grandes personagens históricos, um homem que concentrou diversos poderes¹¹⁶ e funções¹¹⁷ frente ao Império Romano.

¹¹² Para Pierre Grimal, “Esta designação, Império Romano, traduz melhor ou pior, a de *imperium romanum*, que, muito antes do que hoje chamamos ‘Império’, e que só começou na segunda metade do século I antes da nossa era, servia para designar não só o espaço no interior do qual Roma exercia o seu poder, como este mesmo poder”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 9. Segundo Alejandro Bancalari Molina, o conceito de “Imperialismo”, ou seja, o uso do termo “Império” para designar um Estado que desenvolve uma política de expansão e controle frente a diversos povos (seja por motivos econômicos, políticos ou estratégicos), é uma criação contemporânea do século XIX, surgido na época da expansão e colonização da África e Ásia pelas potências européias (em especial, o Império Britânico). Por isso, quando nos remetemos ao Império Romano, devemos estar conscientes de que se trata de uma realidade específica da sua época, a Antiguidade, e que ela deve ser estudada de acordo com as características que ela apresenta naquele dado momento. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, p. 37.

¹¹³ Importante lembrarmos da seguinte afirmação do historiador Renan Frighetto: “A ação individual de certos líderes políticos e o apoio de seus respectivos partidários, aliada a uma forte influência das formas políticas desenvolvidas nas monarquias helenísticas com as quais Roma entrou em contato direto, terminou por levar personagens que alcançaram o consulado, casos de Caio Mário, Pompeu, César, Marco Antônio e Otaviano, a concentrarem efetivos poderes de caráter pessoal e extraordinário. Um desenvolvimento paulatino que percorreu a última década do século II a.C. e todo o século I a.C. fundamentado, em grande parte, no poder de *Imperium* concedido à magistratura consular e que passou a ter uma vinculação com características personalistas e exclusivistas”. In: FRIGHETTO, Renan. **Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)**. In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, p.149.

¹¹⁴ Segundo Pierre Grimal, “É importante, para este [Augusto] e para os ‘amigos’ que o rodeiam, trazer à luz do dia o facto de o *imperium romanum* ser uma coisa muito diferente de um Estado submetido a um rei, que o príncipe, que é o seu ‘guia’ (é este o verdadeiro sentido de *princeps*, o título que Augusto se atribuiu, por três vezes, na *Res Gestae*), não é *rex* nem ‘basileu’, que não se assemelha, de modo algum, aos diádocos, sucessores de Alexandre na Macedônia, na Síria e em outros locais, que não é, como eles, o único detentor do poder, mas que este continua a pertencer ao conjunto do *populus romanus*, cuja *maiestas* permanece intacta. Uma vez estabelecida esta distinção, tornava-se evidente, para a opinião pública, que o vencedor de Antônio não sucumbia à maldição plurissecular que, em Roma, atingia a palavra ‘rei’ e cuja transgressão provocara ou permitira o assassinato de César”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.* p. 16.

¹¹⁵ ROSTOVTZEFF, Michael I. **História de Roma**. Trad. de W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p.162.

¹¹⁶ No ano de 27 a.C., Otávio tenta abrir mão de seus poderes, porém o Senado lhe aufere mais poderes ainda, militares e administrativos. Desse momento em diante, ele se torna o chefe do Senado e Primeiro Cidadão

Acerca das características do Principado que se configuraram na época de Augusto, Rostovtzeff aponta que sua “principal inovação em relação ao sistema republicano consistia na retirada dos assuntos militares da competência do Senado e da assembléia popular”.¹¹⁸ Nesse sentido, agora era o *princeps* quem detinha o controle e as demais responsabilidades sobre o exército – isso nos seus mais variados aspectos, seja nomeando oficiais, orientando a distribuição das tropas pelas províncias, realizando pagamento de soldos e pensões, e também vigiando a disciplina das forças – visando sempre a manutenção da paz e da ordem no Império Romano. Diante disso, o próprio Senado conferiu à Augusto a responsabilidade de controlar as províncias que detinham a maior parte do exército romano, as chamadas províncias imperiais.¹¹⁹

Devemos também lembrar que, na época de Augusto, tivemos uma constante movimentação das legiões romanas nas áreas fronteiriças – especialmente aquelas posicionadas próximas ao rio Reno e Danúbio –, conquistando territórios, fortalecendo e protegendo os domínios do Império. Ainda acerca desse aspecto militar em torno do poder do *princeps* e de sua importância, recordemos da seguinte afirmação do historiador Renan

(*Princeps*). Nessa mesma ocasião recebe o título de “Augusto”, antes só aplicado aos Deuses, e que visava expressar a idéia de que Otávio era um restaurador e “aumentador” do Império Romano, investido da mais alta autoridade (*auctoritas*). In: ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, pp.164-165. Segundo Renata Venturini, Augusto possuía o *imperium*, isto é, o comando militar e a capacidade de agir nesse domínio. O *imperium* designava igualmente um poder concreto, uma noção fundamental de comando, uma autoridade definida pela atribuição oficial de uma tarefa, isto é, o *imperium proconsulare*. Ao lado deste poder consular, o senado lhe atribuiu o poder tribunicio. Portanto, ele reuniu os poderes do *imperium*, a *tribunicia potestas* - que lhe permitia a convocação dos comícios e do senado -, o *ius auxilii* - o direito de proteger os cidadãos, o *imperium consular* - autoridade sobre o governo das províncias -, o *pontificatus maximus* - controle administrativo e espiritual sobre os cultos e a hierarquia religiosa -, e a *censoria potestas* - para efetuar, entre outras prerrogativas, as tarefas do *census*, uma das quais era a nomeação para a carreira senatorial por meio da *lectio senatus*. Em todos os níveis, o poder imperial se apoiava na *auctoritas*. A *auctoritas principis* ilustrava o prestígio, a supremacia moral traduzida na *virtus*, na *iustitia*, na *clementia*, na *fides* e na *pietas*. Ela resumia o valor da justiça associada à clemência daquele que controlava a lei, a confiança que ele inspirava como chefe político e religioso. In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, 2001, p. 216. Pierre Léveque resume da seguinte forma toda a questão: “Augusto acumula títulos republicanos preciosos [...] que lhe dão a totalidade dos poderes militares, civis e religiosos”. In: LÉVEQUE, Pierre. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** Tradução de Ana Maria Rabaça. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979, p. 143.

¹¹⁷ Segundo Bancalari Molina, “las principales funciones de los emperadores eran: preservar y mantener el imperio; protegerlo a través de un ejército profesional y permanente; resguardar las fronteras; hacer cumplir la ley; respetar el orden; velar por la recaudación de los impuestos y nombrar a los diversos funcionarios imperiales. El emperador era, en esencia, el máximo responsable de la gestión del imperio y protector de los ciudadanos, de los territorios y el jefe político, militar, civil y religioso”. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, p. 137.

¹¹⁸ ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p. 170.

¹¹⁹ Michael Grant afirma que Augusto, em 27 a.C., “was granted, for ten years, the area of government comprising not only Egypt, which was his personal domain, but also Gaul (with Rhine commands of Upper and Lower Germany), Spain, and Syria, the three territories containing the greater part of the Roman army. He ruled this huge collection of “imperial” provinces through governors who were his own subordinates (*legati*)”. GRANT, M. **History of Rome**. Nova York: History Club Book, 1997, p. 248.

Frighetto, para o qual “todas as campanhas militares levadas a cabo dentro e fora dos limites do universo greco-latino, passavam a ter importância vital para a credibilidade do *princeps* e para a manutenção de sua autoridade”.¹²⁰ Desse modo, o prestígio de Augusto fora aumentando progressivamente à medida que as vitórias militares tornavam-no, aos olhos dos senadores e dos cidadãos, o principal e legítimo defensor do Império Romano.

Tendo em vista a importância de tais incumbências atribuídas ao *princeps*, deter o apoio das legiões passaria então a ser uma condição indispensável para aqueles que almejassem alcançar o poder de cunho pessoal. Prova disso é o fato de que, na prática, eram as próprias legiões que aclamavam o novo *princeps* através da chamada *aclamatio imperii*¹²¹, conferindo-lhe o poder de *imperium*.¹²²

Outro aspecto que ganhou importância nesse período e que se faz necessário aludir é relacionado ao papel desempenhado por Augusto nas finanças do Império Romano. Os gastos crescentes com a manutenção de um grande exército permanente (incluindo a criação da guarda pretoriana¹²³, de uma frota permanente e o sistema regular de pensões), com os espetáculos magníficos nos teatros, com a distribuição de pão aos cidadãos de Roma e a conservação dos edifícios públicos já não se encaixavam na receita normal do Império Romano. Considerado um dos homens mais ricos do Império após o término da guerra

¹²⁰ FRIGHETTO, Renan. *Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais* (séculos IV-VII). *op. cit.*, p. 151.

¹²¹ Segundo Frighetto, “ao fim e ao cabo o poder imperial estava associado ao efetivo controle do mando militar através de um dos mais importantes e significativos símbolos da auctoritas do *princeps*, a *aclamatio imperii*, aclamação das forças legionárias sem a qual nenhum pretendente ao poder supremo, que traduzimos por império, poderia manter-se”. In: FRIGHETTO, Renan. *Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais* (séculos IV-VII). *op. cit.*, p. 159.

¹²² Ainda para Frighetto, “o termo *imperium* assumia, a partir de Augusto, uma conotação de ‘poder’ que era específico da figura do *princeps* e que podemos vincular aos conceitos universalistas e unificadores de *ciuitas* e *humanitas*, num sentido de exercício do poder realizado em prol dos membros que compunham a comunidade política de todo o orbe romano. Ou seja, o conceito de *imperium* ganhou, a partir do século I d.C., uma dimensão mais ampla que a de ‘mando militar’, sendo daí em diante entendido como poder delegado pela comunidade política ao *princeps* para que este realizasse sua defesa *in toto*, tanto em relação aos assuntos internos como também com respeito às ameaças externas”. In: FRIGHETTO, Renan. *Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais* (séculos IV-VII). *op. cit.*, p. 151.

¹²³ Segundo Pierre Grimal, “até Tibério, não houve, de facto, no interior de Roma, nenhum exército colocado sob as ordens directas do príncipe. Mas era uma ameaça que pairava e, depois de Augusto, esta definiu-se, quando foi edificado o campo dos pretorianos, nas proximidades imediatas da Cidade”. In: GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. *op. cit.*, p. 13.

civil¹²⁴, Augusto teve de se apoiar em sua fortuna pessoal para cobrir tais gastos, tornando-se um homem indispensável à própria manutenção e subsistência do Império Romano.¹²⁵

Os dois aspectos aqui mencionados, o exército e as finanças, foram, segundo Rostovtzeff, “os dois principais pilares sobre os quais repousava o poder pessoal de Augusto”.¹²⁶ Não obstante, o Senado (onde se encontravam os representantes da mais alta e antiga nobreza de Roma¹²⁷) continuava a existir como instituição de importância, especialmente no que se referia às suas incumbências administrativas.¹²⁸ Devemos ainda lembrar que Augusto apoiou-se na tradição senatorial para fortalecer seu poder, colocando-se como homem digno e virtuoso, defensor dos interesses e privilégios daquele grupo – aspecto que lhe conferia e legitimava *auctoritas*.¹²⁹ Nesse sentido, vemos o estabelecimento de uma espécie de *concordia* para com o Senado, afastando-se assim a idéia de uma ruptura total, com o advento do Principado, em relação ao sistema político anteriormente estabelecido.

Todos esses elementos que apresentamos e que se configuraram paulatinamente contribuíram para a construção de uma nova realidade no panorama político-institucional romano, no qual o poder agora possuía características personalistas – centralizado na figura de um homem, o *princeps*. A *auctoritas* que surgia e se ampliava com este se apoiava no *consensus universorum* da comunidade política, a qual passou a compreender o Principado

¹²⁴ O historiador Michael Grant comenta que Otávio Augusto, ao conquistar o Egito em 30 d.C., tornando-o uma possessão romana que permaneceria diretamente sob seu controle, apoderou-se dos tesouros de Cleópatra – fato que o tornaria “wealthier than the Roman state itself” In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 245.

¹²⁵ Segundo Rostovtzeff, “o papel desempenhado por Augusto, pessoalmente, nas finanças do Estado era da maior importância. Sem sua ajuda, a bancarrota era inevitável, ou inevitável o recurso aos métodos predatórios das épocas republicanas”. In: ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p.174.

¹²⁶ ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p. 174.

¹²⁷ Segundo Renan Frighetto, “as fontes clássicas romanas referem-se aos membros do senado romano como *senatores, patricii, potentes, boni*, termos que denotam uma superioridade política sobre o restante do corpo de cidadania mas que também indicam uma supremacia social e cultural referendada pela ‘tradição ancestral’, definida pelos romanos como o *mos maiorum*”. FRIGHETTO, Renan. Algumas considerações: o poder político na Antiguidade Clássica e na Antiguidade Tardia. **Stylos** (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 13, p. 38, 2004.

¹²⁸ Segundo Rostovtzeff, “O Senado continuava a existir como o supremo conselho de magistrados e, em particular, do imperador. Augusto o tratava com grande respeito. Todos os assuntos públicos importantes eram discutidos por ele, que controlava ainda a administração de certas províncias, cujos governadores eram senadores, bem como a maioria dos governadores das províncias imperiais [...] Somente os senadores podiam comandar as legiões”. In: ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p. 175. Na opinião de Renata Venturini, “Na nova ordem constitucional o senado retomou a função de um conselho, guardião da tradição e do *mos maiorum*. Ele era a imagem concreta, o lugar de afirmação para a classe social que seus membros representavam com suas famílias. Os senadores eram grandes proprietários formando a classe social privilegiada devido ao nascimento, à formação intelectual e à riqueza fundiária”. In: VENTURINI, Renata L. B. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, 2001, p. 217.

¹²⁹ Conforme Alejandro Bancalari Molina, “Con el advenimiento de los emperadores surge una nueva era, caracterizada porque los imperatores poseen, entre otras cualidades, la *virtus, clementia, iustitia y pietas* que fueron atributos propios de los grandes y nobles romanos. Esto va conformando una ideología imperial y un marco de representación e imagen de los gobernantes”. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, p.141.

como modelo político legítimo, defensor das tradições ancestrais, integrador e pacificador do universo que compreendia o *orbis romanorum*.¹³⁰ Tudo isso, junto ao apoio indispensável das legiões para a defesa da unidade, ordem e da paz no Império, contribuiu para que Augusto iniciasse um novo e próspero período na história do Império Romano, o qual foi chamado, na época e posteriormente, de *Pax Romana*.

3.2 - *Pax Romana*

Autores como Rostovtzeff¹³¹, Pierre Leveque¹³², Paul Petit¹³³, Gerardo Zampaglione¹³⁴, dentre outros, afirmam a *Pax Romana* como um período de grande estabilidade, prosperidade e fortalecimento do poder de cunho pessoal na figura do *princeps*. Alejandro Bancalari Molina – autor que define a *Pax Romana* como um período de relativa pacificação, interna e externa, no *orbis Romanus* ao longo dos séculos I e II d.C.¹³⁵ – ressalta a generalidade desse conceito hoje na historiografia:

En general, las fuentes y la historiografía son concordantes en reiterar que el alto imperio se caracterizó, entre múltiples aspectos y fenómenos, por una difusión masiva de la *pax Romana*, alcanzando su cenit durante los gobiernos de los emperadores Trajano (98-117), Adriano (117-138), Antonino Pío (138-161) y Marco Aurelio (161-180).¹³⁶

¹³⁰ Segunda a historiadora María José Hidalgo de La Vega, “ Los textos que celebran y elogian el Imperio Romano como un estado universal, que extiende su dominio y hegemonía por todo el mundo (*orbis terrarum*), ofreciendo una patria común para todo el género humano, son muy numerosos y surgen tempranamente, en época de Augusto [...] Esta misión de conquistar y dominar, pero también de pacificar y organizar el mundo entero viene legitimada por la voluntad divina, que es la que asigna a Roma esta empresa”. Portanto, uma concepção universalista de domínio. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del *oikoumene* en el Imperio Romano”. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. p. 274.

¹³¹ “Augusto e seus sucessores realizaram aquilo que parecera ao mundo antigo, antes de sua época, um objetivo inatingível: a paz permanente, sem choques constantes de guerra externa ou revolução interna, e uma vida regulada pelas condições ordenadas de um Estado civilizado”. In: ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p. 216.

¹³² “A paz romana é um dos grandes favores com que [os romanos] gratificaram o mundo depois de tantos séculos de guerras incessantes”. In: LÉVEQUE, P. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** Tradução de Ana Maria Rabaça. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979, p.158.

¹³³ “The first two centuries of this era are generally considered the high point of the Empire, when the flowering of Roman civilization is studded with distinguished names”. In: PETIT, Paul. **Pax Romana**. Berkeley: University of California Press, 1976, p. 9.

¹³⁴ “The various shades of meaning which the word *pax* embraced were to lead to the formulation of a wider concept: that of the *pax romana*, which embodied the idea of external relations based on the great power achieved by the Roman Empire, that of the liberation of the body politic from the shadow of civil war, and the Idea of the formation of an atmosphere favorable to the activities of the mind”. In: ZAMPAGLIONE, Gerardo. **The Idea of Peace in Antiquity**. Translated by Richard Dunn. Indiana: University of Notre Dame Press, 1973, p. 135.

¹³⁵ BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, pp. 51-53.

¹³⁶ BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, pp. 51-52.

No entanto, devemos repensar e mesmo questionar os termos dessa “paz”, para que não deixemos que uma imagem de estabilidade, construída e fortalecida na própria época¹³⁷, esteja sobreposta em nossa compreensão do panorama político-institucional romano ao longo do principado. Inicialmente, devemos compreender que o simples emprego do termo “paz”, para o período em questão¹³⁸, quando entendido em sua acepção contemporânea¹³⁹, tende a ocultar alguns dos importantes aspectos daquele momento histórico iniciado com Augusto. Em suma, é generalizante, pois sugere uma idéia de constante estabilidade político-institucional que teria durado por volta de duzentos anos.

Tendo em vista esse pensamento, façamos a seguir uma breve recapitulação, do ponto de vista político-institucional, do processo histórico referente à sucessão dos *princeps* no poder, de Tibério a Adriano. Devemos atentar, ao longo dessa explanação, aos problemas inerentes à manutenção da instituição Principado, bem como traçar as principais características do processo de legitimação do governante, entrevendo suas relações e principais bases de apoio e sustentação no poder.

¹³⁷ Bancalari Molina afirma que a idéia de *Pax Romana* foi empregada na época, de modo consciente, como forma de propaganda ideológica por parte dos governantes da época. Exemplo desse aspecto demonstraria o estudo da numismática, através da qual perceberíamos que a imagem cunhada dos imperadores faria alusões ao sol, à eternidade do Império e à paz – ou seja, referenciais de unidade. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, p. 53. Muito interessante é a opinião de Domingo Plácido Suárez, para o qual “la definición del siglo II como Edad de Oro depende en parte de la historiografía moderna y en parte de la propaganda de los intelectuales orgánicos de la época. El modelo de la estabilidad, atractivo desde la perspectiva de las clases dominantes, sirve sin embargo como máscara de una época de gran vitalidad, donde los cambios transcurren en las profundidades de la historia al tiempo que se manifiesta una gran capacidad para presentar una imagen estática. Ello deriva, en gran medida, de las propias características históricas de la época. Estos rasgos confieren al período un especial atractivo, cuando los cambios han de percibirse a través de imágenes de estabilidad que han influido grandemente en la percepción moderna de la dinastía predominante”. PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Un Siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004, p. 19.

¹³⁸ Seguindo a historiografia moderna, o período da *Pax Romana* se estenderia desde Otávio Augusto, 27 a.C., até o final do governo de Marco Aurélio, em 180 d.C.

¹³⁹ De acordo com o *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio, “na sua acepção mais geral, Paz significa ausência (ou cessação, solução, etc.) de um conflito. Por Paz interna entendemos a ausência (ou cessação, etc.) de conflito interno, conflito entre comportamentos ou atitudes do mesmo ator (por exemplo, entre dois deveres incompatíveis, entre dever e prazer, entre razão e paixão, entre o interesse próprio e o interesse de outrem). Por Paz externa entendemos a ausência (ou cessação, etc.) de conflito externo, o conflito entre indivíduos ou grupos diversos. No conceito de Paz externa, inclui-se também a Paz interna de um grupo, Paz que é externa para os indivíduos que o compõem”. In: BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 2000, p.910.

3.3 - Os sucessores de Augusto

O sucessor imediato de Augusto foi Tibério, o primeiro dos quatro imperadores pertencentes à antiga família patícia dos Cláudios. Tibério era filho do primeiro casamento da mulher de Augusto, tornando-se sucessor deste pela prática da adoção.¹⁴⁰ Tibério, governante de 14 d.C. até 37 d.C., procurou seguir o conjunto dos princípios políticos de Augusto, tornando-se um defensor rígido das tradições romanas e da estrutura social. É lembrado como um bom militar, administrador e ávido fiscalizador da justiça, da religião e das províncias. Desempenhou um papel positivo nas finanças do Império, aumentando suas riquezas. No entanto, teve dificuldades no relacionamento para com o Senado¹⁴¹, o que de certa forma contribuiu para o clima de tensão constante durante seu governo. Pierre Léveque em seus estudos ressalta esse difícil relacionamento de Tibério para com os membros da comunidade política, especialmente os senadores – os quais teria tratado com crescente desrespeito.¹⁴² De fato, o sentimento de desconfiança e o medo de intrigas o levou a enrijecer seu comando; prova disso, aqueles que ameaçavam o seu poder eram enquadrados no crime de lesa-majestade¹⁴³ e, conseqüentemente, mortos.

Tibério nomeou como sucessor Calígula, o qual governou pelo breve período de 37 até 41 d.C. Tão logo no poder, deixou claro algumas das novas tendências que desejava impor à instituição Principado, conforme aponta Gonzalo Bravo:

¹⁴⁰ Segundo Gonzalo Bravo, Augusto “pretendió dar estabilidad y continuidad al nuevo régimen político intentando en lo posible que la sucesión del trono recayera en algún miembro de la familia imperial”. In: BRAVO, Gonzalo. **História del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 433. Segundo Rostovtzeff, “a autoridade pessoal de Augusto e o sentimento universal de que a existência do principado era indispensável à manutenção da paz e da ordem tornaram possível a Tibério tomar as rédeas do governo sem luta. O exército reconheceu-o como imperador, jurando-lhe fidelidade imediatamente após a morte de Augusto. Mais tarde, o Senado conferiu-lhe todos os poderes especiais que haviam feito de Augusto o senhor do Estado”. In: ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p.194.

¹⁴¹ Acerca da personalidade de Tibério, Michael Grant comenta que o *princeps* era “grim, caustic, and suspicious and lacked Augustus’s talent for public relations. In particular, despite his strongly emphasized desire that the Senate should play its part in imperial decision making, he found it difficult to get on with senator, both individually and *en masse*” In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 277.

¹⁴² Segundo Pierre Léveque, a crueldade de Tibério “aumenta com os anos: massacra quase toda a família do seu sobrinho Germânico, um número considerável de Senadores e mesmo o seu executor de elevados feitos, o prefeito do pretório Sejano. Faz reinar em Roma um verdadeiro regime de terror”. In: LÉVEQUE, Pierre. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** *op. cit.*, p.148. Nesse mesmo sentido, Pierre Grimal afirma que, “Doravante, estava formada, do novo príncipe, a imagem que a História iria reter, a de um tirano perverso e sanguinário”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 85.

¹⁴³ Pierre Grimal relembra que no tempo de Tibério “voltara a vigorar a ‘lei de majestade’, que datava da República e, na origem, dizia respeito aos crimes de alta traição, mas que agora era utilizada para punir as publicações sediciosas, em particular as que circulavam entre o público e denunciavam a crueldade, o orgulho de Tibério e suas dissensões com Lúvia”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 85.

En los escasos cuatro años que permaneció en el trono (37-41) Cayo introdujo importantes innovaciones en la política imperial, entre las que destaca sin duda una concepción teocrática de poder más propia de las monarquías orientales (persa o helenística) que de las “limitadas” atribuciones de un *princeps* romano. En este sentido potenció las formas y ritos del culto imperial, que hizo extensivo a los miembros femeninos de su familia (abuela, esposa y hermana). Se hizo adorar como un dios y procuró que se le levantaran estatuas en templos y edificios públicos; exigió la “proskýnesis” o postración ante su presencia a todos los ciudadanos según la costumbre de los reyes persas; al modo de la realeza egipcia, mantuvo relaciones incestuosas con su hermana Drusila, a quien hizo deificar tras su muerte; ordenó la ejecución o indujo al suicidio a algunos altos funcionarios como Macro, su prefecto del pretorio, o el mismo Gemelo, presunto heredero del trono imperial.¹⁴⁴

Devido a tudo isso, as boas relações para com o Senado não puderam perdurar muito tempo.¹⁴⁵ Calígula manteve certo receio, o qual tornara-se muito constante, em torno de possíveis conspirações que ameaçavam o seu poder, e por isso condenou à morte todos aqueles que simplesmente lhe causavam medo. Com tais atitudes, não demorou muito para que logo se visse ausente de apoio no governo. Pierre Lèveque, de um modo um tanto quanto direto, resume da seguinte forma a personalidade de Calígula durante seu principado: “O jovem imperador é louco, dilapida o tesouro, exige um culto divino para a sua pessoa, manda erguer a sua estátua no Templo de Jerusalém para grande escândalo dos Judeus, diviniza seu cavalo. Deixa que a fome ameace Roma...”.¹⁴⁶ Uma conspiração de oficiais pretorianos põe fim ao breve governo de Calígula por meio do assassinato.

Na falta de um sucessor imediato, os pretorianos logo se mobilizaram para aclamar Cláudio como novo Imperador¹⁴⁷, governante do Império de 41 até 54 d.C. Ainda que sua personalidade tenha despertado críticas desde sua ascensão, desempenhou uma boa

¹⁴⁴ BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. *op. cit.* p. 436.

¹⁴⁵ De acordo com Michael Grant, “the turning point on his reign came in A.D. 39 when he formed a powerful dislike for the Senate, an attitude that became strongly accentuated when one of their number, the commander in Upper Germany on the Rhine, was detected in a plot. Caligula himself marched North to organize its suppression, which was accompanied by executions and banishments in high places” In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 280.

¹⁴⁶ LÉVEQUE, Pierre. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** *op. cit.*, p.150.

¹⁴⁷ “Conduzido ao campo pretoriano, Cláudio passou aí a noite e no dia seguinte recebeu o juramento das tropas contra a promessa de pagar 15.000 sestércios a cada soldado”. In: ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 50. Fica claro, portanto, sob quais aspectos era construída a pronta fidelidade do exército em relação ao novo imperador.

administração em seu governo.¹⁴⁸ No que diz respeito aos pontos positivos do governo de Cláudio, os historiadores Engel e Palanque afirmam que os:

[...] empreendimentos externos foram bem sucedidos e ele aperfeiçoou o Império de Augusto. Este espírito tido por confuso organizou a administração central, ordenou o funcionalismo, adotou em relação aos provinciais uma política generosa de assimilação, melhorou as comunicações e o abastecimento, levou a cabo obras úteis e controlou a justiça.¹⁴⁹

No ano de 43 d.C. Cláudio mobilizou quatro legiões para empreender a conquista dos bretões – fato que lhe rendeu um triunfo no seu retorno a Roma, mantendo vivo o espírito de conquistas. No entanto, apesar de todos os aspectos positivos aqui mencionados, recebeu pesadas críticas, especialmente por parte dos senadores¹⁵⁰, devido a algumas de suas ações no governo: conferiu aos gauleses, os nobres héduos, o direito de entrada ao Senado; cercou-se de libertos na administração, principalmente financeira, do Império; e deixou que suas mulheres – como Messalina e, depois, Agripina – interferissem abertamente nos assuntos públicos (um aspecto certamente negativo para a imagem de um *princeps*, tendo em vista que os romanos não aceitavam a ingerência feminina nesse âmbito). O descontentamento dos membros do senado e dos cavaleiros demonstra-se pela quantidade de conspiradores que Cláudio, arbitrariamente ou não, levou ao suplício: 35 senadores e mais de 300 cavaleiros. Cláudio morreu envenenado, ao que dizem, pela própria Agripina – ansiosa pela subida ao poder de seu filho, Nero.¹⁵¹

Governante do Império de 54 até 68 d.C., Nero teve um bom início como governante, conciliando seus interesses àqueles do Senado e buscando agradar ao povo – vide a doação de 400 sestércios, por cidadão, que realizou. Logo, porém, perdeu o interesse pelos assuntos

¹⁴⁸ Segundo Gonzalo Bravo, “La figura del emperador Claudio [...] es ensalzada en la historiografía antigua como la de un gran administrador del Imperio a pesar de sus múltiples deficiencias físicas, ressaltadas por Suetonio” In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica.** *op. cit.* p. 436.

¹⁴⁹ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano.** *op. cit.*, p.53.

¹⁵⁰ De fato, segundo Michael Grant, “The Senate [...] had discussed a possible restoration of the republic after Caligula’s murder, included many members unwilling to accept Claudius, and in the year following his accession, they supported a rebellion planned by the governor of Upper Illyricum (Dalmatia). This terrified Claudius just as a similar seditious move had upset Caligula, and suppression of the plot was followed by another fierce tightening of precautions and by further measures against senators of dubious loyalty – measures that in turn led to a fresh crop of real or suspect conspiracies, followed by a renewed wave of treason trials”. In: GRANT, M. **History of Rome.** *op. cit.*, p. 281.

¹⁵¹ Segundo Gonzalo Bravo, “La llegada de Nerón al trono imperial con apenas 16 años de edad no provocó, en principio, resistencia en ninguno de los grupos que, de una u otra forma, controlaban la sucesión imperial. Nerón había sido adoptado oficialmente por Claudio en el 50 y en el 53 se había convertido ya en su yerno al casarse con Octavia, hija de su unión con Mesalina”. In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica.** *op. cit.*, p. 438.

públicos, deixando-os a cargo da parceria Sêneca/Burro, os quais firmemente buscaram manter o apoio senatorial para o seu governo.¹⁵²

No ano de 59 d.C. ocorreu o assassinato de Agripina, supostamente a mando de Nero, em virtude de alguma pretensa conspiração. De todo modo, esse fato incorreu em grande descontentamento e tensão entre os romanos: fora considerado um ato de muita crueldade, um matricídio. Após 62 d.C., com a morte de Burro e a retirada de Sêneca, as relações de Nero para com o Senado deterioraram-se rapidamente, condenando diversos membros dessa instituição à morte por motivo de conspiração. A derrota militar na Armênia, em 63 d.C., e o incêndio de Roma ocorrido em 64 d.C. (do qual muitos responsabilizam o próprio Imperador) acabaram minando aos poucos sua legitimidade no poder. Exemplo disso, temos a revolta de Vindex na Gália Lugdunensis, em 68 d.C., a qual trouxe grandes dificuldades para o poder central em Roma. Em meio a tanta agitação, o governador Galba foi proclamado novo imperador pelo exército da Hispania, sendo logo reconhecido também pelo Senado. Diante desses acontecimentos e do seu próprio desgaste, Nero encontrou no suicídio o caminho mais fácil para livrar-se de todos os problemas que ele mesmo, em grande parte, criara.¹⁵³

Ao chegar a Roma, no entanto, Galba foi morto pelos pretorianos. Estes, por sua vez, colocaram Oto no trono. Presenciamos, portanto, uma crise relacionada à escolha de quem seria o próximo *princeps* – a qual vem demonstrar um forte desentendimento entre os grupos militares na época.¹⁵⁴ Na Germânia, as legiões, por sua vez, aclamavam o governador Vitélio como novo Imperador. Oto e Vitélio confrontaram-se na batalha de Beadricum, este último levando a melhor e, logo em seguida, sendo reconhecido pelo senado como novo Imperador. Enquanto isso, no Oriente, apoiado pelas legiões locais, surgia outro candidato à posição de

¹⁵² Para maiores informações sobre o tema indicamos a seguinte tese: EHRHARDT, Marcos Luís. **O arquiteto do social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da Historia Magistra Vitae**. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2008.

¹⁵³ Ressaltamos aqui a pertinência da seguinte reflexão de Gonzalo Bravo: “En los más de cincuenta años que separan la muerte de Augusto en el 14 de la de Nerón en el 68 el Imperio estuvo regido por miembros de estas dos familias de la nobleza romana [Júlia-Claudia], cuyos abusos y excentricidades han llegado a nuestros días hasta el punto de que los ‘nombres’ de estos emperadores romanos son quizá los más conocidos de toda la época imperial; pero también es cierto que en buena medida la trasmisión de estos hechos ha sido deformada por la propia tradición historiográfica antigua y moderna al enfatizar los vicios o crueldades y, en cambio, minimizar los avances y logros de la sociedad romana en esta época. No obstante, los emperadores julio-claudios afrontan con notoria eficacia los problemas políticos, económicos y sociales planteados a la muerte de Augusto”. In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. *op. cit.*, p. 434.

¹⁵⁴ Na opinião de Gonzalo Bravo, “La vía política dejaba así paso a la vía militar. Como lo afirma Tácito, en esta primera crisis del Principado se descubrió el ‘secreto poder’ (*arcana imperii*), que no era otro que el control de los ejércitos provinciales. Es éste también el primer momento en que las provincias adquieren un verdadero protagonismo político frente a Roma e Italia, situación que se corresponde con la rivalidad económica ya existente entre ambas”. In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo**. *op. cit.*, p. 441.

princeps: Vespasiano. Apoiado pelas forças estabelecidas no Danúbio, Vespasiano confrontou e venceu as legiões de Vitélio, tornando-se assim o novo Imperador.

Vespasiano, governante de 69 até 79 d.C., fora um militar de grande reputação. Após o período de instabilidade que o precedeu como Imperador, Vespasiano procurou fortalecer através de várias medidas a autoridade do Principado e a unidade do *orbis romanorum*. Teve uma posição rígida para com o exército, realizando diversas reformas dentro dele e buscando fortalecer as fronteiras – especialmente aquelas situadas na região inferior do Danúbio e também no Oriente, onde nesta época se criou uma nova província, a Capadócia. Controlou com mãos fortes a receita do Império, fato que lhe possibilitou o início da construção de grandes obras públicas, como o Coliseu e um novo Fórum. Fortaleceu a ordem social, valorizando as tradições ancestrais – colocando seu governo como uma espécie de continuação direta do principado de Augusto.

O sucessor, Tito, tal como seu pai, Vespasiano, havia tido um honroso passado militar, combatendo na Judéia, Bretanha e Jerusalém – por esta última ocasião, recebendo o triunfo no seu retorno a Roma. No entanto, as glórias militares não o fizeram contar com o apoio irrestrito do Senado após sua ascensão.¹⁵⁵ Seu curto governo, de 79 até 81 d.C., o qual fora marcado justamente pela morte prematura do *princeps*, foi caracterizado por uma série de desgraças: a erupção do Vesúvio e a destruição de Pompéia; a ocorrência de um incêndio que durou três dias e assolou o Campo de Marte e o Capitólio; e também por uma forte epidemia que afligiu a cidade de Roma.

O sucessor de Tito foi seu irmão mais novo, Domiciano, governante do Império de 81 até 96 d.C. Segundo Engel e Palanque, Domiciano tem a “deplorável reputação de ter sido ‘o pior dos imperadores’, inferior até mesmo a Nero. Ele tem contra si Tácito e Plínio, o Moço, membros do Senado, cujo testemunho lhe é totalmente desfavorável, talvez com certa parcialidade”.¹⁵⁶ De fato, o Senado pretensamente não manteve grande participação no poder durante esse período, tendo em vista que Domiciano o negligenciava ao governar autocraticamente, intencionalmente assim acentuando o caráter absoluto de seu poder e a

¹⁵⁵ Segundo Gonzalo Bravo, “Tito contaba con una fuerte oposición del grupo senatorial no partidario de incrementar los elementos monárquicos del poder imperial. La íntima amistad de Tito con la princesa judía Berenice infundía la sospecha de la tendencia hacia un régimen político de corte oriental, dado que el emperador adoptaba una actitud política más próxima a la de Nerón que a la de su propio padre” In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica.** *op. cit.*, p. 445.

¹⁵⁶ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano.** *op. cit.*, p.64.

condição sagrada de sua pessoa.¹⁵⁷ Contrapondo essa relação complicada, Domiciano buscou no exército seu sustentáculo no poder, e foi certamente pensando nisso que se preocupou em aumentar-lhe o soldo. De fato, o Imperador conseguiu preservar as fronteiras, mas teve de cessar a conquista de Bretanha, em 84 d.C., e sofreu várias derrotas na região do Danúbio – considerada, na época, uma fronteira excessivamente frágil. Além disso, se viu obrigado a fazer um acordo de paz forçado com o reino Dácio, em 89 d.C. – atitude pela qual foi extremamente criticado.

Por tudo isso, a relação de Domiciano com a aristocracia romana foi desgastando-se ao longo de seu governo, sendo que vários senadores foram condenados ao exílio ou mesmo à morte.¹⁵⁸ Em seus últimos anos no poder, Domiciano já não se sentia seguro e passou a desconfiar de todos, tornando-se uma pessoa excessivamente severa e incoseqüente nos atos que tomava. No ano de 96 d.C., devido a uma conspiração da guarda pretoriana e da mulher do Imperador, Domícia, chegava ao fim o governo e a vida de Domiciano – sem dúvidas, para regozijo do Senado.

3.4 - Problemas e questões emergentes na sucessão imperial

Rostovtzeff resume da seguinte forma o período e a situação dos imperadores, sucessores de Augusto, que marcaram o primeiro século depois de Cristo:

Nenhum deles tinha convicção de seu direito à coroa; viviam na luz agonizante do encanto do fundador da linha. Sua principal preocupação, como a de todos os imperadores do primeiro século da era cristã, foi a de firmar sua posição; todos temiam os rivais, cujo direito era igual ou superior, temiam o espectro [...] de um Senado cujo poder fosse restaurado. Sua existência foi cheia de intrigas palacianas, nas quais as mulheres da família imperial, mais ambiciosas e capazes do que os homens, desempenhavam um papel por vezes decisivo. Conspirações, reais ou imaginárias, são constantes, e dão lugar a crimes, alguns reais e outros atribuídos aos imperadores pelos

¹⁵⁷ Segundo Michael Grant, “When Domitian became emperor in his turn, he showed little sympathy with the old republican forms in which most earlier rulers had clothed their autocracy, but instead followed a meticulously thought-out policy of systematic absolutism. As time went on, and particularly after his adoption of the unprecedented title ‘perpetual censor’ (84-85), this tendency caused consternation among the senators”. In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, pp. 292-293.

¹⁵⁸ Entre os exilados esteve Dion de Prusa, no ano de 82 d.C. Segundo María José Hidalgo de la Vega, “Dión no escatimaba críticas contra este emperador, modelo de tirano más que de monarca, según la visión dionea; y dando pruebas de ‘liberta de pensamiento y de palabra’ se excedió en sus discursos al criticarlo”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p. 62.

boatos que circulavam em Roma, a capital do mundo, onde o centro de interesse era a pessoa e família do governante.¹⁵⁹

De Augusto à Domiciano, podemos perceber que o Império Romano passou por momentos de maior ou menor estabilidade. Isso decorreu, em grande parte, devido às circunstâncias de cada momento e à especificidade de cada *princeps*: aspecto que compreende sua personalidade, as ações políticas, militares e administrativas que empreendeu e o apoio, maior ou menor, que recebeu do Senado e do exército. A seguinte afirmação de Pierre Léveque reitera a seriedade do problema, para o século I a.C., no que se refere justamente à instabilidade constante, e não apenas temporária, do poder Imperial:

O regime monárquico é definitivamente implantado em Roma, mas as suas crises são ainda freqüentes: de dez imperadores, só Tibério, Vespasiano e Tito morrem de morte natural. Continua portanto a haver um grave problema em suspenso, o da sucessão imperial. Notemos em todo o caso uma inovação capital: o exército desempenha um papel determinante na escolha do imperador.¹⁶⁰

De todo modo, compreendemos que a instituição Principado manteve-se durante o período graças ao desejo da comunidade política de, através dela, conseguir estabelecer a ordem e a paz no *orbis romanorum* – evitando-se assim, novamente, os horrores de uma guerra civil. No entanto, o desejo, enquanto algo que se almeja, por vezes não encontra eco na realidade vindoura; realidade esta que se demonstra complexa e, certamente, repleta de indeterminações e movimentos bruscos – muitos dos quais causados pelos próprios homens e suas ações, conscientes ou não. Portanto, o simples fato da manutenção da instituição Principado ao longo do século I d.C. não pode significar, necessariamente, sua plena estabilidade enquanto sistema político, muito menos a aceitação total e constante de todos os imperadores pelo conjunto da comunidade política. Como vimos, seguindo a opinião de Léveque, a sucessão imperial continuou sendo um grande problema: motivo de intrigas e, efetivamente, brigas armadas na busca pelo poder. Em suma, o que realmente podemos perceber nesse período é que, a despeito do Senado, foi o exército que ganhou, na prática, um peso decisivo na escolha do novo Imperador – nesse caso, lembremos da *aclamatio imperii*. O exército tornou-se um elemento de cada vez maior importância naquela sociedade, e não sem fundamento: foi a instituição responsável pela efetiva manutenção e defesa do *orbis romanorum*. Se a importância do exército era crescente, foi porque dele se exigiu cada vez

¹⁵⁹ ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p.195-196.

¹⁶⁰ LÉVEQUE, Pierre. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** *op. cit.*, p.152.

mais atuação. Desse modo, a idéia de *Pax Romana* não compreende a inexistência ou descontinuidade de conflitos sérios do ponto de vista militar.¹⁶¹ Houve, sim, uma política militar que, a despeito de algumas conquistas, buscou fundamentalmente o estabelecimento de fronteiras seguras e defensáveis para o Império Romano. Graças à ação e empenho de alguns bons comandantes militares, dentre os quais alguns se tornariam imperadores, esse propósito foi alcançado, mas não sem sacrifícios ou dificuldades.

Da mesma forma, ainda que possamos afirmar que o Senado tenha perdido importância prática na escolha direta dos sucessores de Augusto, essa instituição continuou exercendo grande influência no conjunto da sociedade política, e deter seu apoio era fundamental para a própria legitimação do *princeps*. Este, ao vincular-se ao Senado e à tradição política que tal instituição representava, ganhava autoridade em sua posição. Por isso, depois de aclamado pelas legiões, o novo *princeps* tinha necessariamente de receber o voto de confiança do Senado e, conseqüentemente, colocar-se como defensor das tradições ancestrais, organização social e interesses/privilégios dos membros daquele grupo – tal como Augusto o fizera.¹⁶² Quando agia de modo contrário, as críticas tinham início e, gradativamente, tornava-se cada vez mais difícil a manutenção de um consenso universal em torno do seu governo. Evidência da constância de tais conflitos foram as várias conspirações realizadas contra a pessoa do *princeps*, por parte do Senado, e as perseguições e mortes imputadas aos senadores, por parte do *princeps*. Em suma, quando não se mantinha a concórdia entre ambas as partes, surgia o medo e a desconfiança, gerando um clima repleto de tensão e críticas. Tendo em vista tal possibilidade de desavenças e conflitos, devemos estar sempre atentos ao juízo que nos chegou acerca desses imperadores, pois a maioria das fontes hoje utilizadas para compreender

¹⁶¹ Nesse sentido, levamos em consideração a seguinte afirmação de Léveque: “Todavia, um certo número de revoltas inquieta o governo imperial. No tempo de Tibério, o príncipe númida Tacfarinas fomenta uma grave insurreição (17-24), apoiada por Juba II da Mauritânia. O ‘eterno Jugurta’ desperta numa guerrilha interminável, mas Tacfarinas é levado ao suicídio e o Magrebe definitivamente submetido. Em 21, dois nobres gauleses, Sarovir e Floro, sublevam a Gália do leste. Em 69, a favor da crise da sucessão, os Tréveros e os Lígones proclamam o Império das Gálias, mas os notáveis gauleses reunidos em Reims preferem continuar fiéis a Roma. Mais importante ainda é a revolta dos Judeus, começada no tempo de Nero e esmagada por Tito. A tomada de Jerusalém depois de um cerco de cinco meses é seguida pela destruição total da cidade. Os faustos do triunfo, em que figuram o castiçal de sete braços e as mesas do Templo, são eternizados num arco erguido à entrada do Fórum. Os Judeus já não constituem uma nação e muitos tem de se expatriar e engrossar as fileiras da *diáspora*”. In: LÉVEQUE, Pierre. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** *op. cit.*, p.155.

¹⁶² Referindo-se ao apoio do exército e do Senado, María José Hidalgo de la Vega afirma que era “precisamente este doble reconocimiento [...] lo que daba legitimidad a los monarcas” In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político.** *op. cit.*, p. 79.

e reconstruir esse passado são provenientes do ambiente senatorial – cujos membros poderiam ser muito ou pouco favoráveis ao conjunto da política do *princeps* vigente.¹⁶³

3.5 - O estoicismo como valor moral

Nesse ponto da discussão devemos levar em consideração a influência do pensamento estóico como ponto de apoio para a crítica, por parte dos senadores, em relação ao comportamento do *princeps* e, conseqüentemente, à própria instituição que ele representava.

O estoicismo foi o sistema de pensamento filosófico, moral e religioso mais difundido na sociedade romana, especialmente entre os grupos de maior projeção social, durante o período da *Pax Romana*.¹⁶⁴ Representava, portanto, um modelo referencial de pensamento para os membros daquela sociedade.¹⁶⁵ Dentre o conjunto abrangente de seus pressupostos, destacamos aqui a crítica do pensamento estóico em relação à política e ao governante, ressaltada nas seguintes palavras de Rostovtzeff:

Os pregadores da moralidade estóica, cuja influência sobre as camadas esclarecidas da sociedade aumentava firmemente, formularam uma teoria que se chocava com os pontos de vista mantidos pelos imperadores posteriores a Augusto. Consideravam estes a sua autoridade como um direito pessoal, firmado na ligação com o falecido imperador; de acordo com os estóicos, porém, era falso considerar o principado como algo que pretendesse apenas gratificar a ambição pessoal, ou como um despotismo

¹⁶³ Segundo Marco Luis Ehrhardt, “A relação Príncipe/Senado deu a tônica não só no que se refere à administração imperial, como também, e isso nos interessa muito, definiu a produção da memória dos feitos engendrados”. EHRHARDT, Marco Luis. **O arquiteto do social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da Historia Magistra Vitae**. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2008, p. 51.

¹⁶⁴ Marilena Chauí traz a seguinte reflexão no sentido de explicar a forte difusão do estoicismo na sociedade romana: “O estoicismo se oferecerá como uma visão de mundo exaustiva e um sistema de pensamento que auxiliarão os indivíduos a encontrar seu lugar no universo para nele viver virtuosamente [...] Finalmente, é preciso considerar que o desamparo dos indivíduos é fortemente determinado pela política imperial, à medida que o Senado romano foi perdendo poder e o cesarismo dos imperadores foi impondo a todos insegurança e instabilidade: aos políticos, exílio e morte, aos ricos, os impostos para custear as guerras e o clientelismo cortesão, à plebe, a adoração ou execração do governante da hora, à crueldade dos imperadores contrapunham-se a violência intempestiva dos tiranizadas, as conspirações no Senado e nos exércitos. Como escreve Hegel, ‘o estoicismo só podia surgir numa época de temor e insegurança universais’. Ou seja, somente numa época imersa no medo e na insegurança, uma filosofia poderia propor a idade da liberdade como liberdade da consciência, indiferente às circunstâncias, ao trono e aos grilhões”. In: CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 291.

¹⁶⁵ Nas palavras de Maria José Hidalgo de la Vega, “De los grandes sistemas filosóficos, que hunden sus raíces en el helenismo, será el estoicismo el más importante y duradero, y llegará a ser la filosofía política oficial de la Roma republicana e imperial. Esta ideología helenística tiene como pilares básicos la unidad del género humano y la comunidad universal; y su dimensión doctrinal es esencialmente ética”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p. 51.

baseado na violência e na força. O poder, diziam eles, era confiado por Deus ao homem moral e intelectualmente superior ao resto da comunidade, e seu exercício adequado era um dever imposto por Deus, uma pesada obrigação pessoal. O governante, príncipe ou rei, não era um senhor, segundo o ensinamento estóico, mas um servo da humanidade e devia trabalhar para o bem de todos, e não em prol de seus interesses próprios e de sua manutenção no poder.¹⁶⁶

De fato, a questão cada vez mais em debate no século I d.C. era o suposto comportamento despótico e tirânico que muitos *princeps* foram acusados de adotar, quando não desde o começo, ao longo de seu governo.¹⁶⁷ Fundamentalmente, era o grupo dos senadores que fortalecia toda essa discussão, tendo em vista que sua participação no poder ficava reduzida frente a um governo autocrático. Por isso, para os senadores, não bastava o personagem ter sido aclamado pelas legiões¹⁶⁸ e ter recebido o primeiro voto de confiança do grupo senatorial: era preciso estar constantemente em consonância com o pensamento deles, governando para eles, comprometendo-se a manter o ordenamento do estatuto social. Dentro dessa discussão, Engel e Palanque destacam três formas de ascensão ao principado que foram claramente rejeitadas pela opinião senatorial:

¹⁶⁶ ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma.** *op. cit.*, p. 205. Ainda segundo o autor, o estoicismo sustentava “que a monarquia, especialmente quando o monarca fosse o melhor homem de um Estado que incluísse toda a humanidade, proporciona a maior margem de liberdade interior ao indivíduo. O Estado tem, entretanto, uma importância secundária – o que importa realmente é o aperfeiçoamento moral, fruto de uma disciplina infalível e rigorosa, de um forte sentimento do dever para consigo mesmo e seu próximo, e da indiferença para com os assuntos comuns da vida, coisa de importância secundária. O ideal estóico era a *ataraxia*, o equilíbrio perfeito da alma. Se puder atingir esse ideal, o homem não temerá nem mesmo a morte. Em caso de necessidade, tem a liberdade de recorrer ao suicídio. O guia supremo da vida pessoal do homem é a divindade, a encarnação da razão universal, única apesar de suas muitas formas, que governa e permeia todo o mundo”. In: ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma.** *op. cit.*, p.185.

¹⁶⁷ María José Hidalgo de la Vega debate o assunto afirmando que “estos ideólogos de la Stoa nueva aceptaban, pues, plenamente el poder imperial monárquico, pero hacían una especial hincapié en la manera en que el rey debía usar el poder para distanciarse del tirano. La justificación de este poder monárquico y la comprensión de la posición real de Augusto y sus sucesores en el interior del estado romano está presente en los estoicos, pero de ahí no se puede concluir que el estoicismo globalmente ejerciera una decisiva influencia en la génesis del Principado. Sería más correcto pensar que la influencia se centró en su teoría sobre la realeza, a partir de la cual el estoicismo sí influyó sobre la formulación de aspectos teóricos pero no de su formación. Pero no era sólo un problema teórico, ya que, lo que de forma especial interesaba, eran los modos de relación entre el princeps, y los súbditos. Lo que se atacaba y rechazaba eran las desviaciones y los vicios imperiales; y de aquí surgió la necesidad de teorizar sobre las virtudes del príncipe y sobre la contraposición del rey-tirano. La distinción que hacían entre el rey y el tirano no estaba basada en la legitimidad del poder de ambos o en su delimitación, sino en el ejercicio de ese poder”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político.** *op. cit.*, pp. 53-54.

¹⁶⁸ Essa desconfiança frente ao exército, no entanto, não seria sem motivos. Para Engel e Palanque, cresceu durante o período um forte sentimento de antimilitarismo em decorrência do aumento das tropas auxiliares e da maior importância tática que elas estavam assumindo, ou seja, o exército estaria perdendo sangue italiano, impregnando-se de barbárie; existiria, inclusive, uma espécie de medo em relação a essa instituição, como se o exército fosse capaz de saquear o Império da mesma forma que o inimigo, sem respeitar ou distinguir o que seria sagrado ou profano; por isso, a questão da disciplina ganha importância, pois somente através dela é que se conseguiria manter a ordem e evitar desvios de conduta entre esses homens. In: ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano.** *op. cit.*, p.74.

Não se quer um imperador “imposto pelos soldados” e escolhido fora de Roma. Recusa-se o imperador surgidos das obscuras tramas de uma imperatriz que houvesse subjugado o esposo. Desconfia-se dos ambiciosos que tenham ou possam ter segundas intenções de abusar da monarquia.¹⁶⁹

De modo geral, a idéia que saiu fortalecida nesse final de século foi a seguinte: não era qualquer um que poderia se tornar *princeps*. Mas como, exatamente, deveria ser esse *princeps*? Em suma, ele deveria ser “ótimo” e “excelente” pelo conjunto de suas virtudes. Não deveria ter qualquer pretensão de ser igualado aos deuses, pois era um “homem” e deveria ser visto como tal. Enquanto homem, precisava se comportar como um “cidadão”, sempre atento aos desvios de comportamento que o poderiam levar à tirania. Deveria, portanto, obedecer às leis e ser uma pessoa acessível a todos, evitando a soberba e respeitando a propriedade alheia. Seria também como um “pai”, demonstrando ser amável, clemente e benévolo. Conseqüentemente, não poderia mais condenar os senadores à morte, renunciando aos processos de lesa-majestade. Agindo de acordo com tais preceitos, demonstraria que possui uma das virtudes mais apreciadas do ponto de vista moral: a moderação, aquela que afasta os excessos e fortalece a harmonia. Todas essas qualidades o colocariam, legitimamente, como um homem especial dentre todos.¹⁷⁰

Devemos, portanto, levar em consideração a influência e força do pensamento estóico para nossa compreensão do universo mental daquele período – tendo por base, especialmente, o grupo senatorial, do qual Arriano de Nicomédia compunha parte.¹⁷¹ Nesse sentido, todas as características que apresentamos acerca do ideal estóico de bom governante se tornam aspectos indicativos e exemplares para aqueles que desejassem tornar-se *princeps*. Ao mesmo tempo, quando essas mesmas qualidades passam a ser projetadas na figura do *princeps*, moldam-se aspectos legitimadores desse personagem frente ao grupo senatorial.

¹⁶⁹ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p.71.

¹⁷⁰ Segundo Pierre Grimal, o estoicismo impunha “apenas que houvesse lugar, na vida política, para a actividade dos melhores entre todos os cidadãos”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 47.

¹⁷¹ Na opinião de María José Hidalgo de la Vega, “la ductilidad del estoicismo al asumir además aspectos del cinismo y de la II Sofística, lo configuraría como la base fundamental, aunque no única, del pensamiento político alto-imperial e incluso llegará a ser plataforma de justificación ético-filosófica del imperio universalista, construido por Roma”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p. 52.

3.6 – A prática da adoção

Um aspecto importante que aconteceu no período, o qual certamente visava contribuir para uma melhoria da relação do *princeps* para com o Senado, foi referente à nova prática da adoção: especialmente de acordo e legitimada pelos preceitos estoicos. De fato, o sucessor do Imperador poderia agora ser escolhido dentre os vários membros da aristocracia senatorial, ou seja, buscava-se o melhor dentre os melhores. Sem dúvidas, como podemos refletir, o que vemos realmente acontecer nesse instante é uma adequação da prática da adoção que pressupunha beneficiar os membros mais ilustres daquela sociedade, tal como ressaltou María José Hidalgo de la Vega na seguinte passagem:

Desde una perspectiva constitucional, aunque no social, la adopción significa la mera sustitución de un heredero designado por un heredero aparente, pero el principio sigue estando basado en la herencia, pues, como se sabía, la adopción de hijos era una práctica legítima a todos los niveles, según las leyes romanas; pero esta ficción jurídica permitía que se llevara a la práctica la igualdad de oportunidades entre las familias de la aristocracia senatorial, u marcaba una victoria no de la teoría política estoica sino de la *nobilitas* imperial, que aseguraba así su derecho a proveer candidatos como soberanos y la *basileía* se organizaba no como heredera de una sola familia sino como concepto que expresaba una posesión común de todos. La filosofía estoica como ideología de la clase dominante, cumplía su papel de sancionar y justificar esa realidad política.¹⁷²

Engel e Palanque também afirmam o desejo, por parte do Senado, que a transmissão do poder fosse realizada de modo claro, ou seja, diante da “assembléia dos homens e dos deuses”, marcada por presságios favoráveis, aceita pela opinião de todos e, fundamentalmente, ratificada pelo Senado; além disso, seria também melhor que o novo *princeps* fosse escolhido dentre os membros mais ilustres do Senado; no entanto, quando o sucessor fosse nascido do *princeps*, a idéia é que ele tivesse de receber uma ótima formação, ou seja, uma educação especial.¹⁷³

¹⁷² HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p. 74.

¹⁷³ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p.72. Segundo Domingo Plácido Suárez, “La adopción, sin embargo, se convierte en la fictio que servía para la reproducción de las gentes tradicionales, que así podían pensar que efectivamente el poder imperial era algo a lo que podía acceder cualquiera de su clase, solo dependiendo de sus propias virtudes. En realidad, la adopción y la dinastía se presentan como los términos de las tensiones que persisten a escala del poder a lo largo de todo el período. El hecho de que se proclamara la designación del *optimus princeps* por parte de los senadores no era más que una nueva fictio, de acuerdo con las tradiciones jurídicas romanas, lo que tendría su culminación en la adopción de su propio hijo por parte de

Desse modo, caracteriza-se para o período uma tendência crítica visando tornar o *princeps* um personagem que atuasse, acima de tudo, dentro do modelo político de governante delineado pelo Senado. Os próximos imperadores, tomando consciência de toda essa questão, teriam grande responsabilidade no sentido de fortalecer a instituição Principado, buscando adequar seu modelo de governo às novas circunstâncias do século II d.C. e, ao mesmo tempo, respeitar e proteger as antigas tradições políticas do grupo senatorial.

3.7 - Nerva e Trajano

Após a morte de Domiciano, renovaram-se as expectativas em torno da escolha do novo *princeps*. Um antigo cônsul, Caio Coceio Nerva, foi o escolhido. Membro de uma nobre e antiga família romana, governou de 96 até 98 d.C. Tendo em vista que já estava idoso no momento de sua ascensão e também visando acalmar o clima de tensão vivido no exército após a morte de Domiciano, buscou logo escolher um sucessor digno, o qual se prontificasse a governar em concórdia com o Senado e possuindo, claro, o apoio das legiões.¹⁷⁴ Pensando nisso, adotou Marco Úlpio Trajano, natural de Itálica, Hispania – o primeiro provincial a tornar-se *princeps*.¹⁷⁵ Governante do Império de 98 d.C. até 117 d.C., Trajano era um prestigiado e reconhecido general. Compartilhava, junto aos senadores, dos anseios e expectativas desse grupo em relação ao papel que o *princeps* deveria assumir naquela sociedade, contrapondo-se ao modelo de tirano incumbido ao seu antecessor, Domiciano.¹⁷⁶

Marco Aurelio”. PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Un Siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004, p. 22.

¹⁷⁴ Segundo Maria José Hidalgo de la Vega, Nerva “adolecía de una base de apoyo militar, que se subsanó con la adopción de Trajano, que gozaba de un gran favor entre las legiones de Germania; pero, además, Trajano tenía un amplio apoyo senatorial”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p. 73.

¹⁷⁵ Segundo Michael Grant, a adoção de Trajano “inaugurated a period of over sixty years in which successions to the throne were determined by adoption rather than by birth [...] he was the first of the emperors to come from a province, and his origin was symptomatic of the rise of the provincial element within the ruling class. The way to the highest office was now becoming opened to all educated men, regardless of race and nationality; at present, westerners such as Gauls and Spaniards were still advancing much more rapidly than North Africans and easterners”. In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 294.

¹⁷⁶ De acordo com Venturini: “A época de Trajano, primeiro imperador de origem provincial, traduzia um compromisso político entre as forças que dominavam a administração do estado: o exército, o senado e o poder imperial. Ele buscou renovar a imagem do príncipe comportando-se como um simples cidadão e um verdadeiro *pater patriae*. Por isso seu reinado é entendido como um período de tranquilidade; um verdadeiro *saeculum*. Assim, o *saeculum Traiani* procurava marcar a diferença, principalmente em relação ao reinado de Domiciano, que foi encarado como o símbolo da tirania e da opressão”. In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, 2001, p. 220. No entanto, ressaltamos a seguinte colocação de Maria José Hidalgo de la Vega, para a qual “los análisis histórico más recientes han evidenciado la falácia de esa tradicional contraposición perfilada entre los reinados de Domiciano y

Estava, portanto, consciente em relação à importância da moralidade estoica e da defesa de seus ideais naquele momento, visando com isso a criação de um ambiente estável e legítimo para o principado. Rostovtzeff comenta da seguinte forma esse novo período de concórdia:

Com Nerva e Trajano tem início um novo capítulo da história do principado, no qual a característica principal é a harmonia entre a autoridade suprema e a comunidade. Esta reconhecia, de uma vez por todas, o principado como indispensável e se prontificou a servi-lo. Em troca, o *princeps* aceitava a teoria estoica do poder imperial, integralmente, e tacitamente se comprometia a respeitar os sentimentos e a manter os privilégios da classe dominante. Também se comprometia a respeitar as antigas formas constitucionais, e a agir, pelo menos na aparência, não como monarca de poder ilimitado, mas como o primeiro e o melhor cidadão, como tal livremente reconhecido pelo Estado.¹⁷⁷

De certo modo, essa nova tentativa de reconciliação em relação ao conjunto da comunidade política, principalmente para com o Senado, veio a fortalecer ainda mais o poder do *princeps*, tornando-o menos limitado e mais autocrático.¹⁷⁸ Isso ocorreu, em grande parte, devido ao comportamento aberto de Trajano para com o Senado, procurando manter um bom entendimento para com essa instituição, honrando os privilégios e a posição social de seus membros. Além disso, prontificou-se a não condenar a morte mais nenhum senador, respeitou seus bens e testamentos, deu liberdade de expressão a seus membros nas discussões e honrou os magistrados.

Trajano reproducida en las fuentes antiguas. A través de estudios más ponderados y objetivos sobre la acción de gobierno de estos emperadores se ha podido determinar que la política trajanea en muchos aspectos continuaba la de Domiciano y en la práctica concreta se plasmaba en un aumento del carácter autocrático y autoritario del poder, aunque se manifestase necesariamente como *restitua* en su prerrogativa de criticar el pasado precisamente para glorificar aún más el presente y en un marco de connotaciones idealizadas sobre la *libertas* y la *moderatio*, que a pesar de su evidente eficacia propagandística no consigue enmascarar ni las contradicciones reales del gobierno trajaneo ni su resultado histórico”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, pp. 107-108. Para maiores informações sobre a construção da imagem de Trajano enquanto *optimos princeps* e o papel de Plínio, o Jovem, nesse sentido, verificar a dissertação de STADLER, Thiago David. **O poder das palavras na idealização de um princeps – epistolário cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98 – 113 d.c)**. Dissertação em História defendida na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2010.

¹⁷⁷ ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, p. 208. Ressaltamos também o comentário de Venturini: “Sobre os passos de Nerva e destinado a modificar a política instaurada por Domiciano, Trajano representou a retomada do entendimento do príncipe com as elites dirigentes. Ele simbolizava a nova cúria, pois era o representante do novo grupo de senadores originário das províncias romanizadas e figurava como o restaurador da *persona* e da *dignitas*, o que significava que a competência moral e profissional e a dignidade deveriam ser usadas em favor das magistraturas do Estado. Nessa atmosfera de moralidade, os representantes dos grupos sociais dominantes buscavam aperfeiçoar a arte de exercer bem o seu papel como homem público”. In: In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, 2001, p. 220.

¹⁷⁸ ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. *op. cit.*, 208.

Dentro do conjunto de suas políticas¹⁷⁹, um dos aspectos que mais chamam atenção nesse governo foi a retomada das conquistas territoriais.¹⁸⁰ O planejamento da política externa de Trajano visava dois campos de ação: o primeiro se referia ao reino dácio, uma constante ameaça na problemática fronteira do Danúbio; o segundo dizia respeito ao império parto, também uma perigosa ameaça, mas para toda a região do Oriente.

A guerra contra o reino dácio foi realizada em duas etapas (nos anos 101-102 d.C. e 105-106 d.C.), resultando na vitória romana e, conseqüente, formação de uma nova província para o Império. Houve, com a exploração das minas da região, um grande afluxo de riquezas para Roma, fato que resultou num período de grande prosperidade financeira entre os anos de 107 d.C. e 113 d.C.

Contra os partos, no entanto, a situação foi bem mais complicada. Roma já havia tomado Petra, em 106 d.C., visando, com isso, abrir novas possibilidades comerciais através do Mar Vermelho. Foi somente no ano de 114 d.C. que Roma finalmente lançou-se à conquista do reino parto, ocupando a região da Armênia e as cidades de Singara e Edessa. No ano de 115 d.C. todo o norte da Mesopotâmia já havia sido conquistado. Babilônia, Ctesifonte e Seleucia, as três capitais inimigas, foram tomadas em 116 d.C. No entanto, uma revolta judaica estourou na Cirenaica, Egito e Chipre¹⁸¹. No ano de 117 d.C., como efeito de tais revoltas, o clima de instabilidade espalhou-se por grande parte do Oriente, atingindo as

¹⁷⁹ Dentre as várias realizações do período, destacamos a implementação do sistema de *alimenta*. Segundo Bravo Garcia, tal sistema visava “subvenir a las necesidades de las familias más necesitadas de los municipios mediante un complicado mecanismo de préstamos hipotecarios a bajo interés sobre las propiedades de las familias más acomodadas del municipio, cuyos intereses serían destinados a estos fines de asistencia social”. In: BRAVO, G. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. *op. cit.*, p.447.

¹⁸⁰ Segundo Engel e Palanque, a política financeira de Trajano é bastante discutível. Devido ao fato de ter diminuído o imposto sobre heranças e gastado demasiadamente com jogos e construções, teria sido obrigado a aumentar as receitas do tesouro por outros meios. Ao retomar as conquistas, estaria pondo em prática a estratégia econômica da Roma Republicana e de Augusto. In: ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p.97. No entanto, os mesmos autores também abordam a questão moral da retomada das conquistas, tendo por base o seguinte pensamento: “Os recursos do Império ultrapassam as possibilidades de qualquer outro povo, e as discórdias com que se entretêm germanos e partos tornam improvável um assalto geral à fronteira. Os pessimistas temem antes uma espécie de apodrecimento interno, cujo remédio seria a retomada das conquistas. Com ajuda da filosofia estóica, que gosta de comparar a sabedoria com o estado de guerra, diz-se que a ‘paz é enfraquecedora’. Diz-se também perigosa, porque deixa desocupada uma soldadesca de tremenda brutalidade”. In: ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p.76.

¹⁸¹ Segundo Juan Manuel Cortés Copete, “las dificultades no sólo afectaron a las nuevas provincias. Cirene, Egipto, Chipre y, quizás, la propia Judea se vieron inmersas en una terrible guerra. Los judíos de aquellas provincias, mal integrados en el Imperio, consideraron que el enfrentamiento entre Roma y Partia era la señal para el renacer del nuevo Israel. Grandes matanzas y destrucciones eran el testimonio de su paso, camino, al parecer, de Tierra Santa, donde deberían reunirse las tribus dispersas para inaugurar el Reino Mesiánico. El movimiento se contagió a las juderías de Mesopotamia. Al otro lado del Éufrates, partos, armenios, árabes, judíos y los griegos de las ciudades helenísticas hicieron causa común contra el invasor romano”. CORTÉS COPETE, JUAN MANUEL. Un nuevo gobierno, una nueva base social. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. *op. cit.*, p.74.

províncias recém-ocupadas. Trajano, frente à essa situação de ruína no Oriente, retirou-se provisoriamente para a Cilícia, onde veio a falecer em 117 d.C. Ao final de sua vida, o prestígio e reconhecimento de Trajano eram imensos¹⁸², bem como os problemas que legou ao seu sucessor, um homem que supostamente deveria dar continuidade às boas relações políticas no ambiente de poder do Império Romano.

3.8 - O Imperador Adriano

O sucessor de Trajano seria Públio Élio Adriano, governante do Império Romano de 117 até 138 d.C. Nascido em Roma, na época de sua ascensão tinha 41 anos de idade. O primeiro aspecto a que chamamos atenção acerca desse novo governante diz respeito ao modo como ascendeu ao Principado. Ao longo do governo de Trajano e sob o apoio deste, Adriano desempenhou um papel de destaque, seja ocupando cargos administrativos ou militares.¹⁸³ Filho de um senador da Bética e parente de Trajano, poderia ser considerado, no seu próprio tempo, como um dos mais fortes candidatos para a posição de novo *princeps* – tendo em vista a tutela recebida de Trajano¹⁸⁴ como também no que diz respeito ao seu grande prestígio e experiência militar na época. No entanto, o que desperta nossa atenção é o fato dele não ter sido nomeado oficialmente como sucessor de Trajano. Após a morte deste, teria sido a imperatriz Plotina quem divulgara o suposto desejo de Trajano, em seus últimos momentos de vida, no que se referia à adoção de Adriano.¹⁸⁵ Tal fato acabou despertando uma grande

¹⁸² Segundo Michael Grant, “Trajan’s talent for civil government, the popular aggressiveness of his military policies, and his agreeable, accessible personality had earned him the title of the Best Ruler (*Optimus Princeps*)” In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 302.

¹⁸³ Segundo Arcadio del Castillo, Trajano havia permitido à Adriano “realizar una carrera brillante, y, al margen de algunos cargos militares anteriores en Pannonia, Mesia Inferior y Germania Superior, fue nombrado cuestor del emperador en el año 101 d.C., su *comes* durante la guerra dáica, pretor en el 105 d.C., legado de Pannonia Inferior en el 107-108 d.C., cónsul sufecto en el 108 d.C., arconte de Atenas en el 112 d.C., legado en el ejército que luchó contra los partos y finalmente legado de Siria”. In: MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. Tomo II El Imperio Romano. Madrid: Cátedra, 1989, p.205.

¹⁸⁴ Além da tutela de Trajano, outro personagem esteve preocupado com a formação de Adriano, como assinala A. R. Birley: “On the death of his father in 85 the boy was assigned two guardians, both men from Italia, M. Ulpius Traianus (the future emperor Trajan), his father’s cousin, and P. Acilius Attianus, a Roman knight”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History**. *op. cit.*, p. 132.

¹⁸⁵ Segundo Gonzalo Bravo, “Fuera o no cierta la adopción de éste por Trajano pocos días antes de su muerte, es indudable que Adriano era uno de los más firmes candidatos al trono imperial por varias razones. En primer lugar, su ascendencia hispana como hijo de un senador de la Bética emparentado con el emperador, quien había acogido como tutor a Adriano y procurado su formación. En segundo lugar, la figura militar de Trajano reclamaba un sucesor similar, capaz de mantenerse en el difícil equilibrio político de controlar el ejército y gozar del apoyo del Senado. En tales circunstancias, Publio Elio Adriano reunía todas las condiciones para ser proclamado *optimus princeps*” In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. *op. cit.*, p.448. Sobre o mesmo assunto, Anthony R. Birley comenta a respeito de Adriano que “Hence he was

desconfianza por parte do Senado em relação à legitimidade de Adriano como *princeps*, tendo em vista a obscuridade dessa nomeação.¹⁸⁶ Além disso, outro aspecto que não podemos deixar de perceber é o fato que Adriano estava estrategicamente posicionado quando da morte de Trajano: estabelecido em Antioquia, próximo ao finado *princeps*, detinha o comando sobre o exército oriental – a maior concentração de forças de todo o Império, fato que lhe conferia imenso poder naquele momento (ou melhor, uma vantagem e poder de coação incriveis). A mobilização de Adriano também foi rápida, como aponta Arcadio del Castillo:

[Adriano] comunicó inmediatamente al Senado la muerte del emperador, su adopción – la emperatriz había escrito ya al Senado para comunicarle la adopción –, la elección por las legiones, sus excusas por haber tomado los títulos imperiales antes de ser ratificado por ese organismo y su solemne promesa de que respetaría todos los privilegios senatoriales, por lo que el Senado le confirió igualmente el poder imperial.¹⁸⁷

O discurso de Adriano viria, portanto, no sentido de estabelecer uma continuidade entre o principado de Trajano e o seu, principalmente naquilo que se referia à manutenção dos privilégios senatoriais.¹⁸⁸ No entanto, como demonstra Gonzalo Bravo, “ni la condición de ‘adoptado’ de Trajano ni el apoyo del influyente Acilio Atiano fueron suficientes para que

in a powerful position, with no serious rival, albeit lacking the Rank of Ceasar, or any of the powers which previous heirs such Tiberius, Titus or Trajan himself had held before their accession. There was doubtless some antipathy between him and Trajan. Nonetheless, in spite of the rumour that Trajan intended to make L. Neratius Priscus his successor, Hadrian’s kinship with Trajan, reinforced by Sabina [sobrinha neta de Trajano, casada com Adriano], together with his Syrian command, must have made his position incostestable”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History**: *op. cit.*, p.134.

¹⁸⁶ Segundo Arcadio del Castillo, “parece ser que el favor [...] de la emperatriz Pompeya Platina, esposa de Trajano, contando con la ayuda del prefecto del pretorio, P. Elio Attiano, resultó ser la clave para la adopción de Adriano y su nominación como sucesor en el poder imperial; la sombra de Pompeya Platina estuvo, desde luego, muy presente en los oscuros sucesos que roderaron el final de Trajano”. In: MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. *op. cit.*, p. 205.

¹⁸⁷ MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. *op. cit.*, p. 206. Segundo Manuel Cortés Copete, “Adriano, por su parte, y ante la urgencia de la situación (los partos habían recuperado a su rey y no poco de su territorio; las órdenes estaban dadas para una nueva campaña que cada vez parecía más difícil de ejecutar; el destino de Armenia y de los territorios de Mesopotamia todavía controlados era incierto), recurrió al ejército para confirmar su posición, sin esperar la intervención del Senado. La imagen del nuevo emperador como emperador civil estaba rota”. CORTÉS COPETE, JUAN MANUEL. Un nuevo gobierno, una nueva base social. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. *op. cit.*, p.74.

¹⁸⁸ Segundo A. Birley, naquele conturbado momento da ascensão de Adriano “se acuñaron en Roma diversas monedas una de las cuales mostraba a Trajano como emperador en el anverso y a Adriano con el nombre de ‘Hadrianus Traianus Caesar’ en el reverso; la otra presentaba a Adriano como emperador, ‘Traianus Hadrianus’, con los títulos de Trajano: ‘Optimus Germanicus Dacicus’, y, en el reverso, la leyenda ‘Adoptio’, con Trajano y Adriano dándose la mano y la denominación de este como *Pater Patriae*, además de otros títulos, y como hijo del deificado *Parthicus Traianus*. Es manifiesta la necesidad de proclamar la legitimidad de la sucesión”. In: BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997, p. 112.

Adriano fuera aceptado emperador por el Senado sin reservas”.¹⁸⁹ Portanto, fica presente a idéia de que havia naquele momento certa resistência, por parte do grupo senatorial, em relação ao novo *princeps*. Essa reticência acabou gerando a necessidade, por parte de Adriano, de se fortalecer no poder e conter qualquer questionamento ou problema mais sério que ameaçasse sua posição.¹⁹⁰ Logo ao início do seu principado já podemos presenciar uma clara demonstração do que Adriano seria capaz de fazer para conter qualquer ameaça à sua pessoa e posição no poder. No entanto, a forma escolhida por ele foi a violência, fato que apenas contribuiu em um sentido negativo para a sua imagem frente ao grupo senatorial.

O acontecimento a que nos referimos foi a execução, realizada por Acilio Atiano, prefeito do pretório, de quatro senadores vinculados a Trajano e de grande projeção política na época: L. Publilio Celso, Lusio Quieto, Cornélio Palma e C. Avidio Nigrinus. Este último, vale a pena lembrar, manteve contato próximo com Arriano de Nicomédia. De acordo com Gonzalo Bravo, essa série de execuções, realizadas “sin juicio previo violaba la normativa vigente y sentaba em peligroso precedente contra los privilegios de la institución senatorial”.¹⁹¹ Desse modo, o assassinato desses quatro senadores, os quais bem poderiam ser também candidatos à posição de *princeps*, demonstra uma atitude de contestação, a qual se apresentava séria e suficientemente forte.¹⁹² Ao mesmo tempo, quando vemos no âmbito prático os efeitos resultantes de tal questionamento, percebemos que Adriano não hesitaria em

¹⁸⁹ BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. *op. cit.* p. 447.

¹⁹⁰ Segundo Juan M. Cortés Copete, naquele primeiro momento a “lista de tareas es enorme. Abandonó las nuevas provincias orientales, sustituyendo el control directo de aquellos territorios por el indirecto de los reinos clientes. Terminó con los restos de la revuelta judía. Para eso, Turbón fue enviado a Egipto, donde controló un último rebrote del enfrentamiento entre griegos y judíos. Depuso al general Lusio Quieto, quien había sido nombrado por Trajano, al final de su vida, gobernador de Judea. Este nombramiento había causado malestar entre los judíos de Palestina, puesto que Quieto había reprimido con extrema dureza la sublevación de las juderías mesopotámicas. Su destitución hizo que se concibieran grandes esperanzas en el nuevo emperador, al que los judíos saludaron como libertador. Hizo frente a los movimientos de pueblos en el Danubio con su propia presencia. Consiguió que los roxolanos volvieran al redil y otorgó a su rey la ciudadanía romana; reorganizó la provincia de Dacia, dividiéndola para un mejor gobierno; frenó a los yácigos fortaleciendo las defensas de Panonia, donde fundó la colonia de Mursa. Posiblemente fue la destitución de Lusio Quieto lo que provocó la sublevación de los *mauri*, sus compatriotas. Turbón, de nuevo, fue el encargado de reprimir los desórdenes. Britania también fue devuelta al orden romano, aunque poco más se sepa del destino de la provincia en aquellas fechas”. CORTÉS COPETE, JUAN MANUEL. Un nuevo gobierno, una nueva base social. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. *op. cit.*, pp.75-76.

¹⁹¹ BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. *op. cit.*, p.448.

¹⁹² De acordo com Arcadio del Castillo, “[...] las circunstancias tan absolutamente particulares por las cuales Adriano había llegado a detentar el poder imperial debieron de sorprender a muchos, pero desde luego contrariaron a alguns, sobre todo a aquellos que se encontraban muy próximos a Trajano y que gozaban de la confianza de este emperador, en parte porque naturalmente aspiraban a obtener la sucesión [...] en concreto, se ha apuntado que Lusio Quieto había preparado una atentado contra el emperador, que se llevó a efecto durante una cacería en Asia Menor y que los otros tres [Celso, Quieto e Nigrino] habían presionado a Trajano en un intento de evitar la adopción de Adriano”. In: MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. *op. cit.*, p. 207

romper qualquer privilégio do grupo senatorial – fato que comprovava, da pior forma possível, as expectativas mais pessimistas dessa instituição em relação ao novo *princeps*.

Esse clima de desavença para com o Senado, no entanto, não foi característico apenas do início do principado de Adriano: aumentou ao longo de seu governo devido às várias decisões política e administrativas que tomou. Engel e Palanque apontam para as seguintes propostas de Adriano que, gradativamente, o tornaram ainda menos reconhecido pelo Senado:

[Adriano] reorganizou o conselho imperial, nomeado por um ano, reunido regularmente e que, pela competência dos seus juristas, fazia concorrência com o Senado. Reformou as repartições públicas, eliminando delas os libertos para colocar no seu lugar cavaleiros. Criou novos funcionários, escolhidos entre os consulares, para despachar mais rapidamente os negócios da Itália aliviando assim a jurisdição senatorial. Isto era como que morder as atribuições da Cúria. Fixou definitivamente a carreira equestre, com seus escalões e títulos, pois tinha uma preferência acentuada pelos cavaleiros. Somando as suspeitas relativas a sua tomada do poder, o terror provocado pela execução, em 118, dos quatro marechais de Trajano que conspiravam, as crueldades do fim da sua vida e as suas falhas de caráter, compreende-se por que o Senado o detestava.¹⁹³

As atitudes que Adriano adotou em relação à política externa também não contribuíram para que o grupo senatorial deixasse de lado o tom fundamentalmente crítico em relação a ele. Tão logo no poder, buscou inverter a política externa de Trajano, preferindo a paz para com os partos.¹⁹⁴ Dentre aqueles senadores militaristas que desejavam a guerra, seja como aporte financeiro ou moral e que se viram prejudicados com tal atitude, o descontentamento foi crescente. Engel e Palanque, a partir de um olhar retrospectivo, afirmam que essa postura defensiva de Adriano poderia mesmo ser:

[...] considerada como uma decisão de bom senso. Roma não tinha possibilidade de guardar militarmente as conquistas que era preciso retomar a partir da conspiração judaica, com meios enfraquecidos e com as fronteiras ameaçadas por uma revolta dos mouros e por um ataque dos roxolanos.¹⁹⁵

¹⁹³ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p.100.

¹⁹⁴ Segundo Michael Grant, “Without delay, he [Adriano] decided – as his predecessor may well have decided already – that the newly occupied eastern territories were untenable, and so, unwilling for adventures when he needed to consolidate his own power, he abandoned all that was left of Trajan’s temporary conquests and withdrew the Roman frontiers to the Euphrates again” In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 302. Anthony. R. Birley comenta que Adriano justificou tal empreendimento “citing the policy of the elder Cato, ‘who declared the Macedonias free because they could not be protected’”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History**: *op. cit.*, p. 134.

¹⁹⁵ ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 99.

Não podemos, no entanto, confundir a postura “defensiva” de Adriano como simplesmente sinônimo de uma posição “pacifista”. Essa interpretação crítica é também defendida por Gonzalo Bravo, segundo o qual “en Mauritânia y Britania, al principio, en Judea, al final de su reinado, hubo guerras que ponen en entredicho el pretendido ‘pacifismo’ de este emperador”.¹⁹⁶ Isso posto, o que podemos pensar é que Adriano adotou um pensamento mais pragmático ao se decidir por uma postura mais defensiva para o Império, buscando reorganizar seu território.¹⁹⁷ Nesse sentido, a idéia de união, coesão e fortalecimento entre as diferentes partes do *orbis romanorum* ganhava força, tornando-se uma necessidade para sua subsistência. O exército, por sua vez, aparecia como o instrumento essencial para a estabilidade da situação – fato que Adriano consentia, tendo em vista seu projeto de reorganização do exército e aprimoramento de suas táticas e armamentos.¹⁹⁸ Além disso, deu atenção especial ao *limes*, a linha fortificada que servia de defesa ao *orbis romanorum*, construindo diversas estruturas defensivas. Dentre as linhas de demarcação artificial que planejou, sem dúvida é a Muralha de Adriano, na Britânia, a mais conhecida.

Adriano passou mais da metade de seu governo (quase 12 dos seus 21 anos de mandato) visitando as províncias, sempre atento à organização militar, administrativa, jurídica e fiscal das diversas regiões do Império.¹⁹⁹ A primeira dessas viagens durou de 121 d.C. até

¹⁹⁶ BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. *op. cit.*, p.519. Michael Grant aponta o acontecimento de cunho militar de maior relevância no período de Adriano: “[...] there was one serious war towards the end of his life, a Jewish rising – not of the Dispersion this time, as in the previous reign, but in the homeland of Palestine itself. Hadrian’s establishment of a Roman colony and temple at Jerusalem, now renamed Aelia Capitolina after the emperor’s family name Aelius, caused great anger among the Jews, and under a talented leader, Bar Kosiba, they launched the ferocious and bloodily suppressed Second Jewish Revolt (132-135). In: GRANT, M. **History of Rome**. *op. cit.*, p. 303.

¹⁹⁷ Refletindo sobre as dificuldades inerentes ao constante processo de conquista e expansão dos romanos desde a época de Augusto, Alejandro Bancalari Molina comenta que “el problema mayor de la política exterior del *princeps* se muestra en una contradicción: la de una irrestricta y constante expansión imperialista hasta la concretización del dominio mundial versus la consolidación y mantención del imperio dentro de los límites”. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, p. 229.

¹⁹⁸ Anthony. R. Birley comenta que Adriano “reinforced the regulations on age for recruitment, checked military stores and made good deficiencies, and improved arms and equipment. Dio, without supplying as much detail, states that Hadrian ‘by his example and his instructions trained the army throughout the empire and disciplined the men, so that even today [220 d.C.] the measures he introduced still stand’”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History**. *op. cit.*, p. 137.

¹⁹⁹ Gonzalo Bravo resume da seguinte forma o trabalho jurídico e administrativo de Adriano: “reorganizo el *consilium principis*, dividió Italia en cuatro circunscripciones territoriales bajo el mando de otros tantos senadores de rango consular, codifico las normas de aplicación judicial más frecuentes de la legislación imperial (el llamado ‘edicto perpetuo’, que sería cursado a los gobernadores provinciales y magistrados con funciones judiciales), promulgo una ley para fomentar el cultivo de los campos no explotados (*Lex Hadriana de rudibus agris*), regularizo el *cursus equestre* y amplió la *civitas* romana otorgando derechos de ciudadanía (*Latium minus*) a muchos municipios o elevando el rango de éstos a colonias; en fin descentralizó la recaudación de ciertos impuestos a nivel provincial nombrando funcionarios encargados de tales cometidos [...] De hecho, respecto a Trajano, se observa una cierta continuidad también en la política interior: *alimenta*, obligaciones senatoriales, funcionarios financieros, etc.”. In: BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. *op. cit.*, p. 519.

125 d.C. Na direção oeste, passou pela Gália, Germânia Superior, Raetia, Nóríca²⁰⁰ e Britânia, onde lidou com grupos revoltos da região; no leste, foi até o Eufrates negociar a paz com reino parto, passando após pelas províncias da Bitínia-Ponto²⁰¹, Asia, Mésia e, por fim, a Grécia, onde permaneceu por nove meses antes de retornar para Roma. Sua segunda viagem teve início no ano de 128 d.C., momento no qual se direcionou para as províncias da África, Mauritânia e Numídia²⁰², inspecionando e fortalecendo as fronteiras do Império. Após um breve retorno para Roma, parte novamente para a Grécia, onde visita novamente Atenas. Em seguida, Adriano vai para a Síria, Capadócia, Arabia, Judéia e Egito. Esteve no ano de 132 d.C. novamente na Judéia, onde teve início uma grande revolta local; no mesmo ano, parte em direção à Roma. Sem dúvida, tais viagens demonstram sua atitude e empenho no controle do seu Império, fortalecendo sua imagem como governante universal, cosmopolita e centralizador do poder.²⁰³

²⁰⁰ Nesse momento, ressaltamos a seguinte hipótese levantada por Anthony Birley acerca de uma possível proximidade de Arriano e Adriano nesta viagem: “Hay un simple indicio de que Arriano, el amigo griego de Adriano, se hallaba, quizá, con él. En una de sus obras, Arriano declara haber visto la confluencia de Inn y el Danubio cerca del fuerte que acabaría por ser conocido como Batava Castra (Passau), en las fronteras entre Recia y el Nórico. Arriano pudo haber estado allí, por supuesto, en un momento anterior de su carrera, quizá como oficial de caballería, antes de convertirse en senador. No obstante, resulta atrayente suponer que, durante su gira por el occidente celta, el emperador llevó, quizá, en su séquito al menos a un intelectual griego”. In: BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997, p. 162.

²⁰¹ Novamente seguimos outra hipótese de Anthony Birley, para o qual “parece sumamente probable que [Adriano] invernara en Nicomedia en aquella ocasión. Hay que tener en cuenta que Nicomedia (Izmit), a la que solo la vecina Nicea (Izmit) disputaba la primacía de Bitinia, era la patria de Arriano. Resulta atractivo conjeturar que este, con quien Adriano compartía tantos intereses, fuera ahora su anfitrión, como pudo haberlo sido el 117. En cualquier caso, Nicomedia es la única ciudad del Imperio conmemorada en las monedas imperiales, aparte de Alejandría; en ellas se aclama a Adriano como su ‘restaurador’. La ciudad, al igual que Nicea, había quedado dañada por un terremoto poco antes de su visita. Ambas localidades fueron reconstruidas con generosas donaciones de Adriano, según anotan explícitamente cronistas posteriores. Las inscripciones en su honor sobre las puertas de Nicea brindan un ejemplo concreto de ese programa. Los donativos imperiales a Bitinia serían conmemorados en acuñaciones de monedas que registran su llegada y le llaman ‘restaurador’ da la provincia”. In: BIRLEY, A. **Adriano**. *op. cit.*, pp. 207-208.

²⁰² Façamos nova menção ao raciocínio de Anthony, para o qual “se ha propuesto, además, la hipótesis de que Arriano, el amigo de Adriano, se hallaba con este. En su tratado sobre la caza, escrito en Atenas al cabo de quince o más años, Arriano describe en un pasaje pormenorizado la habilidad con que los nómadas corrían tras los onagros del desierto. Después de parafrasear la descripción de Jenofonte sobre los esfuerzos del joven Ciro para capturar esos animales, observa que en sus días ‘niños nómadas de ocho años montando a pelo y sin bridas son capaces de adelantarse a los onagros del desierto y traerlos vivos y atados de un ronzal’. La viveza del relato hace que parezca contado por un testigo”. In: BIRLEY, A. **Adriano**. *op. cit.*, p. 264.

²⁰³ Para Maria José Hidalgo de La Vega, o ideal universalista que teve maior impulso a partir de Augusto acompanha uma concepção de tempo concebida em termos de uma “eternidade” do Império Romano. Ou seja, ao império universal corresponderia uma noção de império eterno. Em suas próprias palavras, a autora afirma que “será en el s.II, en época de Adriano, cuando nos encontremos con la más grandiosa expresión de este concepto representada en la magnífica construcción del templo de Venus en Roma, en la parte sur del Foro. Fue dedicado a conmemorar el aniversario de la fundación de la Urbs, asociando de manera novedosa la eternidad del emperador con la *aeternitas* de Roma e incorporando-la a una nueva *aurea aetas*. De manera similar ocurre con algunas acuñaciones de la época cuya iconografía expresa estos conceptos. Así, Roma como capital del imperio y centro del poder se convierte en “Ciudad Eterna” y así era considerada en su época. Este siglo II d.C. es el siglo de la *felicitas imperii*, época de mayor apogeo del Imperio, regido por un emperador considerado como cosmócrator, y cuyo poder universal y divino se representa en la misma construcción del Panteón del Campo de Marte, edificio de gran significado ideológico y constructivo”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María

Podemos perceber que, ao longo de suas viagens, Adriano esteve na Grécia, especialmente em Atenas, um lugar especial. O Imperador, um homem que sempre demonstrou muito interesse pelos costumes e tradições gregas²⁰⁴, valorizou a cidade ateniense, inclusive destinando a ela grandes somas dos recursos do Império. Por esse motivo foi denominado, em sua época, de filohelênico²⁰⁵ – motivo também de crítica por parte daqueles que defendiam, em detrimento de todas as províncias, o privilégio fundamentalmente romano em todos os aspectos.

Quando temos em mente todas as medidas do governo de Adriano, vemos a imagem de um governante que empreendeu grande esforço no sentido do fortalecimento de seu poder central. No entanto, presenciemos no momento da sucessão de Adriano uma questão que de forma alguma pode passar despercebida aos olhos do historiador. Não tendo filhos legítimos, Adriano escolheu como sucessor, seguindo a tradição da adoção, o senador Lucio Ceionio Cómodo. Este tivera seu nome modificado para Lucio Aelio César – uma prática que visava, através do uso da denominação “César”, indicar de modo mais claro o homem designado à posição de *princeps* no futuro. No entanto, a morte de Lucio Aelio César no ano de 137 d.C. criou certo impasse, ocasionando a busca por outro sucessor digno. É nesse momento que observamos a estratégia de Adriano: adotou outro senador, T. Aurelio Fulvo Boyonio Arrio Antonino, mais conhecido por Antonino Pío²⁰⁶, não sem antes estabelecer-lhe algumas condições indiscutíveis. Entre elas, o novo *princeps* teria o compromisso de ceder o governo à favor do filho de Lucio Aelio César, Lucio Ceionio Cómodo II (o futuro imperador Lucio

José. Algunas reflexiones sobre los límites del *oikoumene* en el Imperio Romano”. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. p. 278.

²⁰⁴ Segundo Anthony J. S. Spawforth, era dito que Adriano “dominaba ampliamente la cultura griega: se decía que había aprendido a la perfección no solo la lengua de los griegos, sino también su música, su medicina y su geometría, y que incluso era capaz de pintar y esculpir a la manera griega”. SPAWFORTH, A. J. S. Adriano y el pasado griego. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto. op. cit.**, p. 115.

²⁰⁵ Na opinião de Elena Calandra, “para Adriano, ser filoheleno significa poner en práctica una política que se vale de la cultura griega como medio de expresión”. CALANDRA, E. Adriano, Emperador Filoheleno. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto. op. cit.**, p. 90.

²⁰⁶ Fergus Millar traz um indicativo sobre o epíteto de “piedoso” que assume Antonino: “La otra cara del papel del Senado, como personificación de la legalidad, frente a los emperadores, era la acción que llevaba a cabo después de la muerte de un emperador. Cuando el reinado había transcurrido pacíficamente, lo normal era que el Senado votase la deificación del emperador y la inclusión de sus disposiciones (*acta*) en el juramento de lealtad que se tomaba cada año el primero de enero, donde se mencionaba al emperador reinante y a todos los 'buenos' emperadores anteriores. En una ocasión, sin embargo, en que el poder se transmitió pacíficamente, a la muerte de Adriano en el año 138, su sucesor, Antonio Pío, tuvo suma dificultad en persuadir al Senado (que odiaba a Adriano por haber ejecutado a ciertos ciudadanos destacados) para que le deificase: "En este caso - dijo en un discurso al Senado - si él era un hombre inicuo y enemigo público yo tampoco seré vuestro emperador. Pues si él era como decís anularéis sus disposiciones, una de las cuales era mi adopción" In: MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. Madrid: Siglo veintiuno, 1973, pp. 21-22.

Vero) e também à um jovem de descendência hispana, sobrinho de sua esposa, Marco Annio Vero (o futuro imperador Marco Aurélio).²⁰⁷

Enfermo, Adriano morreria em julho de 138 d.C., apenas quatro meses depois da adoção de Antonino²⁰⁸. Este governaria ainda por 23 anos antes de conferir a Lucio Vero e Marco Aurélio o poder, agora compartilhado. De todas essas circunstâncias, o que não podemos negligenciar é o pensamento que teve Adriano em vista de uma divisão planejada do poder imperial – algo que, certamente, vinha na contramão do modelo de centralização do poder em torno de apenas uma pessoa, anteriormente proposto e estabelecido por Augusto como referencial à instituição Principado.

Tal atitude, em nosso pensamento, torna-se inteligível apenas quando compreendemos as medidas estabelecidas pelo Imperador Adriano ao longo de seu governo, as quais reforçavam uma centralização que, devido às circunstâncias, já não se tornava mais adequada para assegurar o pleno controle e governabilidade de um Império tão extenso. Houve, portanto, do início ao fim do governo de Adriano, um sério princípio de mudança e renovação na esfera institucional do principado, denotada pelo emprego da denominação “César” aos sucessores e futuros detentores do poder – o qual seria agora partilhado entre duas pessoas.

3.9 - Adriano, o Alexandre de seu tempo

A obra *Anábise de Alexandre Magno*, enquanto proposta historiográfica, resgatava aos contemporâneos de Arriano a memória de um acontecimento excepcional, a expedição militar de Alexandre, o Grande. Este, o personagem principal da narrativa, tornava-se nela um exemplo de governante, apresentando um conjunto de ações e comportamentos dignos e comprobatórios de sua posição tão relevante no poder.

²⁰⁷ Para Pierre Grimal, “todos as personagens abrangidas por estas combinações pertenciam às mais importantes famílias senatoriais, o que assegurou o consentimento dos Pais [senadores]”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 98.

²⁰⁸ Segundo A. R. Birley, “Hadrian has been called ‘the most remarkable of all roman emperor’ and ‘the intellectual emperor’. Ancient writers stressed his restless traveling, his insatiable inquisitiveness (*‘omnium curiositatum explorator’*) and his complex, many-sided personality (*‘various, multiplex, multiformis’*). His military and frontier policy, his obsessive generosity to the Greeks and his ruthless treatment of the Jews weew the three elements which had the most long-term impact”. BIRLEY, A. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History**. *op. cit.*, p. 149.

Dessa forma, as características do monarca macedônio, quando projetadas no presente de Arriano, tornar-se-iam um parâmetro para qualificar o bom e legítimo governante. Esse ímpeto de construção teórica, no entanto, não poderia fugir ao modelo referencial de governante na época de Arriano, ou seja, ao ideal de *princeps* inerente ao universo mental estoíco do grupo senatorial – a tradicional comunidade política.²⁰⁹ Caso ocorresse o contrário, o caráter de exemplo que a própria escrita histórica deveria fornecer acabava perdendo muito de sua utilidade e efeito legitimador em relação ao poder.

Portanto, se o modelo ideal de governante da época de Arriano era Alexandre, percebemos uma nítida relação da instituição Principado para com a tradição helenística de governo, personificada em Alexandre.²¹⁰ Essa tradição, no entanto, é resgatada por meio de aspectos que criam a idéia de continuidade, tal como Arriano deve ter atentado ao construir seu modelo histórico de Alexandre, visando justamente adaptar um modelo às transformações inerentes ao próprio processo histórico.

Nesse sentido, assumindo praticamente uma função instrumental, as concepções teóricas que Arriano constrói em sua obra estabelecem, necessariamente, um paralelo histórico para com o seu presente: como não comparar o ontem com o hoje? Seria esse governante do passado, um exemplo por suas ações, tão bom quanto aquele que governa no tempo de Arriano? Tendo por base a inevitabilidade desse paralelo, podemos agora sugerir quem seria esse governante do presente: um velho amigo de Arriano, o Imperador Adriano.

Levando em consideração a trajetória de vida de Arriano e as relações que manteve ao longo dela, levantamos aqui a hipótese de que a *Anábase de Alexandre Magno* fora uma construção histórica que visava projetar a imagem de um grande monarca do passado, Alexandre, no *princeps* que acabou auxiliando e mantendo relações muito próximas com Arriano, Adriano. Os efeitos dessa projeção seriam positivos para Adriano, legitimando e fortalecendo sua imagem e posição no poder durante o seu governo. Nesse aspecto, tal

²⁰⁹ O pensamento estoíco, “de esta forma, acepta la realeza como mejor régimen y se convierte en un vehículo en torno al que se elaboran reflexiones y teorías sobre el mejor gobernante: el *princeps bonus* y el *rex iustus* senequista, compatibles con la armonía que reina en el universo regulado por la fuerza del logos y con sus ideales políticos”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. La Paidéia griega, iniciación a la realeza: los Peri basileias de Dión Crisóstomos. **Studia historica**: historia antigua, Salamanca, v. 22, p. 73, 2004.

²¹⁰ Segundo a historiadora María José Hidalgo de La Vega, “La fundación de este Imperio como régimen político, en algunos aspectos, pretendía ser el heredero del imperio alejandrino y continuador de su programa civilizador y conquistador”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del *oikoumene* en el Imperio Romano”. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. p. 275.

proposta de comparação visava especialmente o grupo senatorial²¹¹, o qual se manteve em conflito com Adriano desde sua ascensão e que, por isso, precisava ser convencido das qualidades desse novo governante possivelmente por meio de algumas estratégias, dentro das quais a escrita da história compunha parte importante também.²¹²

A construção de um modelo narrativo que buscava fundamentalmente essa “comparação” com Alexandre vem muito no sentido do que Elena Torregaray Pagola defendeu em seu artigo *La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica*.²¹³ Segundo a autora, existiriam três categorias básicas que buscam interpretar a relação dos governantes romanos para com o personagem histórico Alexandre – a *imitatio*, a *aemulatio* e a *comparatio* –, apresentadas pela autora da seguinte forma:

Así, la *imitatio* implicaría un deseo consciente por parte del imitador de plagiar los modos y actuaciones de Alejandro; la *aemulatio*, por su parte, consistiría en el deseo de alcanzar o incluso superar las obras de Alejandro pero sin imitarle necesariamente; y finalmente, la *comparatio*, respondería a la acción de terceras personas, fundamentalmente los autores de las fuentes clásicas – y, en nuestra opinión, también de la historiografía moderna –, quienes establecen comparaciones entre Alejandro y otros personajes históricos.²¹⁴

A escrita da história, no sentido que entrevemos na *Anábasis de Alexandre Magno*, demonstrou-se, portanto, movida por interesses políticos, especialmente relacionados ao âmbito do poder e da esfera de legitimação de determinados personagens no mesmo. Mas de que modo e no que, especificamente, Alexandre (incluindo seu comportamento, ações e situações que enfrentou) se tornaria exemplo? Como exatamente ocorreria esse paralelo

²¹¹ Stadter reitera nossa proposta no que se refere ao campo de produção e recepção da obra de Arriano ao afirmar que “a book like the Anabasis was addressed to the elite of the Roman empire – those administrators, senators, officers, and intellectuals who could appreciate the restrained classicism of his style, the careful reconstruction of military operations, the interest in Alexander’s moral development. [...] the intended audience [...] is much more knowledgeable and refined”. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. *op. cit.*, p.168.

²¹² Juan Manuel Cortés Copete aponta para essa pronta iniciativa “conciliatória” de Adriano. Segundo o autor, o imperador “pretendía restaurar la concordia con el Senado y para eso demostró un absoluto respeto por las dignidades y cargos del orden senatorial. Él mismo limitó su acceso al consulado, conformándose con un tercer desempeño de la más alta magistratura republicana. Las consecuencias de acciones como éstas eran evidentes: a la vez que se alejaba del modelo de emperador tiránico que acapara dignidades, permitía a un mayor número de oligarcas el acceso al puesto, cubriendo sus expectativas de promoción”. CORTÉS COPETE, JUAN MANUEL. Un nuevo gobierno, una nueva base social. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. *op. cit.*, p.79.

²¹³ TORREGARAY PAGOLA, Elena. La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica. **Gerión**, Madrid, v.21, n.1, p.137-166, 2003.

²¹⁴ TORREGARAY PAGOLA, Elena. La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica. **Gerión**, Madrid, v.21, n.1, p.140, 2003.

histórico, a *comparatio* passado-presente/Alexandre-Adriano, e de que forma isso poderia colaborar na projeção política de Adriano?

Devemos então empreender uma análise que identifique uma concepção teórica estabelecida por Arriano em sua narrativa historiográfica, mesmo que ela esteja implícita ou demasiadamente esparsa ao longo do texto, para em seguida analisar seu teor e validade frente a Adriano e sua época. Diante das várias possibilidades de objetos que surgem para análise a partir da perspectiva levantada, optamos por estudar na fonte a seguinte formulação teórica: o que tornava determinado personagem um digno e legítimo governante detentor do poder. Tal escolha não foi arbitrária, pelo contrário, tendo em vista que busca inserir a obra dentro de um conjunto maior de opiniões e debates, cujo impulso remonta ao final do primeiro século depois de Cristo, que caracterizam uma intensa reflexão em torno do poder, especialmente no que se refere a quem deveria assumi-lo e como deveria exercê-lo perante a sociedade.²¹⁵

²¹⁵ Segundo María José Hidalgo de la Vega, “el tema de la naturaleza del poder, de su legitimidad, conectada con la oposición al tirano, junto con el de la *acción política* era objeto de debate en las escuelas de filosofía y de retórica, dando origen a tratados y libros al respecto. Estos tratados se configuraron a partir de la propia perspectiva de la legítima oposición al tirano, que todo filósofo debe tener, incluso hacia el legítimo soberano, cuando éste adquiere las actitudes y prácticas odiosas del tirano. De esta forma se va modelando la ideología del “buen príncipe”, que será presentado como modelo de gobernante ideal y con el que contrastarán sus juicios sobre los emperadores y sus comportamientos con respecto a los temas ya indicados. Esta teoría estaba destinada a tener más éxito que la sucesión dinástica, fenómeno que no es ajeno a la propia renovación del sector senatorial, cuyos nuevos representantes eran más propensos a asumir la ideología del *optimus princeps*”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p.55.

CAPITULO IV

A construção teórica do digno e legítimo governante na Anábase de Alexandre Magno

A fonte aqui em análise, a *Anábase de Alexandre Magno*, foi encontrada na biblioteca da Universidade Federal do Paraná, em ótimo estado de conservação. Trata-se da edição de 1982, da editorial Gredos, de Madri, Espanha, traduzida do original grego para o espanhol por Antonio Guzmán Guerra, professor da Universidade Complutense de Madrid na área de filologia grega. Esta versão da *Anábase de Alexandre Magno* foi dividida em dois volumes: no primeiro, estão os livros I, II e III; no segundo, IV, V, VI, VII e VIII.²¹⁶

De modo geral, apontamos aqui os principais eventos que Arriano abordou acerca da expedição de Alexandre em cada um dos sete livros correspondentes à *Anábase de Alexandre Magno*: I) ascensão de Alexandre; contenção das revoltas na região da Trácia e Ilíria; revolta da cidade de Tebas ao domínio macedônio; travessia do Helesponto e início da guerra contra Dario; a batalha de Granico; conquista das cidades da Ásia Menor; sítio de Halicarnasso. II) o nó Górdio; a batalha de Issus; conquista da costa da Síria; sítio de Tiro e Gaza. III) passagem pelo Egito e visita ao oráculo de Amon; a batalha de Gaugamela; perseguição ao rei Dario; captura de Bessus; conspiração de Filotas. IV) morte de Clito; conspiração dos pagens e morte de Calístenes; conquista da Sogdiana e Bactriana; sítio de Aornos. V) a campanha na Índia; travessia do rio Hydaspes; batalha contra o rei Porus; viagem até o rio Hyphasis; motim das tropas de Alexandre. VI) início do retorno de Alexandre; viagem ao Oceano Índico; retorno de Nearco pelo mar; travessia das tropas pelo deserto de Gedrosia; chegada de Alexandre na Pérsia. VII) último ano de Alexandre; passagem pelas cidades de Susa, Opis, Ectabana e Babilônia; morte de Eféstion; últimos dias de Alexandre e sua morte.

No que se refere à estrutura geral dessa narrativa, Stadter aponta para um “padrão” de escrita que a *Anábase de Alexandre Magno* apresentaria: “The march is marked by embassies from cities or kings, administrative details, geographical facts, and especially battles or sieges necessitated by military opposition”.²¹⁷ De acordo com o mesmo autor, “The format fits the purpose of the history precisely and keeps Alexander constantly at the center of attention,

²¹⁶ O oitavo livro da presente edição corresponde à obra *Indica*, composta por Arriano de Nicomédia provavelmente pouco tempo após ter escrito a *Anábase de Alexandre Magno*. Trata-se, em suma, de uma obra também sobre a expedição de Alexandre, o Grande, mas que aborda com maiores detalhes o período de sua trajetória pela Índia, com grande ênfase no aspecto etnográfico da questão.

²¹⁷ STADTER, P. A. *Arrian of Nicomedia*. *op. cit.*, p.76.

since everything that is reported has a direct relation to him”.²¹⁸ Portanto, compreendemos que a sucessão dos acontecimentos e as descrições que Arriano realizou na obra giram em torno de Alexandre, colaborando em nossa análise das características desse personagem.

Mas para que possamos justamente compreender e caracterizar a construção histórica realizada por Arriano, buscando entrever adequadamente o aspecto teórico que estabeleceria a comparação Alexandre/Adriano, não podemos fundamentar nossa interpretação do documento com base em apenas um ou outro momento que o autor apresentou dado comportamento para Alexandre. O que de fato devemos fazer é buscar e analisar momentos que apontem para regularidades na conduta do rei macedônio, os quais expressem qualidades recorrentes nele. Desse modo, saímos da esfera do “acaso” e atentamos para os padrões inerentes à narrativa de Arriano, ou seja, para aquilo que o autor desejava constantemente e intencionalmente destacar no personagem por ele estudado, e que pudesse exercer um efeito prático de compreensão, em termos de inteligibilidade, frente ao ouvinte/leitor da obra.

Acerca de nosso objeto específico de investigação, buscamos na fonte as características que demonstravam Alexandre como um homem merecedor de sua posição, ou seja, aquilo que o tornava um legítimo governante. De nosso estudo da fonte, agrupamos os trechos que foram analisados em torno de três tópicos gerais: *Obstáculos naturais – compreender para vencer*; *Os diálogos de Alexandre e Parmênio*; e *Entre discursos e debates: para ser rei, é preciso ser o melhor*

4.1 - Obstáculos naturais: compreender para vencer

Ao longo de sua expedição, Alexandre enfrentou inúmeras adversidades, entre as quais observamos também obstáculos que a própria natureza proporcionava ao avanço da marcha macedônia. A seguir, demonstraremos uma série de momentos diferentes que exigiram, por parte de Alexandre, um pensamento rápido e inteligente, visando sempre a superação de uma determinada dificuldade condicionada pela natureza – seja ela durante uma batalha nas montanhas, na travessia de um rio, em um cerco ou mesmo como parte de uma

²¹⁸ STADTER, P. A. *Arrian of Nicomedia. op. cit.*, p.77.

reflexão geográfica. Acreditamos que, mesmo durante tais eventos, Arriano já indique perspectivas reveladoras acerca das características necessárias a um bom governante.²¹⁹

4.1.1 - A batalha do monte Hemo

Após a morte de seu pai, Filipe II, Alexandre enfrentou grandes dificuldades para assegurar sua ascensão e legitimação no poder.²²⁰ Durante esse primeiro momento, Alexandre teve de se direcionar para a região da Trácia, onde algumas tribos, até então dominadas pelos macedônios, acabaram por se rebelar. No desenrolar dessa campanha, um momento específico nos chamou atenção: a batalha do monte Hemo. Nesse instante, o rei macedônio e seu exército encontravam-se em perigo devido à ação de alguns rebeldes que, a partir de uma posição estratégica (o monte Hemo), ameaçavam jogar carros de guerra sobre eles. Diante dessa situação:

Alejandro estudió otras maneras de atravesar por el monte con mayor seguridad para sus tropas, pero, convencido de que no existía otra opción, decidió arrostrar el peligro, ya que por ninguna otra parte había acceso. Con todo, hizo a sus hoplitas las siguientes prevenciones: cuando vieran que los carros se despeñaban cuesta abajo contra ellos, todo el que tuviera vía libre debía romper la formación y apartarse para dejar que los carros pasaran entre las filas de soldados y fueran a estrellarse peñas abajo. Les recomendó igualmente, que si algún grupo se veía sorprendido y los carros se les venían encima, debían agazaparse y echarse justo en que los carros cayeran sobre ellos, pues así cabría esperar que los carros saltaran por encima, debido al impulso que llevaban, y pasasen de largo sin causarles daño. Efectivamente, ocurrió tal y como Alejandro había supuesto, de suerte que parte de sus hombres, que siguieron en todo sus consejos, rompieron la formación; respecto a los demás, apenas sufrieron daño, pues los carros rodaron sobre sus escudos. Ni un solo hombre murió aplastado bajo ellos.²²¹

²¹⁹ Questões relacionadas ao estudo do presente tópico encontram-se na seguinte publicação: LEME, André Luiz. O modelo político de Alexandre, o Grande, na Roma do século II d.C.: perspectivas teóricas na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. In: **V Semana de História Política / II Seminário Nacional de História: Política e Cultura & Política e Sociedade**, 2010, Rio de Janeiro. Anais da V Semana de História Política / II Seminário Nacional de História: Política e Cultura & Política e Sociedade. Rio de Janeiro: UERJ / PPGH, 2010. pp. 127-136.

²²⁰ Para um melhor conhecimento sobre o processo de ascensão e legitimação de Alexandre no poder, recomendamos a leitura da seguinte monografia: LEME, André Luiz. **Ascensão e legitimação de Alexandre, o Grande, na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia**. Monografia em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2008.

²²¹ **ARRIANO. Anábasis de Alejandro Magno: libros I-III. op. cit., p. 122.**

Nesse relato militar²²², vemos um Alexandre que agiu de modo *consciente*, estudando suas opções de ação para assim *zelar* pelo bem de suas tropas. Mesmo diante de uma circunstância que não proporcionava muitas opções de atuação, Alexandre demonstrou *coragem* e decidiu avançar e enfrentar o perigo. No entanto, essa decisão veio acompanhada de várias *prevenções* e *recomendações* às suas tropas, momento no qual Alexandre demonstrou-se *consciente*, não agindo por impulso; dessa forma possuía o *controle* da situação e das possíveis adversidades que poderiam dificultar o seu plano.

Sua *estratégia* compreendeu dois possíveis movimentos: 1) quando os carros fossem jogados, os soldados deveriam se afastar, abrindo colunas, para que os carros passassem pelo meio deles e não atingissem diretamente o corpo do exército; 2) se por algum motivo o choque com os carros fosse inevitável, os soldados deveriam se abaixar, esperando que tais carros passassem por cima deles. O segundo movimento é uma espécie de “plano B” para a situação, mas é sua concepção que se demonstra interessante: Alexandre se pautou, conscientemente, em critérios racionais advindos da própria natureza, físicos, pois levou em consideração que os carros, devido ao impulso que levavam ao descer do monte, poderiam muito bem saltar sobre os macedônios – não infligindo dano algum para eles.

Toda essa *versatilidade* do comandante macedônio teve como consequência o *sucesso* de sua empreitada, pois, como Arriano assinalou, tudo ocorreu como ele, Alexandre, havia suposto que ocorreria – não havendo surpresas imprevisíveis para ele. Mas ainda notamos outro aspecto interessante ao final dessa passagem, uma espécie de lição moral: aqueles que obedeceram ao rei macedônio, seguindo, como nas palavras de Arriano acima, totalmente os seus conselhos, conseguiram avançar de modo seguro; quanto aos demais, que provavelmente não seguiram à risca o plano principal e tiveram de se utilizar do “plano B”, estes já sofreram alguns pequenos danos. Através dessa interessante contraposição que acabamos de salientar fica também implícita a lição da *obediência*, a qual não poderia faltar e que só poderia prejudicar aqueles que não a praticassem e seguissem rigorosamente – especialmente em relação a um líder que aparentemente se demonstrava tão *apto* para enfrentar tais situações.

²²² Acerca da *Anábase de Alexandre Magno*, Claude Mossé comenta que “mesmos os relatos de batalha são construções ideológicas”. In: MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004, p.184.

4.1.2 - A travessia do rio Istro

Durante sua perseguição aos povos rebeldes da região da Trácia, Alexandre teve de enfrentar uma inusitada situação: perseguir bárbaros, trácios e ilírios, que haviam se refugiado em uma ilha dentro do rio Istro buscando proteção. Ainda que alguns poucos barcos tenham vindo, partindo de Bizâncio, para ajudar Alexandre na chegada até a ilha, a situação demonstrou-se muito mais complexa, como Arriano ressaltou:

La mayor parte de la isla era muy escarpada para intentar un desembarco, y la corriente del río en exceso impetuosa (y ello era natural, ya que en ese punto el cauce del río se estrangula y se hace mucho más estrecho). A la vista de ello, Alejandro decidió retirar las naves, cruzar al otro lado del Istro, y marchar contra los getas que por allí habitaban (podía verlos en gran número sobre la otra orilla, y calculó que serían unos cuatro mil jinetes y más de diez mil infantes).²²³

Os aspectos naturais da região tornavam o desembarque uma tarefa inviável na perspectiva do autor, o qual reitera, a partir de uma observação própria, o estreitamento natural que o rio apresentava naquele lugar. Alexandre, *consciente* dessas adversidades e do perigo real que elas representavam, decidiu então cruzar o rio Istro e enfrentar outro povo bárbaro que habitava a região, os chamados getas. No entanto, antes *calcula* a dificuldade da tarefa pela quantidade de inimigos que ele mesmo observara na margem oposta do rio. No seguimento, Alexandre estabeleceu um procedimento para enfrentar a situação, apresentado por Arriano da seguinte forma:

El plan de Alejandro era dispersarlos para poder atravesar el río, empresa por la que sentía vivo interés, y para la cual él mismo se había embarcado en una de sus naves. Para llevar a cabo su plan, realizó la siguiente operación: llenó de paja las tiendas de cuero con las que solía construir el campamento, y reunió todas las canoas hechas de un solo tronco de árbol que solían utilizar los ribereños (y de las que había conseguido un buen número, ya que los indígenas las emplean para la pesca, para hacer expediciones río arriba, y porque muchos se dedican con ellas a la piratería); reuniendo, pues de éstas el mayor número que pudo, comenzó así con ellas la travesía de su ejército. Consiguió de esta forma que pasaran a la otra orilla mil quinientos jinetes y unos cuatro mil infantes.²²⁴

²²³ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 127.

²²⁴ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, pp. 127-128.

O Alexandre desse momento demonstra-se movido por um interesse peculiar, uma motivação que derivava da sua própria vontade em alcançar seus objetivos e, conseqüentemente, a vitória. Para isso ele estabeleceu um *plano*, o qual compreendia uma série de operações. O primeiro aspecto de seu planejamento foi garantir a travessia segura de suas tropas pelo rio Istro, viabilizada por meio da busca e recolhimento de canoas. Durante e depois desse momento, Alexandre continuou demonstrando seu *controle* sobre a situação, *orientando* suas tropas para as ações corretas:

Llevaron a cabo la travesía durante la noche, por donde había un crecido trigal que llegaba hasta el mismo río, y gracias al cual pudieron pasar desapercibidos. Bajo los primeros rayos del sol, Alejandro condujo a sus hombres a través del trigal, recomendando a los infantes igualar con sus sarisas inclinadas la altura del trigo, e irse así abriendo camino hacia el terreno no labrado.²²⁵

O momento exato da travessia foi apresentado por Arriano através de uma narrativa nitidamente dramática e repleta de tensão. A *estratégia* de Alexandre compreendeu uma ação noturna: desse modo, passariam despercebidos. Quando do raiar do sol, Alexandre fez novas *recomendações* aos seus comandados, orientando a marcha deles por um campo de trigo. Finalmente, o momento de ataque do exército macedônio foi descrito por Arriano de modo exaltado, como um grande trunfo do *gênio* de Alexandre e de seu plano:

Los getsas no resistieron siquiera el primer ataque de la caballería; en efecto, la osadía de Alejandro (que con toda facilidad había cruzado en una sola noche el Istro, que es el mayor de los ríos, y eso sin tener que tender un puente para su paso) les pareció increíble, como terrible les pareció el cerco de la falange y violento el ataque de la caballería.²²⁶

O termo “ousadia” utilizado por Arriano não pressupõe uma atitude inconseqüente de Alexandre, pelo contrário: o modo como o rei macedônio lidou com a situação, organizou e preparou *racionalmente* seu ataque tornou uma tarefa, supostamente difícil, fácil. Arriano dimensionou a vitória de Alexandre como uma forma de *superação* da própria natureza, exemplificada no rio Istro – o “maior dos rios” em seu pensamento. No desfecho dessa ação vitoriosa, Arriano comentou que Alexandre ofereceu “un sacrificio sobre la ribera del Istro a Zeus Salvador, a Heracles, y al próprio rio Istro, cuya travesía le había resultado tan cómoda.

²²⁵ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 128.

²²⁶ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 129.

Aquel mismo día hizo retornar a todos sanos y salvos al campamento”.²²⁷ Novamente a demonstração de *zêlo* por parte de Alexandre em relação aos seus companheiros de batalha garantiu a segurança de todos, tornando esse momento exemplo de uma grande vitória, um *sucesso*, a partir do qual Arriano exaltou ainda mais a *liderança* e o *gênio* de Alexandre.

4.1.3 - A Rocha Sogdiana

Após ter derrotado Dario e perseguido seu assassino, Beso, Alexandre buscou fortalecer sua posição de comando na longínqua região da Sogdiana, enfrentando diversos grupos rebeldes e construindo fortes militares. Nesse ínterim, um grupo havia se estabelecido numa praça forte, uma montanha, visando proteção frente a Alexandre. Verificamos tal situação na seguinte passagem da narrativa de Arriano:

No hizo más que despuntar la primavera, cuando Alejandro se dispuso a avanzar hacia la Roca Sogdiana, en la que habían encontrado seguro refugio, según informaciones a él llegadas, buen número de sogdianos. La propia mujer de Oxiartes el bactrio y sus hijas estaban en este refugio, según se decía; allí las había llevado Oxiarte por ser un lugar algo apartado e inexpugnable y que él mismo había sublevado antes contra Alejandro. Estaba convencido Alejandro de que una vez tomada esta posición fuerte nos les quedaría nada que hacer a los sogdianos que pretendieran sublevarse. A medida que se aproximaba a la roca, observó Alejandro con gran sorpresa que resultaba prácticamente inexpugnable por todas partes, y que los bárbaros habían conducido a su interior suficientes provisiones para un largo asedio. De otra parte, una gran nevada que había caído recientemente dificultaba el acceso a los macedonios, al tiempo que aseguraba aprovisionamiento de agua a los bárbaros.²²⁸

O local onde se encontravam os rebeldes, entre os quais se incluíam familiares do nobre bactrio Oxyartes, era denominado de a “Rocha Sogdiana”. Esta fortaleza era tida como inexpugnável, uma ótima posição estratégica de defesa. Por isso, Alexandre acreditava que, se tomada, não haveria outras opções de proteção para aqueles sogdianos que ainda pretendessem se rebelar – uma visão prática para se acabar, finalmente, com as revoltas. No entanto, o olhar atento de Alexandre fez com que ele percebesse uma série de obstáculos para a conquista dessa fortaleza: ela era praticamente inacessível, não importando qual parte dela

²²⁷ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 129.

²²⁸ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* pp. 48-49.

se planejasse atacar; as pessoas em seu interior poderiam, inclusive, estar preparadas para um longo sítio, tendo em vista terem conduzido grandes provisões alimentícias para o interior da praça; por fim, havia acontecido uma grande nevada recentemente, a qual dificultaria ainda mais o acesso para os macedônios, ao mesmo tempo em que assegurava um melhor fornecimento de água para os bárbaros. Alexandre, portanto, levou em consideração todos esses fatores que, de certo modo, dificultavam e muito a conquista da fortaleza na montanha. Porém, mesmo diante dessas circunstâncias, Alexandre optou sim por conquistá-la:

Aun con todos estos inconvenientes, Alejandro decidió el asalto a la fortaleza. Habían hecho los bárbaros declaraciones en extremo jactanciosas que habían provocado en Alejandro un vivo interés por alcanzar gloria en esta afanosa empresa. En efecto, en el transcurso de unas entrevistas mantenidas para procurar la salvación e retirada de los sitiados a cambio de abandonar el fuerte, éstos, en tono de burla, dijeron en su jerga bárbara a Alejandro que buscara soldados con alas, con los que talvez podría capturar la plaza, en la convicción de que ningún otro mortal podría hacerla suya. Ante esto, hizo proclamar Alejandro que para el primero que subiera habría una recompensa de doce talentos, para el segundo un segundo premio, otro para el tercero, y así sucesivamente hasta el último que subiera, que obtendría uno no menor de trescientos daricos. El efecto de esta proclama no hizo sino avivar aún más los ánimos de los macedonios, ávidos como ya estaban por escalar la roca.²²⁹

Arriano transmitiu a idéia de que Alexandre estava sim *consciente* de sua ação, pois sabia das dificuldades que enfrentaria ao tentar conquistar a Rocha Sogdiana. O que teria motivado Alexandre a enfrentar o perigo foram as declarações bárbaras, demasiadamente presunçosas: eles teriam dito, em tom de chacota, que os macedônios precisariam encontrar “soldados com asas”, pois somente assim teriam condições de conquistar a praça – ato que nenhum outro mortal conseguiria. Mas Alexandre, diante disso, *compreendendo* o aspecto moral da questão, encontrou uma *estratégia* de incentivo para vencer a dificuldade do presente momento: aqueles que escalassem a íngreme parede ganhariam, em termos da ordem de chegada, uma recompensa financeira. O ânimo, diante disso, aumentaria, bem como a possibilidade de conquista. Esse incentivo veio acompanhado de algumas *recomendações* de Alexandre, as quais tornavam a escalada uma atitude viável:

Se reunieron a propósito los hombres que ya en otros asedios habían adquirido práctica en escalar posiciones difíciles, unos trescientos aproximadamente. Se equiparon con unas pequeñas estacas de hierro, las mismas que se utilizan para fijar los vientos de las tiendas, y las fueron

²²⁹ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* pp. 49-50.

hincando en la nieve cuando ésta tenía suficiente consistencia, o en las calvas de roca que entre la nieve aparecían; las enlazaron luego con resistentes cordeles de lino, avanzando así durante toda la noche por la parte más abrupta de la roca, que era precisamente la menos vigilada. Clavando, como queda dicho, las estacas sobre la roca donde ésta se hacía visible, y la mayor parte de ellas sobre la nieve que resistía sin hacerse polvo, fueron ascendiendo uno tras otro por la roca. En la escalada perecieron unos treinta hombres cuyos cuerpos cayeron despeñados por distintos lugares, sin que fueran jamás localizados para darles sepultura. Sin embargo, los demás consiguieron culminar la ascensión del monte antes del amanecer. Desde allá arriba agitaron unas banderas para hacerse visibles al ejército macedonio, siguiendo con ello las instrucciones que Alejandro les diera. Envío entonces Alejandro un heraldo a las primeras filas de los bárbaros, no a conversar por más tiempo, sino a decirles que se rindieran, ya que él había conseguido los hombres con alas que necesitaba (al propio tiempo el mensajero debía señalar a la cima del monte para que vieran que los macedonios tenían copada las alturas). Ante esto, los bárbaros quedaron estupefactos, no dando crédito a lo que sus ojos veían. Temiendo que los que ocupaban las alturas fueran más de los que en realidad eran y estuvieran perfectamente pertrechados, se entregaron sin ofrecer resistencia. Tal fue el miedo que sintieron a la vista de aquel reducido número de macedonios. Fueron hechos prisioneros mujeres y niños, y entre ellos la mujer e hijas de Oxiartes.²³⁰

Os mais experientes em matéria de sítio e escalada foram primeiramente selecionados, pois eram deles que se esperava a conquista da parede. Através do uso de estacas de ferro eles iniciaram a escalada, mas não a partir de qualquer ponto – buscaram o lado onde a vigilância era menor por parte dos bárbaros, sendo intencionalmente empreendida na escuridão da noite. Pela manhã, alguns já haviam conquistado a parede. Seguindo as *instruções* de Alexandre, assinalaram com o agitar de uma bandeira este feito. Os bárbaros, quando questionados pelo mensageiro de Alexandre sobre a rendição ou não deles, demonstraram-se surpresos pela conquista que presenciavam, como se Alexandre tivesse realmente conseguido os tais “soldados alados”. Frente ao temor que surgiu no momento, os bárbaros se entregaram sem oferecer resistência.

De fato, essa conquista, tornada possível em meio natural tão desfavorável, fortalecia a imagem de Alexandre como um homem *persistente*, o qual não se deixava abalar facilmente por qualquer dificuldade. De fato, na decisão que tomou, é preciso compreender a idéia de que o rei macedônio não agiu de modo negligente, tendo em vista que ele estava realmente *consciente* dos vários fatores adversos para essa conquista. Compreendemos também que Alexandre enfrentou a situação de risco alegando um motivo maior: uma afronta direta à ele e aos macedônios, justamente por conta das chacotas bárbaras – aspecto que novamente reforça

²³⁰ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* pp. 50-51.

a *consideração* que tinha Alexandre pelo âmbito psicológico e moral dos acontecimentos. No momento que decide enfrentar o perigo, entra em cena o *gênio* e a *estratégia* de Alexandre: pessoas experientes foram selecionadas; escolheram o lado menos vigiado da fortaleza para empreender a escalada; visando também a proteção, a subida foi realizada durante a noite. Em suma, esse instante da expedição de Alexandre provou novamente que o rei macedônio, mesmo diante de certas dificuldades naturais, seria plenamente *capaz* de obter a vitória, já que os obstáculos seriam, propriamente dito, vencidos pelo seu *raciocínio* e *estratégia*.

4.1.4 - A “nascente” do Rio Nilo

Nossa última análise do tópico em questão se refere à uma situação muito mais de reflexão e descoberta, por parte de Alexandre, acerca dos aspectos geográficos da região da Índia. Na ocasião, o rei macedônio já se encontrava durante o retorno de sua expedição, marchando em direção ao Oceano Índico, seguindo o curso descendente do rio Hidaspes, afluente do rio Indo. Observando a fauna e flora da região, Alexandre inicia um raciocínio:

Alejandro no había encontrado cocodrilos en ningún río, excepto ahora en el Indo (aparte de los que ya viera en las tierras del Nilo), y también había observado ahora que en las orillas del Acesines crecen unas habas como las de Egipto; además, como había oído que el Acesines desemboca en el Indo, creyó por todos estos indicios haber descubierto las fuentes del Nilo. Creyó que el Nilo nacía por aquí, en la India, y que luego atravesaba una gran zona desértica, donde dejaba de conocerse con el nombre de Indo, y que algo más tarde (antes de desembocar en el mar Interior), cuando volvía a regar territorio habitado, recibía de los etíopes y de los egipcios el nombre de Nilo, y que por eso Homero lo denominó en sus versos río Egipto, epónimo del país. Y entonces ya desembocaba en el mar interior.²³¹

Alexandre teria observado os rios da região e notado a presença de um animal, um crocodilo, e um certo tipo de vegetação, feijões – fauna e flora que apenas tinham correspondência àquelas encontradas no rio Nilo. Tendo em vista também que o rio Acesines acabava por desaguar no Indo, Alexandre não hesitou na comparação: pensou ter descoberto as nascentes do rio Nilo. Este percorreria um longo trajeto, atravessando uma zona desértica até sua chegada na região dos egípcios e etíopes, momento no qual era renomeado para

²³¹ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.*, pp.135-136.

“Nilo”. No seguimento, Arriano comentou acerca de uma carta que Alexandre escreveria à sua mãe, contando-lhe acerca da novidade de sua descoberta:

Es más, en una carta a su madre Olimpiade decía, entre otras cosas referentes a la India, que creía haber descubiertos las fuentes del Nilo, aunque, como se ve, hizo sus conjeturas basándose en indicios escasos y débiles a propósito de una cuestión de gran monta como era ésta. Más tarde, una vez que examinó estos asuntos con mayor espíritu crítico, se informó por los habitantes del lugar que el Hidaspes desemboca en el Acesines, y que éste es a su vez un afluente del Indo, y que entonces ambos confunden sus nombres. Supo, por fin, que el Indo desemboca en el Gran Mar, abriéndose en dos brazos en su desembocadura, y que el Indo no tiene relación alguna con Egipto. Informado mejor de la realidad, suprimió de la carta a su madre lo que antes había escrito sobre el Nilo.²³²

Notamos que Arriano intervém na narrativa para ressaltar que o pensamento de Alexandre acerca da nascente do rio Nilo, um assunto de tamanha complexidade, tinha seus fundamentos em conjecturas e indícios muito frágeis. Arriano, com toda certeza, tinha conhecimento do desentendimento de Alexandre, aspecto que volta nosso interesse para o modo como o autor deu continuidade à questão. De fato, o Alexandre apresentado por Arriano não se deixou enganar por muito tempo: seu *espírito crítico*, certamente despertado pelo senso de conhecimento que possuía e demonstrava, o impeliu a se informar melhor sobre a questão, descobrindo que o rio Indo desaguava no “Grande Mar”, ou seja, no Oceano Índico – não tendo relações com o Egito. Tomando conhecimento da realidade, Alexandre suprimiu da carta que enviaria à sua mãe o que antes pensara ter como verdade acerca do rio Nilo.

Alexandre, despertado pelo seu *senso crítico*, não se deixou enganar por muito tempo por certos indícios que observara. O rei macedônio *raciocinou* melhor e, por meio de outros testemunhos, corrigiu um erro em seu pensamento. De fato, a sensação que Arriano aparentemente desejou transmitir através desse pequeno relato foi a de que Alexandre possuía, por conta própria, uma capacidade de revisão em seu pensamento, na qual incluímos uma constante atenção e responsabilidade pelo que informava aos outros. Em outras palavras, ele se antecipou ao seu erro, corrigindo-o no tempo certo. Agora, se Arriano tinha essa minuciosidade de informações sobre a história de Alexandre, não temos conhecimento; mas, ao trabalhar muito bem com as situações, ele constrói uma imagem retórica e impecável para o rei macedônio: um homem que sabia *lidar e antever* situações que se colocavam, mesmo que inesperadamente, à sua volta.

²³² ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.*, p.136.

Como pudemos verificar nas diferentes situações analisadas no tópico, Alexandre, o rei macedônio, não teve medo em enfrentar situações de risco apenas porque as condições naturais lhe eram desfavoráveis, pelo contrário: ele sentia ainda mais interesse em superar tais obstáculos. No entanto, para vencê-los, Alexandre não teve de contar com a sorte, e sim com sua própria competência para *compreender* cada circunstância, avaliar a melhor ação e, assim, obter sucesso. Nesse sentido, cada novo desafio tornava-se uma oportunidade para o rei macedônio demonstrar suas habilidades, reforçando o estigma de quem deve mandar e de quem deve obedecer. Arriano, sem dúvidas, compreendia a importância de ressaltar tais aspectos na personalidade do rei macedônio, por isso tanto zelo na sua construção narrativa.

4.2 - Os diálogos de Alexandre e Parmênio

Nosso próximo tópico de discussão e análise trabalha com os constantes diálogos que Alexandre manteve com Parmênio, general macedônio. São momentos que trazem à tona debates em torno das ações e comportamentos mais adequados em vista de determinadas circunstâncias de importância na expedição. De fato, não temos conhecimento se tais diálogos realmente aconteceram tal como Arriano os descreveu – aspecto que não entra em debate aqui em nosso trabalho; voltamos nossa análise para a busca dos elementos ideológicos por detrás das idéias que foram defendidas ora por um, ora por outro durante esses diálogos.²³³

O primeiro diálogo que demonstramos aconteceu quando Alexandre e seu exército, já em formação de batalha, se aproximavam do rio Granico. Um vigia macedônio, após sua ronda na região, trouxe a notícia de que o exército persa já estava, do outro lado do rio, também em formação e pronto para o enfrentamento. Nesse momento, Arriano abriu espaço em sua narrativa para descrever as palavras de Parmênio, personagem que veio sugerir um conjunto apropriado de ações para que o rei macedônio tomasse naquele exato instante:

Señor, me parece a mi que es buena decisión la de mantenernos acampados donde estamos, sobre la ribera del río, pues creo que los enemigos, que son muy inferiores en el número de infantes, no se atreverán a acampar junto a nosotros, y así le será posible a nuestro ejército hacer la travesía con toda

²³³ Questões relacionadas ao estudo do presente tópico encontram-se no seguinte artigo publicado: LEME, André Luiz. Aspectos teóricos do poder na Roma do século II d.C.: Os diálogos de Alexandre e Parmênio na Anábasis de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. **História e-História**, v. 2010, p. 14/09/2010, 2010.

facilidad tan pronto despunte el alba. De este modo, nos habremos adelantado a ellos antes de que organicen su formación. En esta ocasión, me parece, no sería exento de peligro el que nosotros iniciáramos la ofensiva, porque no nos sería posible conducir el ejército atravesando el río de frente, ya que en él se ven muchos socavones, y por otra parte tú mismo advierte que sus riberas son muy elevadas y por algunos puntos cortadas a pico. Por tanto, si salimos del río en total desorden y atacando de flanco (que es la forma más insegura, sin duda), la caballería enemiga se lanzará en perfecta formación contra nuestra falange. Un error en el comienzo y ante las presentes circunstancias sería grave y peligroso para el resultado de toda la campaña.²³⁴

Nesse momento, vemos Parmênio, respeitosa e, tomando a razão para si. Demonstrou-se prudente, alertando seu rei quanto aos riscos de se iniciar a travessia do rio naquele momento, sugerindo então novas estratégias de ação. Sua idéia seria acampar próximo ao rio, pois acreditava que os persas não fariam o mesmo devido à sua inferioridade numérica de infantes; além disso, tão logo amanhecesse, os macedônios se adiantariam e daí sim atravessariam o rio, muito antes que exército inimigo pudesse se organizar apropriadamente. Para rechaçar de vez a idéia de atravessar o rio naquele exato instante, Parmênio, inclusive, buscou nos próprios argumentos de Alexandre apoio (acerca das advertências deste em relação às altas ribeiras do rio), como *referência de autoridade* para fortalecer suas idéias. Ao final de suas palavras, Parmênio advertiu e salientou que um erro cometido naquele momento colocaria em risco o resultado de toda a campanha de Alexandre – enfatizando, desse modo, a importância das idéias por ele apresentadas e sugeridas para aquele momento.

Frente a essa argumentação tão enfática, cujo objetivo era colocar o rei macedônio em dúvida quanto à exata ação para ser tomada naquele momento, Arriano apontou a seguinte resposta do rei macedônio, também realizada em discurso direto:

Todo eso ya lo conozco Parmenión. Pero me daría vergüenza, después de haber atravesado con toda facilidad el helesponto, que eso que no es más que un pequeño riachuelo (despreciando así al Gránico, con esa denominación) nos fuera a impedir hacer la travesía según estamos. Frente a la reputación de los macedonios, o frente a mi propia disposición ante el peligro, ninguna importancia doy yo a eso. Es más, me parece que los persas aumentarían su valor y llegarían a creerse dignos oponentes de los macedonios por no haber experimentado hasta el presente nada que justifique con fundamento su temor.²³⁵

²³⁴ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, pp. 155-156.

²³⁵ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p.156.

Refletindo sobre a resposta de Alexandre, percebemos que o rei macedônio *contestou* a proposta de Parmênio com base em duas justificativas principais. A primeira delas foi referente ao aspecto moral da questão: os macedônios teriam uma reputação por zelar, especialmente ele próprio, Alexandre, o qual teria uma disposição própria para enfrentar perigos.²³⁶ A segunda justificativa, a qual vem complementar a primeira, é referente ao aspecto psicológico da questão: se os macedônios recuassem, eles estariam colaborando para que os persas se sentissem mais fortalecidos e dignos de combatê-los, tendo em vista que em nenhuma situação anterior houvera oportunidade para realmente se criar alguma forma de temor neles.

Podemos apreender que Alexandre desqualificou os argumentos estratégicos e técnicos de Parmênio – os quais, ele próprio, afirmava já ter consciência prévia – com base em outras perspectivas, visando compreender melhor a problemática daquela situação. Não é que Alexandre não tenha se demonstrado prudente, mas sim que ele soube *refletir* sobre aquele momento levando em consideração não apenas critérios técnicos, mas também de âmbito psicológico – outro aspecto tão importante quanto. Esse momento prova que Alexandre não foi um rei inseguro quanto às suas ações, pelo contrário, esteve sempre *consciente* e detinha o *controle* sobre elas. O fato que atesta a validade de sua decisão foi o *sucesso* da travessia do rio e, conseqüentemente, a própria vitória na batalha de Granico, primeiro e decisivo passo de Alexandre rumo à conquista do reino Persa.

O próximo diálogo entre Alexandre e Parmênio ocorreu não muito depois da batalha de Granico, mais exatamente no momento em que o rei macedônio se encontrava capturando cidades da Ásia Menor que estavam sob domínio Persa. Partindo de Efésos, Alexandre e seu exército marcharam em direção à cidade de Mileto. O persa encarregado da cidade, Hegesítrato, havia prometido anteriormente, através de uma carta, entregar a cidade ao rei macedônio. No entanto, diante da pretensa notícia de que o exército persa se aproximava para ajudá-lo, Hegesítrato criara coragem e decidira resistir à dominação dos macedônios. No entanto, Nicanor, comandante da frota grega de 160 barcos, adiantara-se aos persas (com seus 400 barcos), chegando com três dias de antecedência à eles na cidade de Mileto – apoderando-se de uma ilha (um porto) que se situava na frente dessa cidade, posição

²³⁶ Trata-se de sua *coragem*, uma idéia muito recorrente na personalidade do rei macedônio durante a narrativa de Arriano.

estratégica fundamental para a defesa ou ataque da mesma. Nesse momento, Arriano apontou para a seguinte intervenção de Parmênio:

En la actualidad, Parmenión aconsejaba a Alejandro presentar batalla, pues confiaba en la victoria naval de los griegos, pero además porque estaba persuadido por un augurio divino; había aparecido, en efecto, un águila posada en la orilla detrás de la proa de las naves de Alejandro. La interpretación que de ello daba Parmenión era la siguiente: en caso de vencer, toda la expedición obtendría un gran provecho, y en caso de ser vencidos, la derrota no llegaría a ser importante, pues ahora eran los persas los que tenían mayor poderío por mar. Dijo, incluso, que él mismo estaba deseando embarcar y participar de cualquier peligro.²³⁷

Nesse instante, Parmênio se colocou na posição de conselheiro do rei macedônio, dizendo-lhe para iniciar a batalha imediatamente, pois acreditava na vitória. Sua crença no sucesso da empreitada estava baseada também pelo acontecimento de um augúrio, o qual, segundo sua interpretação, acreditava ser muito positivo: caso ocorresse a vitória, ela seria de grande proveito; caso ocorresse a derrota, ela não seria tão determinante – pois, naquele momento, seriam mesmo os persas quem detinham o maior poderio. Para reforçar sua posição, o próprio Parmênio se prontificou para lutar, desejoso de enfrentar quaisquer perigos – copiando uma fala e atitude típicas de Alexandre. A resposta do rei macedônio não poderia ser menos enfática, como Arriano assinalou nas seguintes palavras:

Alejandro, sin embargo, dijo que Parmenión se equivocaba en sus cálculos y en la interpretación nada razonable que daba del augurio. No tenía sentido enfrentar en combate naval unas pocas naves con otras muy superiores en número, y una flota inexperta como la suya, con la de los chipriotas y fenicios que eran gente ya muy entrenada, y que él no estaba dispuesto a sacrificar ante los persas y en medio tan inseguro la experiencia y valentía de sus macedonios. De otra parte, en caso de ser vencidos en el combate naval, el daño causado a su antigua reputación en las cosas relativas a la guerra sería grande; además de que los griegos estaban dispuestos a sublevarse tan pronto tuvieran noticias de una derrota de Alejandro por mar. Por esta serie de razones manifestó que no le parecía momento oportuno de presentar combate por mar, y que la interpretación que él daba del augurio era bien distinta: efectivamente, el águila había aparecido de su lado, pero posada en tierra, lo que, según él, parecía indicar más bien que él derrotaría a la flota persa desde tierra.²³⁸

²³⁷ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. *op. cit.*, p. 167.

²³⁸ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. *op. cit.*, pp.167-168.

Para Alexandre, Parmênio se equivocava naquilo que estava afirmando, seja no que se referia aos seus cálculos de uma possível vitória ou por parte de sua interpretação (dita “nada razoável”) que fazia do augúrio. O rei macedônio rechaçou a possibilidade de realizar o ataque tendo por base diversos argumentos, entre os quais a inferioridade numérica da frota, a inexperiência da mesma (quando comparada com a inimiga) e também as péssimas conseqüências de seu possível ato falho: este viria a sacrificar a experiência e valentia de seu exército, além de que causaria sua própria desmoralização frente aos assuntos da guerra – possivelmente também resultando numa sedição por parte dos gregos. Da mesma forma, incorreta, estava a interpretação de Parmênio em relação ao augúrio: a frota persa seria sim vencida, mas a partir de uma batalha terrestre, e não realizada no mar.

De fato, Alexandre apresentou um conjunto de idéias que *desqualificavam* prontamente a sugestão de ataque vinda de Parmênio. Seus argumentos *racionais*, advindos de sua atenção *observação* da situação, demonstram uma *estratégia* cautelosa e supostamente mais correta para aquele momento. Tudo isso acontece porque Alexandre levou em consideração as “circunstâncias da ação” (inferioridade numérica e inexperiência) e as “causas da ação” (derrota e desmoralização), considerando a seguinte melhor atitude: não agir. Na construção narrativa de Arriano, aparentemente o simples ato de querer dar um conselho para Alexandre teria sido uma ação prepotente de Parmênio, sendo inconseqüente a ação que propôs. Em outras palavras, foi uma clara lição de moral, a qual teria vindo de um verdadeiro “professor” no assunto – tendo em vista que o rei macedônio esbanjou conhecimento tático nesse momento. Também fica subentendido nessa ocasião que a disposição própria de Alexandre para enfrentar o perigo não encontrava espaço em determinadas situações onde a possibilidade de êxito demonstrava-se, *tecnicamente*, pequena. Ou seja, enfrentar o perigo não é uma atitude inconseqüente, mas que encontrava impulso na *possibilidade* de ação e *sucesso*. Agindo de modo *prudente*, Alexandre também *zelava* por seus soldados, cuja valentia causava, inclusive, admiração no rei macedônio.

O diálogo seguinte é curto, porém mantém a ênfase na contraposição constante entre Alexandre e Parmênio. A discussão ocorreu durante o sítio da cidade de Tiro, momento no qual Alexandre buscava controlar e manter o domínio macedônio na região da Fenícia. Enquanto realizava o assédio à cidade, alguns embaixadores persas à mando de Dario vieram ao encontro de Alexandre fazer a seguinte proposta: dez mil talentos como preço de resgate pela mãe, mulher e filhos de Dario. Este, segundo os embaixadores, concordava que

Alexandre poderia manter sob seu domínio todo o território conquistado a partir do rio Eufrates, também lhe concedendo sua filha como esposa – convertendo o rei macedônio em amigo e aliado. Diante dessas notícias, seguiu a intervenção de Parmênio e a pronta resposta de Alexandre:

Al darse a conocer estas noticias en el Consejo de los Compañeros, cuentan que Parmenión dijo a Alejandro que si él fuera Alejandro se habría alegrado de poder poner fin a la guerra en estas condiciones y no correr nuevos riesgos. A esto, Alejandro habría contestado a Parmenión que también él, si fuera Parmenión, había actuado así, pero que como era Alejandro había contestado a Darío tal y cual del había contestado; esto es: que él no necesitaba dinero de Darío, y que, además, no iba a tomar sólo una parte de su territorio cuando podía apoderarse de todo él, pues estaban a su disposición tanto todos sus bienes como todo el país; que si él se hubiera querido casar con la hija de Darío, lo hubiera hecho aunque Darío no hubiera consentido.²³⁹

Parmênio, diante da proposta persa, viu com bons olhos a possibilidade de acordo, visando unicamente, como benefício, o fim da guerra e dos riscos. Por isso, Parmênio afirmou que, se fosse Alexandre, faria sim o acordo. Nesse momento, porém, Alexandre contestou Parmênio através de uma contraposição interessante e afirmativa: caso ele, Alexandre, fosse Parmênio, faria sim o acordo; mas como ele era Alexandre, *contestaria* sim, tal como o fizera. Alexandre reiterou que não precisava de dinheiro, além de que não desejava apenas uma parte do território persa, tendo em vista sua *capacidade* para se apoderar de todo ele. Finalmente, Alexandre afirmou que, caso ele quisesse casar com a filha de Dario, faria isso por conta própria, e não apenas depois dessa “autorização” do rei persa.

Nesse diálogo, podemos perceber claramente como ocorre uma *diferenciação* entre o personagem Alexandre, o herói da expedição, e os outros que o acompanham – nesse caso, exemplificado na figura de Parmênio. Este, diante da notícia dos embaixadores, logo afirmou seu palpite, aparentando falar de modo excessivamente abrupto, sem grandes preocupações ou mesmo esforço para entender a problemática da situação. Alexandre, por sua vez, *contestou* o velho general macedônio afirmando que, de Parmênio, não poderia se esperar outra ação; mas dele, Alexandre, viria a decisão de negar o acordo com os persas.

Como de costume, a afirmação do rei macedônio veio acompanhada de uma *argumentação*, baseada em um *raciocínio* que levava em *consideração* os aspectos da

²³⁹ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.* p. 251.

situação: não havia necessidade de aceitar o dinheiro de Dario; as circunstâncias possibilitavam a conquista de todo o reino persa, e não apenas de parte dele; caso ele quisesse se casar com a filha de Dario, o faria por conta própria, reforçando sua autoridade e, conseqüentemente, princípio de vontade. Portanto, o rei macedônio, ao contestar a proposta de Dario, contestou também a não lucidez da idéia de Parmênio em querer aceitá-la, demonstrando que ele, Alexandre, estava no *comando* e tomava determinadas atitudes porque ele era Alexandre – um homem que possuía as características necessárias para liderar, como ele bem demonstrou nessa ocasião pelo seu raciocínio crítico e postura afirmativa.

O quarto diálogo que analisamos aconteceu pouco antes da batalha de Gaugamela, logo após Alexandre ter exortado seu exército para um novo enfrentamento com os persas. Logo após esse momento, quando já se encontrava conversando com seus generais no acampamento, ocorreu a seguinte intervenção de Parmênio:

Cuentan que Parmenión se acercó al poco a la tienda de Alejandro, aconsejándole que dispusiera que el ataque contra los persas se realizara durante la noche, ya que así serían sorprendidos, más fácilmente confundidos y presos del pánico. A esta sugerencia de Parmenión, Alejandro contestó ante el anuente auditorio de los presentes que parecía vergonzosa una victoria conseguida por sorpresa, y que él debía obtenerla abiertamente y sin estas argucias.²⁴⁰

Parmênio aproximou-se da tenda de Alexandre para lhe sugerir uma ação: atacar os persas durante a noite – atitude que visava pegar o inimigo de surpresa, causando-lhes confusão e pânico. Alexandre, prontamente, contestou a idéia de Parmênio, mas dessa vez o faz de modo abrupto: seria vergonhosa uma vitória obtida através de um ataque surpresa, sendo que por isso ele venceria sem o auxílio destes meios.

Percebemos que, frente a uma sugestão que se quer plausível e benéfica, o rei macedônio respondeu tendo por base seu critério moral, defendendo uma vitória *justa* e sem tais astúcias. Ao que fica implícito, Alexandre pretendia se demonstrar *merecedor* da vitória. No entanto, ocorre que Arriano, diante da curta e direta resposta do rei macedônio, sentiu a necessidade de refletir melhor sobre o que disse Alexandre, buscando esclarecer aos seus leitores o possível raciocínio de Alexandre para aquele momento:

²⁴⁰ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 279.

Este hablar grandilocuente de Alejandro más parecía confianza ante el peligro que un exceso de arrogancia por su parte. A mi modo de ver, se trataba de que Alejandro había hecho un exacto cálculo de los siguientes pormenores: pues al concurrir durante la noche circunstancias imprevistas tanto para los ejércitos bien equipados para la guerra como para los que no lo están, a menudo ocasionan la derrota de aquéllos, de los más poderosos, y dan la victoria a los peores en contra de lo que ambos esperaban. Es cierto que habitualmente Alejandro arriesgaba mucho en las batallas, pero el combate nocturno le seguía muy peligroso; pensaba además que, en caso de derrotar a Darío, el hecho de que el ataque hubiera sido nocturno y por sorpresa daría pie a que Darío no reconociera su propia inferioridad ni la de los suyos, y por el contrario, si sus tropas macedonias sufrían algún revés contra pronóstico, los pueblos limítrofes se aliarían a los enemigos, que tendrían además la ventaja de conocer mejor la zona, mientras que ellos quedarían en un paraje extraño y rodeados por toda suerte de gentes enemigas. Debía tenerse en cuenta igualmente que muchos de sus prisioneros de guerra pertenecían a estos pueblos, y era de esperar se sumaran al bando contrario (sin aguardar a que se impusieran los de Darío) tan pronto se percataran de que los macedonios no conseguían vencer fácilmente en el ataque nocturno. Merece mi elogio este modo de calcular por parte de Alejandro no menos que su arrogancia manifestada en público.²⁴¹

Segundo o pensamento de Arriano, o rei macedônio não demonstrava arrogância frente à proposta de Parmênio, mas sim confiança diante de uma situação de risco. Além disso, ao propor enfrentar o perigo, Alexandre não teria sido levado, impulsivamente, a agir de modo prepotente ou impensado, pelo contrário: ele certamente levava em *consideração* os pormenores do momento, calculando com exatidão sua ação. Nesse instante, Arriano *deduz* qual teria sido o *cálculo mental* realizado por Alexandre, buscando *provar* a eficácia de sua resposta e atitude. Os argumentos encontrados e apresentados por Arriano são três: 1) durante a noite poderiam ocorrer situações imprevisíveis para uma batalha, as quais poderiam ocasionar a derrota daqueles que estavam mais bem preparados e eram realmente os melhores – ou seja, um risco que Alexandre não poderia correr. 2) a vitória obtida através de um ataque noturno e de surpresa não faria Dario reconhecer sua inferioridade frente aos macedônios. 3) caso os macedônios sofressem um revés, isso poderia levar outros povos, inclusive os prisioneiros de guerra, a se aliarem e combaterem por Dario – aspecto que se tornaria um grande problema aos macedônios, tendo em vista principalmente a vantagem dos nativos conhecerem melhor a região. Nesse sentido, Arriano consente verdadeiramente no fato de que Alexandre havia realmente seguido tais pensamentos quando contestou à Parmênio, merecendo, exatamente por isso, todos os seus elogios.

²⁴¹ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 279.

Nesse momento da narrativa, percebemos que Arriano descreveu aspectos do pensamento de Alexandre que vão muito além das informações que ele dispunha em suas fontes. No entanto, consentimos que a própria retórica fornecia ao historiador da antiguidade greco-romana essa possibilidade de raciocínio, tendo em vista a busca pela verdade (ou em torno da probabilidade dela) tornar-se um desejo (ou, muito mais, uma proposta) constante do autor.²⁴² Fato é que Arriano, ao atribuir uma reflexão para o pensamento de Alexandre, buscou preencher uma lacuna de informação em sua narrativa. O modo como preencheu, no entanto, demonstrou muito bem uma coerência expressa e tornada constante em seu pensamento durante a construção da obra: Alexandre não agiria de qualquer modo, mas sim pautado em *observações* e *cálculos* sobre as circunstâncias de cada momento. Por meio de outras palavras, poderíamos dizer que Arriano, tornando seu raciocínio o raciocínio de Alexandre, demonstrava e provava a *consciência* que teve o rei macedônio na hora de agir e tomar decisões.

O último diálogo ocorrido entre Alexandre e Parmênio aconteceu depois da vitória dos macedônios em Gaugamela, mais exatamente no instante em que Alexandre se encontrava em Persépolis, cidade considerada capital da região. Nesta ocasião, Alexandre:

Nombró sátrapa de Pérsia a Frasaortes, el hijo de Reomitra, prendió fuego a las residencias reales persas, sin atender el contrario parecer de Parmenión, que le aconsejaba respetarlas, entre otras razones porque no debía destruir lo que actualmente eran posesiones suyas, y porque con ese proceder cabría esperar que no se pasaran a su bando los demás pueblos de Asia, ya que tendrían fundamento suficiente para pensar que Alejandro no tenía intención de conservar por mucho tiempo su imperio en Asia, sino conquistarlo sólo por las armas.²⁴³

Tão logo na cidade, Alexandre nomeou um sátrapa para a região – como foi de costume ao longo de sua expedição quando conquistava mais territórios. Imediatamente, o rei macedônio ordenou que se incendiassem as residências reais persas, para imediato contragosto de Parmênio. Este aconselhou Alexandre a respeitar tais residências,

²⁴² Recordemos que “o papel da retórica foi portanto objeto de freqüentes mal-entendidos. Longe de ser associada a um artifício literário, como supomos, a retórica fornecia a Tucídides, através de narrativas recompostas, uma alternativa para atingir uma verdade muitas vezes inacessível (I, 22, 1). Para Cícero, ela era o instrumento por excelência da história, pois era a única que dizia a verdade de modo eficaz. Razão pela qual ele afirmava que a história devia ser o ofício ideal do orador (Das leis, 1,2,5:”*opus oratorium maxime*”). Podemos constatar que para os antigos a história era fundamentalmente um trabalho de retórica”. In: CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história:** historiografia, método e pesquisa. *op. cit.*, p. 22.

²⁴³ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno:** libros I-III. *op. cit.*, p. 298.

argumentando, entre outros aspectos, que o rei macedônio não poderia destruir possessões que, naquelas circunstâncias, já eram suas; além disso, não se poderia esperar que outros povos da Ásia se juntassem a ele, Alexandre, depois de cometido tal feito, tendo em vista que agora sim eles teriam motivos suficientes para pensar que o rei macedônio desejava apenas conquistá-los através das armas – e não mantê-los como súditos, conservando-os.

Inicialmente, o presente diálogo manteve o mesmo padrão observado naqueles anteriores: Parmênio tentou aconselhar Alexandre sobre uma determinada ação, para determinada circunstância, tendo por base alguns argumentos. Como também ocorreu nos diálogos analisados, o rei macedônio contrapõe Parmênio com suas justificativas:

Alejandro contra argumentó diciendo que él quería hacer pagar a los persas lo que éstos habían hecho al atacar Atenas, derribar e incendiar los templos de la Acrópolis, y vengar así cuantas maldades habían cometido contra Grecia.²⁴⁴

De modo breve, Alexandre contestou a proposta de Parmênio, pois acreditava que, através daquele ato, estava se *vingando* dos Persas: estes haviam feito o mesmo com Atenas anteriormente, além de outras várias maldades também cometidas contra a Grécia. No entanto, o argumento utilizado na resposta de Alexandre aparentemente não agradou em nada Arriano, o qual realizou a seguinte reflexão sobre o assunto no seguimento: “A mi parecer, Alejandro no actuó con cordura en este asunto, ni puede decirse que esto fuera una venganza de las acciones que en tiempos tan remotos habían llevado a cabo los antiguos persas”.²⁴⁵

Para Arriano, o rei macedônio, naquele momento, não atuou com *sabedoria*, ou seja, sensibilidade ou bom senso. Mas notemos: *neste específico assunto* ele não atuou, ou seja, tal atitude subentende-se fora de sua *praxis*, quase como um *desvio* de comportamento. O próprio Arriano, ao final de seu comentário, alegou que não se pode mesmo considerar que tal ação de Alexandre pudesse ser entendida como uma forma de vingança por atitudes empreendidas tão remotamente pelos antigos persas. Em suma, Arriano *repreendeu* a ação de Alexandre.

Na contraposição Alexandre/Parmênio que aconteceu nesse momento, Arriano valorizou notar, ainda que com certo pesar, sua crítica à ação de Alexandre, exemplificando nesta situação um modo correto de agir e pensar – aquele de Parmênio. Não é que Alexandre,

²⁴⁴ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 298.

²⁴⁵ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 299.

por esse momento, tenha deixado de ser o governante ideal que Arriano buscou demonstrar em sua narrativa, pelo contrário: mesmo naquilo que não fez tão corretamente, acabou por se tornar um exemplo. Trata-se, como já dissemos anteriormente, da própria escrita histórica buscar seus *exemplos*, cumprindo sua função de *instrução* e *utilidade*. O fato é que, ao contrário do diálogo anterior, no qual Arriano esforçou-se para dar sentido à ação de Alexandre, a atitude de agora do rei macedônio não encontrou qualquer eco positivo no pensamento de Arriano, o qual teve de ponderar sobre a situação para seus leitores, quase como se estivesse pedindo desculpas ou eximindo-se do ato cometido pelo rei macedônio.

De fato, os diálogos entre Alexandre e Parmênio podem ser caracterizados a partir do que comentamos anteriormente: momentos para se observar o pensamento dispare que um ou outro realiza sobre determinada circunstância, demonstrando que o uso da *reflexão*, *plausibilidade* e *racionalidade* apontam sempre o caminho viável da ação. Na construção histórica de Arriano, Parmênio foi o personagem escolhido para contrapor Alexandre nesses diálogos, visando com isso projetar no rei macedônio os ideais inerentes ao comportamento e pensamento de um líder que se quer ideal. Ou seja, Alexandre era entendido quase como um paradigma: daquilo que se espera de um líder (como observamos nos quatro primeiros diálogos) como também daquilo que não se espera de um líder (como no último diálogo). Mais importante ainda é observarmos como Arriano definiu Alexandre em sua posição de governante através desses *exemplos*: sendo aquele que demonstrava mais *conhecimento*, *sabedoria* e *experiência* para lidar com diferentes situações, provando, frente a um de seus companheiros, Parmênio, que o rei macedônio seria o mais bem preparado e, por isso, mereceria realmente estar na liderança e comandar ações em nome de todos.

4.3 - Entre discursos e debates: para ser rei, é preciso ser o melhor

Quando observamos com atenção a *Anábase de Alexandre Magno*, percebemos como Arriano demonstrou-se um autor ativo durante todo seu texto: não narrava situações apenas por fazê-lo, mas sim procurava aquelas que mais lhe chamavam a atenção, buscando justamente refletir acerca delas. Dentre esses momentos de destaque, além daqueles já mencionados nos tópicos anteriores, ressaltaremos a seguir um conjunto de discursos, por vezes similares a diálogos, que demonstram bem o esforço de Arriano na construção de um

personagem único em Alexandre. Por isso, o cuidado retórico que Arriano empregou ao narrar tais momentos possuía uma clara intenção de revelar aos olhos do leitor um sentido especial para aquela situação, e não apenas mais um acontecimento corriqueiro da expedição.²⁴⁶

4.3.1 - Discurso antes da batalha do rio Isso

O primeiro discurso que analisamos aconteceu imediatamente antes da batalha de Isso, mais exatamente no momento em que Alexandre viu o exército de Dario ao seu alcance, tornando-se iminente a batalha naquele instante. Utilizando-se discurso indireto, Arriano apontou para as seguintes palavras do rei macedônio:

Alejandro convocó a los generales, a los comandantes de caballería y a los jefes aliados y les exhortó a que se comportasen con valor, confiados en el éxito de las situaciones de peligro ya vividas, y por el hecho de que el próximo iba a ser un combate entre ellos, ya antes vencedores, contra quienes ya habían sido derrotados, y que, además, la divinidad combatía con ellos como su mejor aliado y estrategia, ya que había inducido a Darío a encerrar sus tropas en los lugares más angostos, en vez de dejarlas en los de mayor amplitud, espacio aquel que, aunque también era muy justo para poder desplegar la falange macedonia, no ofrecía provecho alguno al ejército persa que, por otra parte, no era en nada equiparable a sus tropas, ni en vigor ni en decisión en el transcurso de una batalla.²⁴⁷

Trata-se de um início enfático para o discurso de Alexandre perante suas tropas, cujo objetivo não era simplesmente “bradar” pela vitória, mas sim convencer o exército, por meio de uma *argumentação* infalível, da *possibilidade* – ou diríamos, *iminência* – em torno de uma vitória dos macedônios naquele combate. Alexandre pediu ao exército que demonstrasse seu valor, pautando sua confiança na lembrança das vitórias antes conquistadas frente a situações de perigo como aquela – fato que, naquele instante, os tornavam *vencedores* lutando contra perdedores. Em outras palavras, “vencemos antes, venceremos de novo”. Trata-se, em suma, de uma ênfase inicial no aspecto psicológico da questão, reforçado ainda pela crença no auxílio da divindade que, mais uma vez, teria colaborado, como aliada e estrategista, enquanto

²⁴⁶ Questões relacionadas ao estudo do presente tópico encontram-se no seguinte artigo publicado: LEME, André Luiz. O fazer histórico enquanto fonte de legitimação para o poder na Roma do século II d.C.: a Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. **História, Imagem e Narrativas**, v. 11, p. 1-15, 2010.

²⁴⁷ ARRIANO. **Anábase de Alejandro Magno**: libros I-III. *op. cit.*, pp. 209-210.

condicionante para a vitória macedônia: influenciando a desfavorável posição na qual o exército persa teria se estabelecido. Alexandre, tendo *consciência* dessas *circunstâncias*, referiu-se ao posicionamento dos persas como de nenhum proveito para eles, reforçando a crença numa vitória. Além disso, o rei macedônio acrescentou que, em termos de *vigor* e *decisão* no transcurso da batalha, os persas não seriam definitivamente *comparáveis* aos macedônios. Em suma, os macedônios venceriam novamente porque eram os *melhores*, sendo liderados pelo *melhor* combatente.

O impacto das palavras de Alexandre, na construção retórica de Arriano, demonstra muito bem como o rei macedônio *percebia* e *sentia* o momento oportuno, tornando-o *inteligível* devido ao seu *raciocínio*. No seguimento do discurso, Alexandre continuou ressaltando o valor dos seus comandados:

Se trataba de macedonios contra persas y medos, gente ésta habituada desde antiguo a la molicie, mientras que ellos se hallaban ejercitados, tiempo ha, en las fatigas que comportan los riesgos de la guerra; pero, sobre todo iba a tratarse de un combate de hombres libres contra esclavos, quines combatirían cuerpo a cuerpo. Hay diferencias, decía Alejandro, incluso entre los griegos que luchan de nuestra parte y los que están del lado de Darío, ya que no combaten por los mismos ideales; los de Darío lo hacen por una soldada (y tampoco es que sea nada espléndida), los de nuestro bando en cambio lo hacen libremente, en defensa de Grecia. Por lo que respecta a nuestras tropas extranjeras, son tracios, peonios, ilirios y agrianes, los más bravos de Europa y los más combativos, los que se opondrán a los pueblos más débiles y afeminados del Asia. Aún hay más: es un Alejandro quien marcha al frente de sus tropas contra un Darío.²⁴⁸

Reforçando a crença na superioridade de seu exército, Alexandre inicia uma caracterização pejorativa dos persas, buscando *desqualificá-los* sob diversos pontos de vista. Nesse sentido, realizou uma série de contraposições: persas, preguiçosos e apáticos, contra macedônios, preparados e exercitados naquilo que a guerra exigia aos homens; gregos que lutavam junto aos persas, escravos e que batalhavam por dinheiro, contra os gregos que lutavam junto aos macedônios, homens livres que defendiam a Grécia; tropas auxiliares persas, formadas pelos povos mais débeis e afeminados da Ásia, contra as tropas auxiliares macedônias, compostas pelos mais corajosos e combativos homens da “Europa”. Por fim, a contraposição que, a nosso ver, estabelece a decisão: era um Alexandre, a frente de seu exército, que se colocava contra um Darío. Portanto, todas essas diferenças tornavam Alexandre e seu exército *melhores* e mais *aptos* que os persas.

²⁴⁸ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 210-211.

A argumentação do rei macedônio continuou por outros meios, como verificamos no seguimento da narrativa de Arriano:

Todo esto se acumulaba a favor de su victoria en el combate. Manifestó también a sus jefes que tendrían una gran recompensa después de afrontar estos nuevos peligros, ya que en esta ocasión no se trataba de quedar vencedores de los sátrapas de Darío, ni sobre la caballería que formó en Gránico, ni sobre los veinte mil mercenarios extranjeros, sino que ahora iban a derrotar la flor y nata de los persas y de cuantos otros pueblos habitan el Asia sometidos a medos y persas; el gran Rey en persona se hallaba allí, y era de esperar que después de esta batalla ya no les quedaría a ellos sino el dominio de todo el Asia, y encontrar en ello el final de sus muchos sufrimientos.²⁴⁹

O foco nesse momento atendeu ao caráter prático que uma vitória sobre os persas ocasionaria, tendo por base os benefícios que o *sucesso* traria consigo. Alexandre falava em termos de recompensas: derrotando os persas naquele momento, teriam derrotado a “flor e a nata” dos persas, ou seja, Dario. Tudo isso lhes *consagraria*, finalmente, o domínio sobre toda a Ásia, pondo fim aos muitos sofrimentos pelos quais já haviam passado no transcurso da expedição. Chegando ao fim o discurso de Alexandre, sentimos um tom agora mais dramático por parte da narrativa de Arriano quanto aos instantes imediatos à batalha de Isso:

A más de lo dicho, les recordó lo que hasta ahora ya habían hecho tan brillantemente por el bien común y las bellas hazañas que en particular habían protagonizado, mencionando a cada uno por su nombre al referir cada hazaña. Pasó revista también, con delicadeza y para no ofender a los demás, a su propio comportamiento en las batallas. Se dice que trajo a colación a Jenofonte y los diez mil que con él fueron, a los que consideraba en nada equiparables a ellos mismos, ni por su número, ni por su reputación; además, aquéllos no dispusieron de una caballería como la tesalia, beocia o peloponesia, o la macedonia o la tracia, ni en tal cantidad como lo que con ellos estaba alineada; tampoco dispusieron de arqueros ni honderos (a no ser unos pocos cretenses o rodios, improvisados por Jenofonte ante la inminencia del peligro); y sin embargo, éstos habían conseguido hacer huir al Rey con todo su poderío a las puertas mismas de Babilonia, y llegaron a atacar con éxito a las tribus que sobre ellos caían al bajar en su camino hacia el ponto Euxino. También les animó con todo aquello que es natural que un buen jefe anime en tales circunstancias de peligro a sus valerosos hombres. Éstos, cada uno por su lado, daban la mano señal de bienvenida a su rey, y aclamándole por sus palabras, le pedían que se pusiera ya al frente de ellos.²⁵⁰

²⁴⁹ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 211.

²⁵⁰ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p.211-212.

Nessa última confraternização, o rei macedônio rememorou os grandes feitos que ocorreram durante a expedição, recordando-se do nome daqueles que foram os responsáveis por eles. Da mesma forma lembrou de suas realizações, mas com delicadeza para não ofender seus companheiros (ou seja, não gabar-se). Novamente, portanto, o *zelo* e *preocupação* de Alexandre tornados constantes. Na seqüência, a referência à expedição militar de Xenofonte apontaria para um bom conhecimento do próprio Alexandre acerca deste acontecimento, com o seguinte objetivo para sua argumentação: se no passado a expedição de Xenofonte, em nada comparável (em quantidade ou reputação) àquela sendo realizada pelos macedônios, conseguiu afrontar o rei Persa, o que aconteceria agora no presente diante da qualidade do exército de Alexandre? Resultado de suas palavras, as tropas novamente *aclamam* Alexandre, conferindo-lhe a *autoridade* necessária para se colocar na liderança deles.

No discurso que analisamos, podemos perceber como a construção narrativa de Arriano caminhou sempre no sentido de caracterizar Alexandre enquanto homem portador de um *raciocínio* perspicaz em suas argumentações. O rei macedônio não foi leviano: baseou suas afirmações em aspectos técnicos ou psicológicos da questão debatida no momento, garantindo aos seus ouvintes, de modo persuasivo, que as suas palavras seriam as mais *corretas* e *adequadas*, de *bom senso*. Para Alexandre, não havia o que temer: já haviam vencido antes, justamente por que possuíam moral e coragem *superiores* (vide as contraposições realizadas); além disso, o resultado de uma vitória em Isso traria bons frutos, o que incentivava ainda mais o exército macedônio. No que se refere aos seus argumentos mais técnicos, Alexandre via no terreno da batalha e na qualidade de suas tropas uma arma praticamente infalível para a derrota dos persas. Em suma, Alexandre argumentou demonstrando um *conhecimento* que o auxiliou a *desqualificar* qualquer hipótese sobre uma possível derrota para os persas – não importando o ponto de vista que se adotasse.

Tal como percebemos nos tópicos anteriores, a caracterização de Alexandre continua seguindo em moldes muito positivos no que se refere às suas capacidades. No entanto, passamos a perceber que Arriano faz menção direta a Alexandre dentro de uma singularidade que o torna simplesmente *o melhor*. Foi exatamente essa distinção especial do rei macedônio, caracterizada exemplarmente no presente discurso, que legitimou a prática de uma *aclamação* por parte do exército – um reforço indispensável para a *autoridade* de um governante inclusive para a época do próprio Arriano.

4.3.2 - Na costa fenícia, um grande desafio

O próximo discurso analisado teve seu momento quando Alexandre levava sua expedição em direção ao território Fenício, logo após a vitória em Granico. Seu objetivo era dominar as cidades costeiras da região, tal como fizera com a costa da Ásia Menor. Enquanto que as cidades de Biblos e Sídon recepcionavam Alexandre amistosamente, Tiro demonstrou hesitação: não queria acolher nem macedônios ou persas, tendo em vista que o resultado da guerra ainda estava incerto – ou seja, uma atitude de clara precaução. A questão foi que, anteriormente, alguns embaixadores vindos de Tiro já haviam prometido ao rei macedônio obedecer às suas ordens, mas, como podemos perceber, o medo e indecisão prevaleceram, fato que acabou incitando muita raiva em Alexandre. Reunindo seus homens mais próximos – os generais do exército, comandantes de infantaria e chefes de cavalaria –, o rei macedônio desferiu o seguinte discurso, narrado por Arriano em discurso direto:

Amigos y aliados: no veo que tengamos nosotros el paso a Egipto seguro mientras los persas sean los dueños del mar. De otra parte, no garantizaremos nuestra seguridad si perseguimos a Darío dejando a nuestras espaldas a una ciudad de tan ambigua conducta como es ésta de Tiro, y con Egipto y Chipre en manos de los persas; no tendremos seguridad por lo que he dicho, pero, además y muy especialmente, porque tal como están nuestros asuntos en Grecia corremos el peligro de que los persas se impongan de nuevo a los pueblos costeros (mientras nosotros avanzamos con nuestro ejército contra Babilonia yendo en pos de Darío) y con una flota más numerosa cambien el escenario y desplacen el teatro de operaciones a Grecia. Allí los lacedemonios son abiertamente enemigos nuestros, y por lo que a Atenas respecta, se mantiene ahora sumisa más por miedo que por benevolencia hacia nosotros.²⁵¹

Alexandre iniciou uma argumentação frente aos homens de maior importância de seu exército com o objetivo primeiro de *convencê-los* da próxima empreitada: conquistar a cidade de Tiro. O rei macedônio começou seu discurso alegando o aspecto prático da questão: seria de grande benefício conquistar a cidade, tendo em vista que o acesso ao Egito seria dificultado pelo controle, por parte dos persas, do mar. Por isso, não se poderia deixar de conquistar Tiro, uma cidade de conduta ambígua, muito menos o Egito ou o Chipre. Da mesma forma, seria também uma atitude de *precaução*, pois evitaria qualquer estratégia persa, realizada pelo mar, em direção à Grécia – cujo risco de sedição era ainda considerado preocupante. De fato, como podemos perceber, o principal argumento de Alexandre foi

²⁵¹ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, pp. 234-235.

relacionado à questão da *segurança*, por isso ele elencou os perigos que poderiam advir da não conquista de Tiro. Novamente, era a idéia do benefício, para todo o exército e para a expedição, que Alexandre se esforçava por ressaltar, buscando fortalecer a sua idéia como sendo a mais *plausível* para aquela circunstância. Na continuidade do discurso, Alexandre desencadeou um raciocínio que visava reforçar ainda mais as conseqüências positivas de uma possível vitória em Tiro:

Pero si tomamos Tiro, es de presumir que caiga toda Fenicia; y especialmente toda su flota, que forma la mayor y más potente parte de la escuadra persa, se pasará a nosotros. Y sus remeros y marineros no querrán exponerse al riesgo de embarcarse, riesgo del que sólo podrán obtener provecho otros, dado que sus ciudades estarán ya bajo nuestro control. Y Chipre, a la vista de ello, o se pasará fácilmente a nuestro bando, o la tomaremos fácilmente cuando nuestra flota ataque. Y así, con las naves que trajimos de Macedonia y con las fenicias, a las que se añadirán las de Chipre, controlaremos el mar con total seguridad, e incluso la expedición a Egipto resultará igualmente cómoda para nosotros. Una vez anexionado Egipto no quedará ningún territorio sospechoso para Grecia ni para nuestra patria, y haremos nuestra expedición contra Babilonia teniendo seguros los asuntos de nuestra patria y con un prestigio mayor, habiendo dejado todo el mar y el territorio de este lado del Eufrates fuera del dominio persa.²⁵²

A proposta de Alexandre sobre a conquista de Tiro ganha ainda mais coerência e vitalidade através do cuidado retórico na escrita de Arriano. De fato, a construção narrativa que este desenvolveu realça o desejo do próprio autor em fortalecer na imagem de Alexandre um homem que, pelo seu recurso ao *raciocínio*, tornava inevitáveis as conseqüências positivas de seus atos. Ou seja, ele praticamente *previa* resultados: a frota de Tiro, pelo seu próprio bem, passaria ao lado dos macedônios; Chipre, em decorrência disso, passaria também ao lado macedônio, ou seria facilmente conquistada; toda essa frota, reunida à macedônia, tornaria possível o controle de todo o mar, assegurando a viagem ao Egito; finalmente, após todas essas conquistas tornarem-se realidade, não haveria mais territórios dignos de suspeita naquela região, aliviando os riscos tanto para a Grécia quanto para a Macedônia. Além disso, todas essas medidas não apenas aumentariam o prestígio dos macedônios, mas tornariam *viável e segura* a expedição contra a Babilônia.

Diante de tal desenvoltura na argumentação do rei macedônio, não há contra-argumentos na narrativa. Em outras palavras, ela era *infalível* e demonstrou uma *genialidade* que se queria insuperável, tal como Arriano acrescentou no seguimento:

²⁵² ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, p. 235.

No le resulto difícil a Alejandro convencer a los suyos con estas palabras para que se dispusieran para el ataque contra Tiro. Es más, le inducía también a ello una premonición divina, porque había tenido ensueño aquella noche en el que creía aproximarse a los muros de la ciudad, donde Heracles le chocaba la mano derecha y le introducía en la ciudad; Aristandro interpretó este sueño afirmando que Tiro sería tomada a costa de un laborioso esfuerzo, cual ocurriera con los trabajos de Heracles. Y tuvo el adivino razón, pues el asedio de Tiro resultó una dura empresa. En efecto, la ciudad es una isla y está fortificada en todo su perímetro con elevados muros, y por aquel entonces el dominio del mar parecía ser todavía de los tirios, que aún disponían de gran abundancia de naves; después de éstos el control del mar estaba en manos persas. Alejandro impuso, sin embargo, sus argumentos y decidió construir un terraplén desde el continente hasta la ciudad.²⁵³

Segundo Arriano, não foi difícil para Alexandre convencer seus companheiros através de tais palavras. Ou seja, a argumentação do rei macedônio se encontrava acima de qualquer contra-proposta por parte de seus companheiros, tendo em vista que demonstrou seu exemplar e singular *conhecimento estratégico* para lidar com situações difíceis – buscando sempre encontrar a *melhor ação* que resultasse nas *melhores conseqüências*. Além disso, o presságio de uma difícil vitória que surgiu durante o sonho de Alexandre, interpretado pelo adivinho Aristandro, apareceu aqui muito mais como um elemento legitimador, vindo da esfera divina, para uma ação já antes *prevista* por Alexandre pelo seu próprio *gênio*. Portanto, o rei macedônio simplesmente não encontrava obstáculos ou situações que não conseguisse entender, muito menos idéias contrárias àquelas que defendia. Por tudo isso, deu prosseguimento à sua vontade de conquistar Tiro – uma difícil, mas bem *sucedida* e *memorável* vitória.

4.3.3 - O discurso de Calístenes

A próxima análise envolve o discurso proferido por Calístenes, historiador da campanha de Alexandre, em oposição à prática da *proskýnesis*²⁵⁴ – adotada pelo rei macedônio durante sua campanha na Ásia. Enquanto que o sofista Anaxarco, um acompanhante da expedição, defendia veementemente essa prática, legitimando a divinização

²⁵³ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. *op. cit.*, pp. 236-237.

²⁵⁴ Proskýnesis: trata-se de um antigo costume persa, segundo o qual todas as pessoas, na presença do rei, deveriam se curvar à sua frente. Por sua vez, gregos e macedônios se posicionavam contra tal prática, tendo em vista que apenas à divindade era digno de se prostrar.

de Alexandre ainda em vida, Calístenes, defendendo o ponto de vista dos macedônios, realizou o seguinte discurso:

Anaxarco, de ningún honor que atribuible sea a un hombre declaro yo indigno a Alejandro; pero son muchos los medios de distinguir qué honores son propios del hombre y cuáles han reservado los hombres a los dioses. A los dioses se les erigen templos e imágenes, se les reservan bosques sagrados, a ellos se les sacrifica, y en su honor se celebran libaciones y se componen himnos; a los hombres, en cambio, corresponden los elogios. Mas en modo alguno esta costumbre de la *proskýnesis* es cosa insignificante. Los hombres, al saludarse se dan un beso de amistad; pero si la *proskýnesis* se reserva a la divinidad como máximo honor es porque se trata de algo que está por encima de nosotros y no nos es lícito ni siquiera tocarlo; también en su honor se organizan los coros y se entonan peanes. Nada hay de extraño en ello, cuando ni siquiera los dioses todos reciben idénticos honores. Es más, por Zeus, hasta los héroes reciben honores distintos del de los dioses. No parece, pues, adecuado confundir todo esto y ensalzar a los hombres a una dignidad excesiva, exagerando sus honores, para aminorar (en la medida en que los hombres pueden influir en esto) la honra de los dioses hasta niveles inadecuados, queriéndolos igualar a los hombres.²⁵⁵

A questão posta em debate e criticada por Calístenes foi referente à prática da *proskýnesis*, antigo costume persa de reverencia ao rei. Partindo da contraposição divindade/humano, Calístenes entendia que certas honras poderiam ser prestadas apenas aos deuses, enquanto que outras seriam mais apropriadas aos homens. No seu pensamento, a *proskýnesis* era um tipo de honra máxima, a qual deveria ser prestada apenas aos Deuses. Desse modo, aos homens não caberia tal reverência – pois se trata de uma honra acima de qualquer humano. Por fim, Calístenes continuou ressaltando que não é adequado confundir ou exagerar nas honras, conferindo aos homens um tipo de dignidade excessiva que não lhes seria apropriado – fato que, quando consumado, colocaria homens e deuses no mesmo patamar. Após enfatizar seu ponto de vista contrário ao de Anaxarco, Calístenes continuou desenvolvendo seu discurso, momento no qual apresentou uma idéia muito interessante sobre a natureza do poder de Alexandre:

Alejandro no consentiría, desde luego, que ningún particular accediera a los honores reales por elección o votación injusta; por ello parece que con mayor razón sientan aversión los dioses contra cualquier hombre que buscara para sí acceder a los honores divinos, o que consintiera que otros le otorgaran y reconocieran dichos honores. Alejandro es, y así se le considera además con toda razón, el mejor de los hombres, el más regio rey, y el

²⁵⁵ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* p. 33-34.

general más valeroso de todos los generales. Y era a ti, antes que a ningún otro, Anaxarco, a quien correspondía ser el promotor de estas reflexiones y censor de las contrarias, ya que asistes a Alejandro como sabio consejero y asesor. Inoportuno es que tú hayas encabezado una tal propuesta, en vez de recordar que no asistes ni aconsejas a un Cambises o un Jerjes, sino al hijo de Filipo, descendiente de Heracles y de Eaco, cuyos antepasados vinieron de Argos a Macedonia, donde reinan ininterrumpidamente desde entonces, no por la fuerza, sino de acuerdo con leyes justas.²⁵⁶

Ainda enfatizando a incoerência da prática da *proskýnesis* e o risco de aversão por parte dos deuses para quem buscasse esse tipo de honraria divina, Calístenes definiu o que realmente tornaria Alexandre *digno* de sua posição no poder: ele seria o *melhor* dos homens, o mais *régio rei* e o general mais *valeroso* de todos os generais. Essa tríade conceitual que Arriano estabeleceu como inerente ao rei macedônio vem exatamente no sentido de justificar sua legitimação no poder. Tais características, por sua vez, estariam de acordo com os princípios de *leis* que seriam *justas*, distinguindo essencialmente o governo de Alexandre daquele de outros reis persas – os quais, através da força, buscavam o seu consentimento no poder frente aos súditos.

O discurso proferido por Calístenes teve continuidade, mas encerramos sua análise nesse exato momento, pois sua importância para o presente estudo reside exatamente no trecho anterior, onde percebemos novamente a ênfase que Arriano conferiu à singularidade de Alexandre como governante. De fato, o grego de Nicomédia encontrou o ponto certo em sua narrativa para desenvolver um pensamento acerca da natureza do próprio poder, principalmente no que se referia aos seus elementos de legitimação. Encontramos, dentro da argumentação de Calístenes, um Alexandre que não deveria apoiar ou fortalecer sua legitimidade no governo tendo por base uma prática que o simplesmente colocasse no mesmo patamar dos deuses – não seria necessário. Claro, uma antiga descendência para com a esfera divina tornava-se respeitável, mas o que seria realmente importante demonstrar era o conjunto de suas *qualidades* enquanto homem – suas aptidões, seu preparo, sua capacidade e dons. Seriam tais características que o tornariam, conseqüentemente, o *melhor* dos homens, dos reis e dos generais – ou seja, o governante por excelência.

²⁵⁶ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* pp. 34-35.

4.3.4 - Alexandre é o melhor dos homens

A construção narrativa de Arriano, como podemos perceber, vai tornando cada vez mais clara essa indicação acerca de quem realmente mereceria estar no poder. Nosso próximo e último momento de análise – uma conversa entre o rei Dario e o eunuco de sua mulher – praticamente realça tudo aquilo que já presenciamos anteriormente. O relato desse diálogo ocorreu de modo inesperado: Arriano estava falando sobre o casamento de Alexandre com Roxana, filha do nobre bactrio Oxiartes, quando interrompeu a linearidade de sua narrativa para comentar um fato acontecido anteriormente na expedição de Alexandre. Seguimos nas palavras dos Arriano:

A propósito, se cuenta un relato, según el cual, poco después de la batalla que tuvo lugar entre Alejandro y Darío en Isso, el eunuco de la mujer de Darío había conseguido escaparse y pasarse al campamento de Dario. Al verse éste le preguntó, en primer lugar, si seguían vivas sus hijas, su mujer y su madre. Se enteró por él de que seguían vivas y que se las seguía llamando y tratando según su propio rango de familia real, al igual que cuando vivían en la corte de Darío; tras lo cual preguntó si su mujer le guardaba fidelidad. A la respuesta afirmativa del eunuco, volvió a preguntarle Darío si no había tenido que ceder por fuerza ante la intransigencia de los deseos de Alejandro. Bajo juramento dijo el eunuco: “Soberano mío, tu mujer está tal cual tú mismo la dejaste, y Alejandro es el mejor hombre y de mayor templanza del mundo”.²⁵⁷

Baseando-se na tradição, Arriano deu início à narrativa de um diálogo, rememorando um fato acontecido logo depois da batalha de Isso. Na ocasião, o eunuco da mulher de Dario tinha fugido do acampamento de Alexandre em direção ao encontro do rei persa. Este, vendo o eunuco, demonstrara preocupação, perguntando-lhe acerca do tratamento recebido por sua mãe, mulher e filhas – tendo em vista que elas se encontravam sob a tutela de Alexandre. Dario também perguntou acerca da fidelidade de sua mulher, temeroso de que Alexandre tivesse agido de modo intransigente para com ela. Realçando a verdade de suas palavras, o eunuco garantiu o bem estar da mulher de Dario, afirmando que Alexandre era o *melhor homem*, aquele de maior *temperança* no mundo. O rei persa, por sua vez, demonstrou admiração por tal comportamento de Alexandre, como destacou Arriano no seguimento da narrativa:

Ante tales palabras, Darío alzó sus manos al cielo, así rogando: “Soberano Zeus, con potestad para arbitrar los asuntos de los reyes entre los hombres,

²⁵⁷ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* p.52.

presérvame ante todo el poder sobre medos y persas, ya que tú mismo me lo diste. Pero, si no he de ser yo el rey de Asia por más tiempo, no entregues a ningún otro mortal que a Alejandro mi poder”. Hasta tal punto las acciones virtuosas merecen el reconocimiento incluso de los propios enemigos.²⁵⁸

Ao evocar a divindade máxima²⁵⁹, Darío rogou por sua permanência no poder, consentindo no fato de tê-lo recebido da própria divindade; no entanto, caso outro homem tivesse de ser escolhido para assumir o poder sobre a Ásia, que fosse este homem Alexandre. Neste momento, Arriano intervém com sua opinião na narrativa para ressaltar como foi *correto* o modo de agir por parte de Alexandre em toda a ocasião, uma atitude virtuosa que realmente mereceria reconhecimento até mesmo por parte de seu inimigo, Dario.

O *exemplum* que Arriano demonstra aos leitores através desse diálogo vem no sentido de fortalecer a imagem de Alexandre como um homem *diferenciado*, que não agia de modo intransigente – ou seja, que era *consciente* acerca do que fazia. Alexandre foi novamente qualificado, diretamente através das palavras do eunuco, como o *melhor* dos homens, aquele que apresentava a maior *temperança*. De fato, são atribuições que projetavam na imagem de Alexandre o rol de virtudes necessárias que o governante deveria possuir. Inclusive, suas reflexões e ações corretas poderiam mesmo ser consideradas “conseqüências” diretas e indicativas de todas essas qualidades que o rei macedônio possuía enquanto homem. Portanto, demonstra-se aqui a seguinte relação: Alexandre, por ser o *melhor homem*, seria o mais *legítimo* detentor do poder. Tal reconhecimento deveria ser universal, tendo em vista que o próprio rei dos persas, Dario, compartilhava e aceitava essa prerrogativa ao poder.

Portanto, não podemos compreender toda essa construção narrativa que analisamos nos três tópicos como mera descrição de acontecimentos militares, pelo contrário: a escrita da história só encontrava seu sentido quando esses acontecimentos relevassem perspectivas, trouxessem discussões e orientassem ações. Nesse sentido, a idéia do *melhor* e mais bem *preparado* homem dever assumir o poder tornava-se um pressuposto de forte potencial teórico a ser lembrando na época de Arriano e importantíssimo na contraposição passado/ presente ou Alexandre/Adriano, tal como poderemos verificar no seguimento.

²⁵⁸ ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.* p.52-53.

²⁵⁹ “Zeus” empregado aqui por Arriano provavelmente no sentido de facilitar a inteligibilidade do leitor em relação ao deus supremo.

CONCLUSÃO

Adriano, o melhor homem por sua formação

No exato momento que comentou acerca da enfermidade e morte de Alexandre, Arriano nos transmitiu a seguinte passagem:

[...] Alejandro poco después murió, pues esto era ya 'lo mejor'. Después de esto, ni Aristóbulo ni Tolomeo continúan su relato, aunque otros historiadores añaden que los Compañeros le preguntaron a Alejandro a quién desea su reino, a lo que él había contestado: “Al más capaz”.²⁶⁰

Arriano não encontrou tal conto seja na obra de Aristóbulo ou na de Ptolomeu – suas principais fontes de informação. No entanto, tal como já havia deixado claro no prefácio de sua obra, iria sim buscar na tradição e escrever em seu trabalho tudo aquilo que achasse digno de menção sobre a história da expedição de Alexandre, o Grande.

O impacto de tais palavras não expressam, devido ao toque retórico e dramático característico a elas, apenas um acontecimento de grande importância – a morte de Alexandre; elas também indicam um elemento teórico de caráter pragmático que não poderia passar despercebido: o mais *apto*, ou seja, o *melhor*, seria um *digno* sucessor. A legitimidade do homem que iria suceder a Alexandre residia, portanto, em sua dita *superioridade*. Mas o que tornaria um determinado personagem o “*melhor*”? Foi o que exatamente pudemos constatar durante nossa análise da *Anábase de Alexandre Magno*, no *exempla* de Alexandre: um homem *consciente*, que possuía o *controle* das *circunstâncias* e *situações* atenuantes; *controle* que advinha do seu *raciocínio apurado*, que o levava a *considerar* e *compreender* todas as *variáveis* (*técnicas*, *morais* ou mesmo *psicológicas*) de uma dada ação, junto às suas *conseqüências*, para sempre agir corretamente em momentos decisivos de sua expedição; momentos que foram exemplificados em nossa análise através da *estratégia racional* que o levou a *superação* de um obstáculo natural, da *argumentação precisa* no confronto de idéias que manteve durante os diálogos com Parmênio e também por meio dos discursos que presenciemos ao longo da obra, os quais celebravam Alexandre como *virtuoso* e o *melhor* dentre os homens.

²⁶⁰ ARRIANO. *Anábase de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. *op. cit.*, p.250-251.

Acreditamos que todas essas características que o rei macedônio assumiu podem ser resumidas em termos de poucas palavras: Alexandre teve uma *formação* especial, *educacional*, a qual lhe conferiu uma determinada *personalidade*. Essa personalidade o demonstrava como um homem *perspicaz* e de grande *conhecimento*, ou seja, *paidéia*.²⁶¹ Sendo aquele mais bem *preparado e educado*, Alexandre tornava-se o *legítimo* governante.

Portanto, a partir de nossa análise, o que pudemos notar foi a construção e valorização de uma determinada perspectiva teórica acerca do poder, pautada na utilização da história de Alexandre²⁶², a qual relacionava formação educacional e conhecimento (*paidéia*) como pressupostos inalienáveis ao governante.²⁶³ No que se refere a tal perspectiva, não podemos deixar de entrever uma aproximação, em termos teóricos, para com certos aspectos do modelo idealizado de governo denominado *basiléia*. Segundo o historiador Renan Frighetto, esse modelo foi inicialmente proposto “por pensadores gregos do século IV a.C., especialmente

²⁶¹ Para uma definição geral do conceito, verificar nota 79.

²⁶² Houve uma tendência crescente, a partir de Augusto, no emprego e “utilização” da história de alexandrino à título de comparação e referência no ambiente de poder do Império Romano. Segundo Alejandro Bancalari Molina, “Con el advenimiento y la consolidación paulatina del régimen imperial, la *aemulatio* o *imitatio Alexandri* llegó a ser para muchos una verdadera añoranza. Ésta se presenta en una cuádruple perspectiva, es decir, Alejandro como modelo para cada mortal; para los monarcas de cada época; para otros grandes generales griegos y romanos y además en su calidad de visionario y constructor de un imperio universal. Con anterioridad al ascenso de Octavio Augusto, la imitación a Alejandro poseía una larga tradición que va desde Pirro, pasando por Escipión el africano, Lúculo, Pompeyo, Marco Antonio y Julio César, encarnándose en este último el modelo conquistador y político. Será a partir de Augusto que se consolida un clima favorable entre políticos, militares e intelectuales en la percepción de Alejandro como arquetipo a seguir, como conquistador del orbe, dueño del mundo civilizado (*kosmokrátor*) y creador de un nuevo orden. El ejemplo de su figura fue importante y ella se convirtió en un referente casi obligado para los escritores romanos de épocas imperiales”. In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, pp. 243-244. Verificamos também essa tendência na época de Trajano, quando o grego Dión de Prusa “toma a Alejandro como precedente a imitar por el emperador y lo presenta como una síntesis del héroe homérico y el Heracles estoico, que trabaja en favor de la humanidad a través de la conquista del mundo; por eso no es extraña la relación del discurso con la conquista dácica, por la que Trajano y su capacidad organizativa de cara a ejercer el poder de acuerdo con los intereses senatoriales fueron dos elementos influyentes en el renacimiento del mito de Alejandro, despojado de aquellas categorías que impedían su utilización como modelo digno de imitación por los soberanos romanos, necesitados de dar nuevas bases carismáticas a sus formas de dominio”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.* p. 78. Pierre Grimal alude para tal ocorrência de ordem narrativa também, ressaltando a relação do uso deste mito ao sentimento de conquista presente no espírito romano na época dos Antoninos, o qual ansiava pela conquista do reino Parto. Segundo o autor, depois da tentativa de Trajano, “a conquista do reino parto teria de ser adiada, mas o sonho permanecia. Adriano e Antonio recusaram-se a realizá-lo; mas, à sua volta, os “sofistas” celebravam a memória de Alexandre, que queriam ver como unificador da humanidade, exemplo sublime proposto aos imperadores romanos. Marco Aurélio, nos seus Pensamentos, alude aos conselheiros que persistiam em elogiar Filipe e Alexandre (Pensamentos, IX, 29)”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.* p. 105.

²⁶³ María José Hidalgo de la Vega aponta, para a época de Trajano, uma tendência teórica que já trabalhava no sentido de reforçar tal relação: o melhor regime político, a realeza, teria no rei aquele considerado o melhor governante, sendo por isso que este deveria, de modo imprescindível, ser possuidor da *paidéia*. Para maiores informações, verificar HIDALGO DE LA VEGA, Maria José. La Paidéia griega, iniciación a la realeza: los Peri basileias de Dión Crisóstomos. **Studia historica**: historia antigua, Salamanca, v. 22, 2004, p. 74.

por Isócrates e Platão, em que os melhores e mais bem preparados cidadãos exerceriam as tarefas de governo em prol de toda a comunidade política”.²⁶⁴

Domingo Plácido Suárez, em seu artigo *Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía*²⁶⁵, reforça que tal perspectiva da *basiléia* esteve sim presente na caracterização do governo de Alexandre na *Anábase de Alexandre Magno*. Segundo ele, ao apresentar Alexandre como um modelo de bom governante, Arriano teve por base uma forma de realeza tradicionalmente grega, ou seja, “heredera de la realeza antigua, la que se identifica con la aristocracia heróica, la βασιλεία homérica”.²⁶⁶ De fato, a teoria em torno desse modelo de governo pressupunha, visando o bem da comunidade política, que apenas os melhores e mais bem preparados homens – entenda-se, advindos de uma elite tradicional e aristocrática – é que poderiam assumir posições no governo com autoridade e boa liderança. Nesse sentido, o rei deveria ser exatamente o melhor dentre esses homens: o mais virtuoso e o de maior conhecimento – aquele que demonstrasse maior *paidéia*.

Ao mesmo tempo, entrevemos também a intenção de *resgate*, por parte de Arriano, de toda uma tradição helenística que prezava, dentro de uma ideologia de realeza, pela excelência na educação daqueles que iriam governar – aspecto este que também foi personificado no personagem de Alexandre, como aponta Victor Alonso Troncoso em seu artigo *La paidéia del príncipe y la ideología helenística de la realeza*²⁶⁷:

Junto a las imágenes del Alejandro conquistador, y explorador, y estadista, la historiografía helenística consagró asimismo la del rey bien educado, empezando por Marsias de Pela y Onesícrito de Astipalea, y en consecuencia también la del fomentador de la *paideia* a escala de la nueva ecúmeno gregoriental.²⁶⁸

²⁶⁴ FRIGHETTO, Renan. *Imperium et orbis*: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII). In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, p.149.

²⁶⁵ PLÁCIDO, D. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía. **Gerión**, Madrid, v.25, n.1, pp. 127-166, 2007.

²⁶⁶ PLÁCIDO, D. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía. *op. cit.*, p. 153. Ainda segundo o autor, “La figura de Alejandro se define así como eje en torno al que forman dos modos de poder personal, que siguen la tradición griega y las prácticas orientales, siempre sobre la base de que se ha utilizado el término Basiléia en ambos casos, para los príncipes homéricos o para el monarca persa.”. In: PLÁCIDO, D. **Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía**. *op. cit.*, p. 154.

²⁶⁷ ALONSO TRONCOSO, V. La *paideia* del príncipe y la ideología helenística de la realeza. **Gerión**, Madrid, v.23, n.9, p.185-204, 2005.

²⁶⁸ ALONSO TRONCOSO, V. La *paidéia* del príncipe y la ideología helenística de la realeza. **Gerión**, Madrid, v.23, n.9, 2005, p.200.

Portanto, ao escrever a *Anábase de Alexandre Magno*, Arriano resgatou aos seus contemporâneos uma perspectiva teórica acerca do poder apoiando-se em uma tradição grega e helenística de governo, adequando seu teor e tornando inteligível frente ao seu próprio tempo.²⁶⁹ Esta tradição fortalecia a preocupação e cuidado na escolha de quem deveria tornar-se governante; e, nessa escolha, pesaria muito o elemento do conhecimento e preparo – a *paidéia* que o homem deveria receber em sua educação.²⁷⁰ Assim, entre o pensamento grego/helenístico e o romano percebemos um fator de interação e, conseqüente, criação e estabelecimento de relações ou elos de inteligibilidade em torno de alguns fenômenos – sejam eles, por exemplo, de caráter político, social ou religioso.²⁷¹ A demanda em torno de uma boa educação por parte do governante, inerente ao modelo da *basiléia* grega e também uma exigência fundamental ao príncipe helenístico, foi aqui demonstrada como um desses

²⁶⁹ A historiadora María José Hidalgo de la Vega comenta que “las principales categorías político-ideológicas de esta teoría sobre la *basiléia* se habían ido gestando en el mundo helenístico y de esse escenario se proyectarán, de forma renovada, en el Império Romano en el marco de su helenización”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p.52. Segundo Claude Mossé, Arriano, em sua obra, “relata um período importante que viu nascer uma forma nova de monarquia, herdada pelo mundo romano. Alexandre é o herói dessa transformação”. In: MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. *op. cit.*, p. 184. Segundo Domingo Plácido Suárez, “La ideología imperial se apoya en una larga tradición de reconocimiento de la cultura griega como propia”. PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Un Siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. *op. cit.*, p. 26.

²⁷⁰ Henri-Irénéé Marrou, sobre a noção de educação na época helenística, comenta: “esta (a *παιδεία*) não é mais apenas a técnica própria para a criança (*παις*) que a equipa e a prepara desde cedo para tornar-se um homem; por uma ampliação notável (*αύξησις*) a mesma palavra, em grego helenístico, serve para designar o resultado desse esforço educativo, continuado para além dos anos escolares durante toda a vida a fim de realizar mais perfeitamente o ideal humano: *παιδεία* (ou *παίδευσις*) vem a significar a cultura, entendida não no sentido ativo, preparatório, de educação, mas no sentido perfectivo que a palavra tem hoje entre nós: o estado de um espírito plenamente desenvolvido, tendo desabrochado todas as suas virtualidades, o do homem tornado verdadeiramente homem; é notável constatar que quando Varrão e Cícero tiverem de traduzir *παιδεία*, preferirão dizer em latim *humanitas*”. In: MARROU, Henri-Irénéé. **História da educação na Antiguidade**. Trad. Mario Leonidas Casanova. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966, p. 158.

²⁷¹ Segundo Norberto Luiz Guarinello, “O Império Romano nunca produziu uma identidade nacional, como as criadas pelos estados-nacionais contemporâneos. Sempre consistiu numa multiplicidade de identidades étnicas praticamente irreduzíveis e apenas parcialmente integradas. Sua unidade sustentou-se a partir da construção [...] de dois campos identitários distintos, o latino e o grego, definidos basicamente pela aderência a certas normas e padrões culturais de caráter elitista”. GUARINELLO, N. L. Império Romano e identidade grega. In: FUNARI, P. P.A.; SILVA, M.A.O. (Orgs). **Política e identidades no mundo antigo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009, p.158. Segundo Pierre Grimal, a unidade do mundo romano “não estava comprometida pelo facto de metade do mundo ser de língua grega, e a outra de língua latina. Esta diferença das línguas não cria um fosso entre os dois domínios. Paradoxalmente, aproxima-os. Recordemos que o grego é, nas famílias da aristocracia, a língua de infância. O jovem Romano desde muito cedo que lê as obras do helenismo, Homero antes de Virgílio. As fábulas do jovem poeta que descobre, as que lhe são contadas, sobre os heróis e os deuses, pela ama e pelo pedagogo, ambos gregos, são as mesmas que alimentam os jovens Atenienses e que servem para ilustrar as grandes idéias morais da *paideia*. Hércules, Aquiles, Páris, são, para os adolescentes romanos, figuras familiares. Horácio, escrevendo a um dos seus jovens amigos que ‘declama’, retirado no campo, cita-lhos como exemplos úteis à vida moral. Quando começa o principado, é no mesmo mundo imaginário que mergulham os espíritos, na Grécia e em Roma. Este mundo está sempre presente, na literatura e na decoração das casas, nas pinturas que ornamentam as paredes e cujos temas se inspiram na mitologia. Esta impregnação cultural começara pelo menos dois séculos antes do tempo de Augusto. Não devemos dizer que os Romanos ‘copiaram’ os Gregos, mas que, neles e por eles, o helenismo continuara a viver, retomara um vigor que parecia fazer-lhe falta depois do florescimento dos séculos V e IV.” In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 106.

elementos compartilhados, um *ideal* que teve continuidade no tempo. Por isso, e tendo sempre em mente as transformações, adaptações, adequações e mudanças inerentes ao próprio processo histórico²⁷², a importância do presente trabalho reside também em apontar para um aspecto teórico de forte caráter legitimador para o poder que demonstrava, segundo a construção narrativa de Arriano, grande importância, naquilo que era sua essência, no cenário político romano em pleno século II d.C.

Seguindo esse pensamento, poderíamos dizer, no que se refere ao ambiente de poder do Império Romano de inícios do século II d.C., que tal pressuposto de uma *formação* necessária por parte do governante encontrava sua *utilidade* quando direcionada como elemento de reivindicação por parte do grupo senatorial em relação a escolha de quem seria o *princeps*. De fato, essa questão remontava, como vimos anteriormente no contexto, aos constantes conflitos entre o grupo senatorial e o *princeps* durante o primeiro século depois de Cristo: o Imperador era muitas vezes acusado de despótico e tirânico, ou seja, um homem que governava sem dar ouvidos à instituição que representava o Senado. Em suma, para os membros deste, não seria qualquer um que poderia almejar tal posição no poder. Dentre aqueles que poderiam, estariam exatamente os senadores. Estes defendiam a prerrogativa da tradição política que representavam, ressaltando o critério teórico de uma formação retórica²⁷³

²⁷² A questão aqui, no entanto, não é afirmar que a *paidéia* grega tenha permanecido inalterada ao longo do tempo e simplesmente se “transmitido” integralmente ao romanos. Segundo Érica Cristhyane M. Silva, devemos entender que “a *paidéia* grega, na realidade, foi seccionada e continuamente reinterpretada pelos romanos de acordo com o seu próprio universo cultural”. In: SILVA, É. C. M. . A helenização de Roma: convergências e impasses. In: Gilvan Ventura da Silva. (Org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Vitória-ES: Flor&Cultura, 2009, v. 6, p.155. Nesse sentido, destacamos o termo e conceito latino *humanitas* para nos aproximarmos de uma concepção romana de *paidéia*. Segundo Paul Veyne, “a humanidade distingue o homem civilizado do selvagem que vive do cultivo da terra, distingue também o literato [...] das pessoas grosseiras e dos membros pouco instruídos da classe poderosa que, pela sua incultura, não honram a sua classe. Além disso, *humanitas* corresponde também a outra palavra grega, *philantropia*, característica de um homem que não era duro nem arrogante, que fazia mais do que o estritamente necessário ou que não exigia tudo que lhe era devido. Nos textos jurídicos, por exemplo, a humanidade de um juiz ou do imperador manifesta-se em favores pessoais, em medidas de clemência, em perdões fiscais [...] Portanto, a *humanitas* é mais um mérito do que uma característica universal”. VEYNE, Paul. *Humanitas: romanos e não romanos*. In: GIARDINA, A. **O Homem Romano**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, 1992, p.283. Em suma, seguindo o pensamento de Maria José Hidalgo de la Vega, *humanitas* poderia ser entendida como uma cultura de elite ou civilização, sendo de Roma o papel de potência universal civilizadora do mundo. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. *Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano*. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. p. 276.

²⁷³ Segundo Henri-Irénée Marrou, “a educação romana [...] é apenas uma adaptação da educação helenística aos centros de expressão latina”. In: MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade**. Trad. Mario Leonidas Casanova. *op. cit.*, p. 155. Para Pierre Grimal, a retórica [...], tanto na Grécia como em Roma, tornara-se o instrumento por excelência da educação e da cultura. Forma o espírito das elites”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 106. Armando Plebe comenta para a época, inclusive citando Elio Aristides, uma “exaltação do valor social da retórica, sobre o que, a partir dos estóicos, já tanto se insistira”. In: PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978, p. 80. Compreendemos também o papel desempenhado pela retórica seguindo o pensamento de Antônio Lopez Eire: uma disciplina escolar (surgida na Grécia Clássica, mas com plenos efeitos na Roma Antiga) cujo propósito era em torno de uma educação moral e ética, visando sempre, através da assimilação da Paidéia, o

que eles adquiriam e, no âmbito prático, o cumprimento do *cursus honorum*²⁷⁴ – aspectos que lhes garantiriam a experiência necessária para o exercício de uma boa liderança. Portanto, enquanto parte do universo mental do grupo senatorial, a proposta teórica que encontramos na obra de Arriano vem no sentido de reforçar um demanda em relação ao poder: os mais bem *preparados* deveriam governar, sendo os *legítimos* detentores do poder para o bem de todos.

Adriano, frente à tal perspectiva, encontrava um ponto positivo para sua imagem e, conseqüentemente, fortalecimento no poder. De fato, este Imperador, enquanto filho e neto de senadores romanos, tivera uma formação que o colocava dentro das perspectivas de exigência que o grupo político senatorial requeria aos seus membros. Ou seja, que fizesse parte e consentisse do universo mental deles, compreendendo seus anseios, atitudes e demandas em torno do poder. Foi sob a tutela de Trajano, mas principalmente de Acilio Atiano (prefeito do pretório), que o jovem Adriano fora levado para Roma, pois, segundo Bernard W. Henderson:

There only could the boy receive his fitting education. Hadrian stayed in the city until his fifteenth birthday was past, and it was these few years which colored the whole of his life hereafter. A "literary education" which ends by fifteen is not wholly wasted on an enthusiastic boy who is willing and eager to work.²⁷⁵

Adriano estava se encaminhando, nesse primeiro momento, para adentrar um mundo de expectativas, no qual cada homem que desejasse um futuro promissor na política deveria

aperfeiçoamento do homem em sua vertente política de atuação na sociedade. Cf: LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008. Outro elemento que também constituía um aporte à educação das elites seriam as organizações juvenis chamadas *collegia iuvenum*. Segundo Alejandro Bancalari Molina, “su origen se remonta a la época republicana y fue sólo a partir de Augusto y los emperadores de la dinastía Julio-Claudia, que la institución se difundió lentamente centrándose en desarrollar las capacidades militares, físicas, deportivas y culturales de los jóvenes romanos. Estas asociaciones libres y amistosas – que cuentan con la protección de los emperadores -, están integradas por jóvenes de familias del orden senatorial y ecuestre en Roma y de la élite decurional en los municipios. La edad fluctuaba entre los 17 y 25 años, cuando comenzaba el *cursus honorum* [...] Examinando su origen, su estructura, su organización interna y sus diversos objetivos deportivos, religiosos y militares, hemos encontrado que tenían una vinculación con la educación formal de los sectores dirigentes del imperio. Los propósitos se lograban mediante la aplicación de un sistema educativo holístico, teórico-práctico, enfatizando en el entrenamiento físico-militar, en el espiritual-mental y en la toma de conciencia de la *civitas Romana*.” In: BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. *op. cit.*, pp. 153-154.

²⁷⁴ Lembramos aqui do chamado *cursus honorum*, o qual compreendia uma alternância de cargos políticos e militares, de crescente poder, que os membros do senado deveriam cursar visando alcançar postos de cada vez maior importância. Trata-se, nesse sentido, de comprovar experiência e testar habilidades.

²⁷⁵ HENDERSON, B. **The Life and Principate of the Emperor Hadrian, A.D. 76-138**. London: Methuen, 1923, p.14. Como ressalta Anthony Birley, “dada su condición de hijo de senador y, por tanto, de futuro senador, se esperaba que [Adriano] tomase como maestros a oradores destacados [...] Es bastante probable que Trajano animara a Adriano a sentarse a los pies de Licinio Sura, otro hispano de una de las *coloniae* de la Tarraconense”. In: BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997, p. 47.

se destacar frente aos seus, tornando-se único por suas qualidades superiores. Dentro desse mundo, Adriano demonstrou um diferencial, como novamente reforça Bernard Henderson:

For Hadrian, now first introduced to the study of Greek literature, became inspired by a passion for "the legacy of Greece" which never deserted him to his life's end. Nicknamed by his boy comrades for this enthusiasm "Hadrian the Greekling," the lad grew up in very truth a "Hellenist". His youthful devotion to Greek studies ripened and matured in the man of affairs, and bore rich fruit in one who became the most cultured and cosmopolitan of the Roman Emperors. Before Hadrian, Greek art, Greek music, Greek drama, had claimed their somewhat pathetic devotee in Nero. After Hadrian, Greek philosophy found in Marcus Aurelius its greatest Roman pupil, Greek religion its last despairing worshipper in Julian. But no Roman ever drank more deeply of that Hellenic culture which expresses itself in refinement of taste and insatiable curiosity of mind than did Hadrian. In later years he strove by ceaseless generosity to repay his debt to Greece. So notable were the fruits of the Spanish boy's few years of education at Rome.²⁷⁶

A imagem em torno de um homem bem educado e que demonstrava grande apreço pela cultura grega fora preservada para Adriano. Reforçando essa mesma idéia e recordando-se do grego de Nicomédia, Stadter reitera que:

[...] like Arrian, Hadrian found pleasure and stimulation in philosophy and literature. He was said to have know Epictetus, as well as prominent figures of the world of belles letters such as Polemon and Favorinus. He himself wrote poetry, including a famous piece to his own soul, supposedly composed on his deathbed.²⁷⁷

Desse modo, ademais do aspecto de verdadeiro interesse que Adriano possuiria pela sua aprendizagem e aperfeiçoamento, compreendemos que o universo mental do grupo senatorial, de pensamento estóico e ansioso na busca de um representante digno às suas exigências, detinha tal perspectiva da educação como um elemento capaz de possibilitar e legitimar ascensão política – fato que ele, Adriano, e seus tutores certamente tinham consciência e procuraram fortalecer. Por isso, desde quando ainda criança, verificamos essa preocupação e cuidado constantes em torno de sua formação. No entanto, foi justamente

²⁷⁶ HENDERSON, B. **The Life and Principate of the Emperor Hadrian, A.D. 76-138.** *op. cit.*, pp 14-15.

²⁷⁷ STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia.** Chapel Hill, 1980, p.10. Segundo Érica Cristhyane M. Silva, os membros da elite romana demonstravam grande interesse pela aprendizagem da língua grega, por isso buscavam freqüentar os principais centros culturais na Hélade; a adoção do grego como segunda língua da elite demonstraria a influência da *paideia* grega na sociedade romana, tornando-se a língua grega um instrumento imprescindível no que se refere a formação do “bom” homem (mais especificamente, do cidadão). SILVA, E. C. M. A helenização de Roma: convergências e impasses. In: Gilvan Ventura da Silva. (Org.). **Grécia, Roma e o Oriente.** Vitória-ES: Flor&Cultura, 2009, v. 6, pp. 139-161.

quando já havia se tornado imperador e, devido aos acontecimentos do período de ascensão, passou a sofrer sérios questionamentos por parte do grupo senatorial, que o ato de reforçar tal perspectiva teórica acerca da importância da *paidéia* enquanto fator legitimador tornava-se ainda mais importante para ele. Nesse sentido, a *comparatio* Alexandre/Adriano, possibilitada pela construção narrativa de Arriano, pode e deve ser considerada um paralelo realmente benéfico para esse *princeps* – um mecanismo que intencionalmente resgatava, aos olhos senatoriais, uma *tradição assimilada e transformada* por eles, a qual certamente vinha qualificar e legitimar o personagem Adriano no poder.²⁷⁸

A tarefa que desempenhou Arriano, quando entendida desse modo, poderia ser considerada de grande valia ao seu amigo Adriano. No entanto, essa “amizade” não pode ser compreendida tendo por base o significado atual da palavra; dentro do que já afirmamos antes, consideramos a relação Adriano/Arriano como a de um patrono/cliente – ou seja, que pressupunha também certo apoio e troca de favores no ambiente político. Nesse sentido, o benefício que recebeu Arriano foi justamente sua ascensão política.

Além disso, ainda que consideremos o personagem Arriano e sua obra como singulares e específicos na história, o papel que o presente autor desempenhou veio no sentido e caracterizou uma espécie de “fundo político”²⁷⁹ do movimento da Segunda Sofística. A historiadora María José Hidalgo de La Vega, em obra intitulada *El intelectual, la realeza y el poder político em el império romano*²⁸⁰, definiu a categoria de “intelectual”²⁸¹ para tais

²⁷⁸ Destacamos a seguinte reflexão de María José Hidalgo de la Vega, para a qual o estudo de uma construção teórica acerca do poder em torno da concepção de *Basiléia* para a época de Arriano possibilitaria, inclusive, uma análise em torno da expressão das tradições, inovações e mudanças que se davam no modelo imperial romano. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político** *op. cit.*, p. 58.

²⁷⁹ Segundo Pierre Grimal, os membros desse movimento, “orgulhosos do passado do helenismo, sentem-se atraídos pelo de Roma. Estabelecem uma comparação entre o ‘fenômeno romano’ e o ‘fenômeno grego’ [...] Comparação que só tem sentido se assentar na idéia de que em ambos os domínios se aplicam os mesmos valores, de que existe uma excelência humana universalmente válida [...] estes sofistas admiram verdadeiramente Roma. O que eles dizem não decorre da simples lisonja. O sucesso material surpreende-os. O Império é um fenômeno único [...] As duas civilizações [grega e romana] são apresentadas como complementares. Atenas, diz Aristides, inventou tudo, excepto uma arte, que os Romanos descobriram, a de ‘mandar’, isto é, de criar uma ordem, de estabelecer relações estáveis e racionais entre as cidades e os povos. Só Roma pode realizar o ideal a que aspiravam os Gregos no tempo de Isócrates e de Alexandre, o mito de uma pátria universal, onde reinariam os valores do helenismo. Tais propósitos só poderiam seduzir os meios dirigentes romanos, que não haviam renunciado ao velho sonho de alargar o *imperium* aos limites do mundo habitado”. In: GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. *op. cit.*, p. 108. Acerca da Segunda Sofística, María José Hidalgo de la Vega comenta que “en este movimiento cultural se plasman las relaciones entre la tradición helénica y el presente romano como medio de identificación de los griegos como tales y como movimiento que destaca a la *paideia* como el instrumento más eficaz para mantener la grecidad, pero también para distinguir la identidad del mejor monarca”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. *La Paidéia griega, iniciación a la realeza: los Peri basileias de Díon Crisóstomos*. **Studia historica: historia antigua**, Salamanca, v. 22, p. 74, 2004.

²⁸⁰ HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.

homens – os quais se envolviam na vida pública através da defesa de certas concepções teóricas sobre o poder:

Los teóricos del pensamiento político antiguo siempre estuvieron preocupados por el problema de la justificación del poder político, y sus temas centrales gravitaban en torno al poder, la *basileía*, el buen gobierno y la relación de los intelectuales con el propio poder político²⁸².

De fato, nossa análise acerca da *Anábase de Alexandre Magno* trouxe como perspectiva exatamente esse caráter teórico da composição de Arriano de Nicomédia, através da qual ele buscou apresentar elementos legitimadores do bom governante. Portanto, poderíamos pensá-lo também dentro dessa categoria de “intelectual” tão característica do século II d.C. Além disso, Maria José Hidalgo de la Vega também ressaltou que era comum o engajamento político por parte desses homens em relação ao poder imperial:

Estos intelectuales griegos, que a su vez son muy romanos, no solo tratan de escribir sobre el pasado cultural griego sino que se implican en la política concreta de las ciudades y se erigen en consejeros de los emperadores, y elaboran un discurso político-ideológico, en el límite de la conflictividad, que servirá de apoyo y de crítica al poder imperial.²⁸³

O que essencialmente distinguiu Arriano de personagens como Dión de Prusa²⁸⁴ ou Élio Aristides²⁸⁵ foi muito mais o modo encontrado por ele para desempenhar essa tarefa de

²⁸¹ Buscando contornar qualquer paralelo anacrônico, a autora afirma que “en la antigüedad el término se aplica a un sector minoritario de hombres de un origen social elevado, que frecuentaba las escuelas de retórica y de filosofía, al tiempo que poseía unas cualidades indispensables para la comunicación tanto literaria como oratoria de cara a su influencia hegemónica en la sociedad”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p.49.

²⁸² Idem, p.50.

²⁸³ HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del *oikoumene* en el Imperio Romano”. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. pp. 283-284.

²⁸⁴ Maria Jose Hidalgo de la Vega apresenta o grego Dión de Prusa, tendo por base seus quatro discursos *Sobre a Realeza*, como “el modelo de intelectual comprometido en la actividad política con las armas de la palabra y de la escritura, que utiliza para difundir mensajes de armonía y pacificación entre las ciudades, y para elaborar una teoría política en torno a la *basileía*”; além disso, afirma que “la tradición historiográfica presenta siempre a Dión relacionado con el debate sobre la función del intelectual y como adversario de la autocracia”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María J. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p. 59. Importante também ressaltarmos que, no discurso II *Sobre a realeza*, Dion de Prusa apresenta um diálogo entre o jovem Alexandre e Filipe II da Macedônia, reforçando a imagem e importância do primeiro como conselheiro do rei. Segundo Maria Jose Hidalgo de la Vega “El Alejandro dioneo responde a la imagen idealizada del monarca estoico, amante de la sabiduría y de la vida natural, expresada en un tipo de música, conquistador u al mismo tiempo integrador y capaz de crear la concordia. Esta imagen alejandrina se adecua perfectamente a las necesidades del momento, centradas en un renacimiento de ideas expansionistas, llevadas a la práctica por Trajano” In: HIDALGO DE LA VEGA, María J. **El intelectual, la realeza y el poder político**. *op. cit.*, p. 80.

discussão teórica sobre o poder: através da composição de uma obra essencialmente histórica. Na potencialidade que o discurso histórico assumia na sociedade greco-romana, Arriano apresentou, como fruto de seu trabalho, perspectivas teóricas enquanto *exemplos* através de uma narrativa que destacou a importância, singularidade e universalidade de Alexandre enquanto modelo ideal de governante. De fato, naquilo que lhe interessava apresentar aos seus leitores sobre a expedição de Alexandre, o grego de Nicomédia empenhou-se na construção de um personagem histórico que se apresentasse como um ideal, como realmente o melhor em todos os sentidos. O desejo, por parte do autor, em fixar tal perspectiva foi reforçado por ele ao final de sua obra, através das seguintes palavras:

[Alexandre] Fue el hombre de más bello cuerpo, más amante del esfuerzo y de mente más aguda, el más valeroso y amante de la gloria y de los peligros, así como el más piadoso con los dioses. El de mayor templanza con los placeres del cuerpo y, respecto a los placeres del espíritu, jamás se saciaba su afán de gloria. El más capaz de comprender lo necesario en medio de la mayor oscuridad y el más feliz en conjeturar lo verosímil cuando todo era meridianamente claro. Era también el más experto en organizar, equipar y ordenar un ejército. Como nadie sabía levantar el ánimo de sus soldados y colmodarlos de buenas esperanzas, así como eliminar la sensación de miedo en los peligros por su propio desconocimiento de lo que es el miedo; el más noble hombre en todos los asuntos. Cualquiera cosa que hubiera que hacer en situaciones difíciles, él lo realizaba con el mayor arrojo; y cuando había que arrebatar algo, adelantándose al enemigo, era el más capaz en anticiparse, antes de que nadie temiera que esto fuera a ocurrirle. De total fiabilidad en guardar lo pactado y convenido, el más astuto en no caer en las trampas de los embaucadores; económico al máximo con el dinero invertido en su propio placer, y muy generoso en beneficiar a los demás.²⁸⁶

Arriano, refletindo sobre o que escreveu em sua obra, considerou Alexandre como um grande *ejemplo*, um ideal de governante que, por meio de seu escrito, ressurgia de modo *digno* à luz de seu tempo. O presente estudo caracterizou justamente esse potencial teórico que uma obra assumia ao se valer do discurso histórico, através do qual o passado retornava

²⁸⁵ Maria José Hidalgo de la Vega comenta que “Elio Arístides, griego del s. II, nacido y educado en Misia, en Asia Menor, representante de la Segunda Sofística, en 144 d.C. pronunció en Roma, en el Ateneo, ante la corte imperial su discurso *Elogio de Roma*, que lo haría famoso para la posteridad. En este texto expresa la grandiosidad del Imperio Romano, la armonía de su administración, la sumisión de todos a la autoridad del emperador, garante del bienestar universal, y en el que Roma es visionada como una cosmópolis, y compara al Imperio con la *oikoumène*, como estado mundial altamente desarrollado, culturizado, próspero y homogéneo. Arístides era conocedor de la doctrina que circulaba entre sus coetáneos sobre la misión universal de Roma e intenta hacer un razonamiento sobre la misma, al presentar la conquista romana y el Imperio como una obra de transformación completa del ambiente y de la vida social de todo el género humano”. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. Algunas reflexiones sobre los límites del *oikoumene* en el Imperio Romano”. **Revista Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. p. 279.

²⁸⁶ ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros IV-VIII. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, pp. 252- 253.

ao presente para instruir e orientar os homens em suas escolhas, ações e comportamentos. Na Roma da primeira metade do século II d.C., um trabalho como esse teria forte impacto entre os círculos de poder, sendo apresentado perante os homens num clima de exaltação e expectativa – conforme buscamos demonstrar na construção literária ao início de nosso trabalho. Através de nossa análise da *Anábase de Alexandre Magno*, vimos que tal resgate teve uma intencionalidade própria, visando estabelecer um paralelo e comparação entre o governante do passado, Alexandre, e o governante do presente, Adriano. Este, por sua educação e preparo, seria projetado aos olhos da comunidade política como melhor dos homens, ou seja, o melhor e legítimo governante (*optimus princeps*) – tal como o rei macedônio fora no passado. A obra de Arriano de Nicomédia, nesse sentido, estabeleceu os preceitos teóricos de uma meritocracia baseada na idéia de formação do homem.

REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes:

ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno: libros I-III**. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno: libros IV-VIII**. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

DIO CASSIUS. **Roman History**. Volume VIII. London: Loeb Classic Library, 1914,

POLÍBIO. **Historias: livros V-XV**. Trad. de Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 1981.

TUCÍDIDES. **Historia de la guerra del Peloponeso: libros I – II**. Trad. Juan José Torres Esbarranch. Madrid : Gredos, 1990.

Bibliografia:

ALONSO TRONCOSO, V. La paideia del príncipe y la ideología helenística de la realeza. **Gerión**, Madrid, v.23, n.9, p.185-204, 2005.

AROSTÉGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução de Andréa Dore. Bauru: EDUSC, 2000.

BANCALARI MOLINA, Alejandro. **Orbe Romano e Império Global**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2008.

BIRLEY, A. **Adriano**. Trad. José Luis Gil Aristu. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

_____. Hadrian to the Antonines. In: **The Cambridge Ancient History**. Volume XI. The High Empire, A.D. 70–192. London: Cambridge University Press, 2008.

BLOCH, M. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 2000.

BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. Oxford, 1988.

BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- CALANDRA, E. Adriano, Emperador Filoheleno. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004, pp. 87-102.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto**. Sevilla: Fundacion Jose Manuel Lara, 2004.
- PLÁCIDO SUÁREZ, D. Intelectuales orgánicos y cultos locales (a propósito del epigrama de Córdoba dedica a Ártemis por el cónsul Arriano, con un hipótesis de lectura). **Habis**, Sevilla, v.27, pp. 117-122, 1996.
- _____. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía. **Gerión**, Madrid, v.25, n.1, pp. 127-166, 2007.
- EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **Historia de la literatura clásica**. Version española de Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Gredos, 1989-1990.
- EHRHARDT, Marcos Luís. **O arquiteto do social**: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da Historia Magistra Vitae. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2008.
- ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. **O Império Romano**. São Paulo: Atlas, 1978.
- FRIGHETTO, Renan. *Imperium et orbis*: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII). In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). **Facetas do Império na História**: Conceitos e métodos. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, pp. 147-162.
- _____. Algumas considerações: o poder político na Antiguidade Clássica e na Antiguidade Tardia. **Stylos** (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 13, pp. 37-47, 2004.
- FUNARI, P. P. A. . Júlio César, poder, instituições e jurisdições na construção biográfica de Plutarco. In: Marcella Lopes Guimarães; Renan Frighetto. (Org.). **Instituições, poderes e jurisdições**. Curitiba: Juruá, 2007, p. 175-180.
- GIARDINA, A. **O Homem Romano**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, 1992.
- GRANT, M. **History of Rome**. Nova York: History Club Book: 1997.
- GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.
- GUARINELLO, N. L. Império Romano e identidade grega. In: FUNARI, P. P.A.; SILVA, M.A.O. (Orgs). **Política e identidades no mundo antigo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

- HENDERSON, B. **The Life and Principate of the Emperor Hadrian, A.D. 76-138.** London: Methuen, 1923.
- HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político.** Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.
- _____. Algumas reflexiones sobre los límites del *oikoumene* en el Imperio Romano”. **Gerión**, Madrid, 2005, v.23, n.1. pp. 271-285.
- _____. La Paidéia griega, iniciación a la realeza: los Peri basileias de Díon Crisóstomos. **Studia historica:** historia antigua, Salamanca, v. 22, 2004, pp. 71-90.
- JAEGGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego.* Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEME, André Luiz. **Ascensão e legitimação de Alexandre, o Grande, na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia.** Monografia em História pela Universidade Federal do Paraná. 2008.
- LEME, André Luiz. Arriano de Nicomédia, ideólogo do poder: considerações sobre os aspectos da formação do líder exemplar na *Anábase de Alexandre Magno.* **Revista Alétheia.** n°2, v.2/2, agosto/dezembro de 2009, p.1-17.
- LEME, André Luiz. O fazer histórico enquanto fonte de legitimação para o poder na Roma do século II d.C.: a Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. **História, Imagem e Narrativas,** v. 11, p. 1-15, 2010.
- LEME, André Luiz. Aspectos teóricos do poder na Roma do século II d.C.: Os diálogos de Alexandre e Parmênio na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. **História e-História,** v. 2010, p. 14/09/2010, 2010.
- LEME, André Luiz. Aspectos teóricos de uma proposta historiográfica: verdade e dignidade na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. In: **4º Seminário Nacional de História da Historiografia,** 2010, Mariana/MG. 4º SNHH. Mariana/MG : UFOP, 2010. v. 4. p. 1-9.
- LEME, André Luiz. O modelo político de Alexandre, o Grande, na Roma do século II d.C.: perspectivas teóricas na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia. In: **V Semana de História Política / II Seminário Nacional de História: Política e Cultura & Política e Sociedade,** 2010, Rio de Janeiro. Anais da V Semana de História Política / II Seminário Nacional de História: Política e Cultura & Política e Sociedade. Rio de Janeiro : UERJ / PPGH, 2010. p. 127-136.
- LESKY, Albin. **História da Literatura Grega.** Tradução de Manuel Rosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- LÉVEQUE, Pierre. **Impérios e Barbáries do século III a.C. ao século I d.C.** Tradução de Ana Maria Rabaça. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

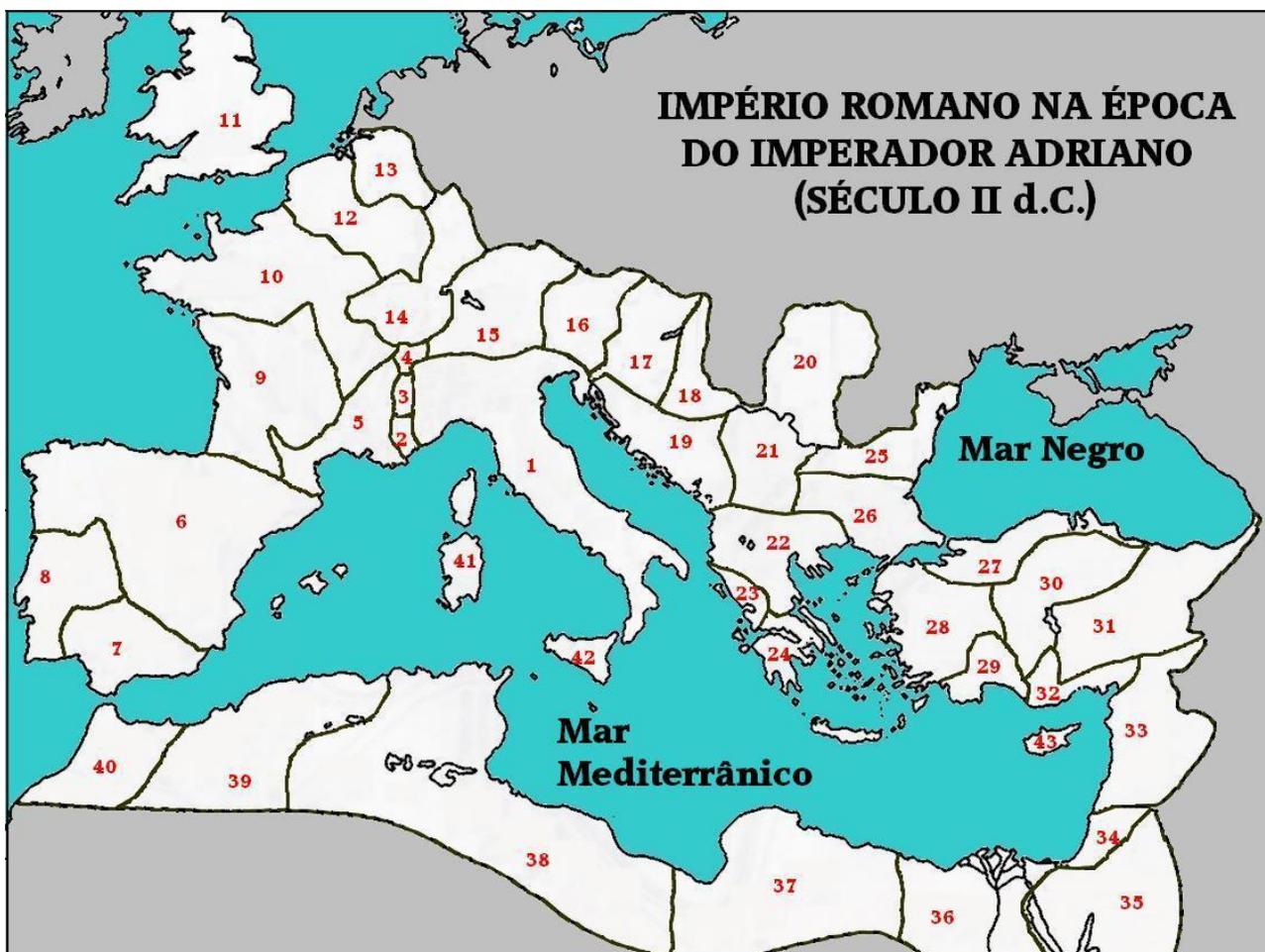
- LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. **Talia Dixit**, Salamanca, nº3, 2008, pp.1-32.
- LOZANO VELILLA, Arminda. **El mundo helenístico**. Madrid: Editorial Síntesis, 1992.
- MANUEL ROLDÁN, José; MARIA BLÁZQUEZ, José; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**: Tomo II - El Imperio Romano. Madrid: Cátedra, 1989.
- MARROU, Henri-Iréné. **História da educação na Antiguidade**. Trad. Mario Leonidas Casanova. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966.
- MILLAR, Fergus. **El Imperio Romano y sus pueblos limítrofes**. Madrid: Siglo veintiuno, 1973.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- MOSSÉ, C. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004.
- PETIT, Paul. **La paz romana**. Barcelona: Editorial Labor, 1969.
- PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978.
- PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- ROLDÁN, J. M.; BLÁZQUEZ, J. M.; DEL CASTILLO, A. **Historia de Roma**. Tomo II: El Imperio Romano (siglos I-III). Madrid: Ed. Cátedra, 1989.
- ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovich. **História de Roma**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SILVA, É. C. M. A helenização de Roma: convergências e impasses. In: Gilvan Ventura da Silva. (Org.). **Grécia, Roma e o Oriente**. Vitória-ES: Flor&Cultura, 2009, v. 6.
- SPAWFORTH, A. J. S. Adriano y el pasado griego. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E (Eds.). **Adriano Avgvsto. op. cit.**, p. COLOCAR PP.
- STADLER, Thiago David. **O poder das palavras na idealização de um princeps – epistolário cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98 – 113 d.c)**. Dissertação em História defendida na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2010.
- STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980.
- SYME, R. The Career of Arrian. **Harvard Studies in Classical Philology**. Vol. 86, 1982, pp. 181-211.

- VEYNE, Paul. Humanitas: romanos e não romanos. In: GIARDINA, A. **O Homem Romano**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, 1992, pp. 283-302.
- VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. Maringá, 2001.
- TORREGARAY PAGOLA, Elena. La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica. **Gerión**, Madrid, v.21, n.1, p.137-166, 2003.
- ZAMPAGLIONE, Gerardo. **The Idea of Peace in Antiquity**. Translated by Richard Dunn. Indiana: University of Notre Dame Press, 1973.

ANEXO I – CRONOLOGIA DA VIDA DE ARRIANO

Datas	Arriano de Nicomédia	Império Romano
90 d.C.	Data aproximada para o nascimento de Arriano na cidade de Nicomédia, na província romana da Bitínia-Ponto	
96 d.C.		Domiciano assassinado; Nerva torna-se o novo Imperador
98 d.C.		Trajano sucede à Nerva
101-102/105-106 d.C.		Guerras de Trajano na Dácia
107-110 d.C.	Estudos na cidade de Nicopolis com Epicteto, onde inicia a escrita das <i>Dissertationes</i>	
114-117 d.C.		Guerra de Trajano contra o reino Parto
117 d.C.	Entrada de Arriano para o Senado	Adriano sucede a Trajano
126 d.C.	Proconsul na <i>Hispania Baetica</i>	
129 d.C.	Consul Suffectus em Roma	
131-137 d.C.	Governador da Capadócia: <i>legatus Augusti pro praetore Cappadociae</i>	
135 d.C.	Invasão dos Alanos e ação militar de Arriano	
138 d.C.		Antonino Pio sucede à Adriano
145-146 d.C.	Arconte epônimo em Atenas; última data segura em relação à vida de Arriano	

**ANEXO II – IMPÉRIO ROMANO NA ÉPOCA DO
IMPERADOR ADRIANO (SÉCULO II d.C.)**



- | | | | |
|---------------------------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|
| 1 Italia | 13 Germania Inferior | 25 Moesia Inferior | 37 Cyrenaica |
| 2 Alpes Maritimae | 14 Germania Superior | 26 Thracia | 38 Africa |
| 3 Alpes Cottidae | 15 Raetia | 27 Bithynia et Pontus | 39 Mauretania Ceasariensis |
| 4 Alpes Poeniae | 16 Noricum | 28 Asia | 40 Mauretania Tingitana |
| 5 Gallia Narbonensis | 17 Panonia Superior | 29 Lycia et Pamphylia | 41 Sardinia et Corsica |
| 6 Hispania Terraconensis | 18 Panonia Inferior | 30 Galatia | 42 Sicilia |
| 7 Hispania Baetica | 19 Illyricum-Dalmatia | 31 Cappadocia | 43 Cyprus |
| 8 Lusitania | 20 Dacia | 32 Cilicia | |
| 9 Gallia Aquitania | 21 Moesia Superior | 33 Syria | |
| 10 Gallia Lugdunensis | 22 Macedonia | 34 Syria Palaestina | |
| 11 Brittonia | 23 Epirus | 35 Arabia Nabatea | |
| 12 Gallia Belgica | 24 Achaea | 36 Aegyptus | |

ANEXO III – TABELA DAS CARACTERÍSTICAS PERSONALISTAS DE ALEXANDRE, O GRANDE.

LEGENDA:

- (1) Demonstra *zelo*, agindo com *prudência* para proteger suas tropas.
- (2) Frente à uma situação difícil, *enfrenta* o perigo e demonstra *coragem*.
- (3) Busca *orientar* seus companheiros através de *prevenções e recomendações*.
- (4) Apresenta *controle* sobre a situação, buscando *compreender/ considerar* as circunstâncias atenuantes de cada momento.
- (5) Age de modo *consciente*, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário.
- (6) Sua ação compreende uma *estratégia* de movimentos, um *planejamento*.
- (7) Demonstra *versatilidade* ao lidar com vários problemas ao mesmo tempo.
- (8) Sua *liderança* específica leva ao *sucesso* de sua empresa.
- (9) O pensamento de Alexandre é essencialmente *racional*, demonstrando *senso crítico*.
- (10) Alexandre demonstra-se *persistente* e dotado de grande *vigor*, um homem *capaz e hábil*.
- (11) Apresenta argumentos que *desqualificam* a opinião ou estratégia de outro, ressaltando sua maior *reflexão e conhecimento* sobre o assunto.
- (12) Torna-se uma referência de *autoridade*.
- (13) Anseia pela *justiça*.
- (14) Considerado *merecedor* da vitória.
- (15) *Praxis* de agir com *sabedoria* é nele ressaltada.
- (16) Alexandre é qualificado como o “*melhor*”, o mais *apto* e *digno* para ser rei.
- (17) A vitória *consagra* Alexandre como *líder*.
- (18) Alexandre *predestina* sua vitória, baseando-se na validade de seus argumentos.

TABELA I

<p>Análise: Obstáculos naturais – compreender para vencer</p>	<p>Características personalistas de Alexandre, o Grande</p>
<p><i>A batalha do monte Hemo</i></p>	<p>(1) Demonstra <i>zelo</i>, agindo com <i>prudência</i> para proteger suas tropas. (2) Frente à uma situação difícil, <i>enfrenta</i> o perigo e demonstra <i>coragem</i>. (3) Busca <i>orientar</i> seus companheiros através de <i>prevenções</i> e <i>recomendações</i>. (4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (5) Age de modo <i>consciente</i>, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário. (6) Sua ação compreende uma <i>estratégia</i> de movimentos, um <i>planejamento</i>. (7) Demonstra <i>versatilidade</i> ao lidar com vários problemas ao mesmo tempo.</p>
<p><i>A travessia do rio Istro</i></p>	<p>(1) Demonstra <i>zelo</i>, agindo com <i>prudência</i> para proteger suas tropas. (3) Busca <i>orientar</i> seus companheiros através de <i>prevenções</i> e <i>recomendações</i>. (4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (5) Age de modo <i>consciente</i>, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário. (6) Sua ação compreende uma <i>estratégia</i> de movimentos, um <i>planejamento</i>. (8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa. (9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i>, demonstrando <i>senso crítico</i>.</p>
<p><i>A Rocha Sogdiana</i></p>	<p>(3) Busca <i>orientar</i> seus companheiros através de <i>prevenções</i> e <i>recomendações</i>. (4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (5) Age de modo <i>consciente</i>, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário. (6) Sua ação compreende uma <i>estratégia</i> de movimentos, um <i>planejamento</i>. (9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i>, demonstrando <i>senso crítico</i>. (10) Alexandre demonstra-se <i>persistente</i> e dotado de grande</p>

	<i>vigor, um homem capaz e hábil.</i>
<i>A nascente do Rio Nilo</i>	(4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i> , demonstrando <i>senso crítico</i> .

TABELA II

Análise: Os diálogos de Alexandre e Parmênio	Características personalistas de Alexandre, o Grande
Diálogo I	(2) Frente à uma situação difícil, <i>enfrenta</i> o perigo e demonstra <i>coragem</i> . (4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (5) Age de modo <i>consciente</i> , ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário. (8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa. (11) Apresenta argumentos que <i>desqualificam</i> a opinião ou estratégia de outro, ressaltando sua maior <i>reflexão</i> e <i>conhecimento</i> sobre o assunto. (12) Torna-se uma referência de <i>autoridade</i> .
Diálogo II	(1) Demonstra <i>zelo</i> , agindo com <i>prudência</i> para proteger suas tropas. (4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (6) Sua ação compreende uma <i>estratégia</i> de movimentos, um <i>planejamento</i> . (8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa. (9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i> , demonstrando <i>senso crítico</i> . (11) Apresenta argumentos que <i>desqualificam</i> a opinião ou estratégia de outro, ressaltando sua maior <i>reflexão</i> e <i>conhecimento</i> sobre o assunto.
Diálogo III	(4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento. (8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa. (9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i> , demonstrando <i>senso crítico</i> .

	<p>(10) Alexandre demonstra-se <i>persistente</i> e dotado de grande <i>vigor</i>, um homem <i>capaz</i> e <i>hábil</i>.</p> <p>(11) Apresenta argumentos que <i>desqualificam</i> a opinião ou estratégia de outro, ressaltando sua maior <i>reflexão</i> e <i>conhecimento</i> sobre o assunto.</p>
Diálogo IV	<p>(4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento.</p> <p>(5) Age de modo <i>consciente</i>, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário.</p> <p>(8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa.</p> <p>(9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i>, demonstrando <i>senso crítico</i>.</p> <p>(13) Anseia pela <i>justiça</i>.</p> <p>(14) Considerado <i>merecedor</i> da vitória.</p>
Diálogo V	<p>(15) <i>Praxis</i> de agir com <i>sabedoria</i> é nele ressaltada.</p>

TABELA III

Análise: Entre discursos e debates: ser rei é ser o melhor	Características personalistas de Alexandre, o Grande
Discurso antes da batalha do rio Isso	<p>(1) Demonstra <i>zelo</i>, agindo com <i>prudência</i> para proteger suas tropas.</p> <p>(4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento.</p> <p>(5) Age de modo <i>consciente</i>, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário.</p> <p>(8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa.</p> <p>(9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i>, demonstrando <i>senso crítico</i>.</p> <p>(10) Alexandre demonstra-se <i>persistente</i> e dotado de grande <i>vigor</i>, um homem <i>capaz</i> e <i>hábil</i>.</p> <p>(11) Apresenta argumentos que <i>desqualificam</i> a opinião ou estratégia de outro, ressaltando sua maior <i>reflexão</i> e <i>conhecimento</i> sobre o assunto.</p> <p>(12) Torna-se uma referência de <i>autoridade</i>.</p> <p>(16) Alexandre é qualificado como o “<i>melhor</i>”, o mais <i>apto</i> e <i>digno</i> para ser rei.</p> <p>(17) A vitória <i>consagra</i> Alexandre como <i>líder</i>.</p> <p>(18) Alexandre <i>predestina</i> sua vitória, baseando-se em na</p>

	validade de seus argumentos
Na costa da Fenícia, um grande desafio	<p>(1) Demonstra <i>zelo</i>, agindo com <i>prudência</i> para proteger suas tropas.</p> <p>(3) Busca <i>orientar</i> seus companheiros através de <i>prevenções</i> e <i>recomendações</i>.</p> <p>(4) Apresenta <i>controle</i> sobre a situação, buscando <i>compreender/ considerar</i> as circunstâncias atenuantes de cada momento.</p> <p>(6) Sua ação compreende uma <i>estratégia</i> de movimentos, um <i>planejamento</i>.</p> <p>(8) Sua <i>liderança</i> específica leva ao <i>sucesso</i> de sua empresa.</p> <p>(9) O pensamento de Alexandre é essencialmente <i>racional</i>, demonstrando <i>senso crítico</i>.</p> <p>(11) Apresenta argumentos que <i>desqualificam</i> a opinião ou estratégia de outro, ressaltando sua maior <i>reflexão</i> e <i>conhecimento</i> sobre o assunto.</p> <p>(17) A vitória <i>consagra</i> Alexandre como <i>líder</i>.</p> <p>(18) Alexandre <i>predestina</i> sua vitória, baseando-se em na validade de seus argumentos</p>
O discurso de Calístenes	(16) Alexandre é qualificado como o “ <i>melhor</i> ”, o mais <i>apto</i> e <i>digno</i> para ser rei.
Alexandre é o melhor dos homens	<p>(5) Age de modo <i>consciente</i>, ou seja, não toma atitudes por simples impulso ou de modo arbitrário.</p> <p>(12) Torna-se uma referência de <i>autoridade</i>.</p> <p>(16) Alexandre é qualificado como o “<i>melhor</i>”, o mais <i>apto</i> e <i>digno</i> para ser rei.</p>